



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E
PATRIMÔNIO CULTURAL

**COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS – RS: DA CRISE NA PESCA À
EXPANSÃO DO TURISMO COM BASE NO PATRIMÔNIO CULTURAL.**

MICHEL CONSTANTINO FIGUEIRA

PELOTAS

2009

MICHEL CONSTANTINO FIGUEIRA

**COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS – RS: DA CRISE NA PESCA À
EXPANSÃO DO TURISMO COM BASE NO PATRIMÔNIO CULTURAL.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Prof. Sidney Gonçalves Vieira – Orientador

PELOTAS

NOVEMBRO DE 2009

**COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS - RS: DA CRISE NA PESCA À
EXPANSÃO DO TURISMO COM BASE NO PATRIMÔNIO CULTURAL.**

Por

MICHEL CONSTANTINO FIGUEIRA

Dissertação de Mestrado aprovada para obtenção
do grau de Mestre em Memória Social e
Patrimônio Cultural, pela Banca examinadora
formada por:

Presidente: Prof. Sidney Gonçalves Vieira, Doutor em Geografia - Orientador, Departamento
de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas

Membro: Prof. Lucio Menezes, Doutor em História, Departamento de História e Antropologia
do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas

Membro: Prof. Giancarla Salamoni, Doutora em Geografia, Departamento de Geografia do
Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas

PELOTAS

NOVEMBRO DE 2009

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

F475c Figueira, Michel Constantino.
Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS : da crise na pesca a expansão do turismo com base no patrimônio cultural/ Michel Constantino Figueira ; Orientador: Sidney Gonçalves Vieira. – Pelotas, 2009. 157f. : il. ; color.

Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

1. Turismo. 2. Patrimônio cultural. 3. Cultura e mercado. 4. Colônia de Pescadores Z3 - Pelotas, RS. I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.
CDD 338.47910981657

À Cecilia Piccinini Silveira, com amor.

AGRADECIMENTOS

À Colônia de Pescadores Z3 por ser o lugar mais importante do meu mundo.

A todos os meus familiares e amigos da Colônia de Pescadores Z3 pela eterna força e por me ensinarem a ser quem eu sou.

À minha família por parte de pai.

A todos os colegas e professores do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural por me ajudarem a complementar uma etapa tão importante de minha vida.

À Paul McCartney, John Lennon, George Harrison, Ringo Starr, Roger Waters, David Gilmour, Nick Mason, Sid Barrett, Richard Wright, Noel e Liam Gallagher, Bonehead, Eric Clapton e Humberto Gessinger pelo conforto espiritual através de palavras e arranjos certos.

À Deus, seja qual for a sua descrição, pelo conforto a minha alma científica e religiosa.

“Nalguns casos, o turismo tem servido para conservar patrimônio cultural e tradições – sempre inventadas e/ou reinventadas –. Outras vezes, o turismo tem servido para inventar novas práticas culturais (sem tradição histórica) que rapidamente são convertidas e definidas como ‘tradições’ para uma melhor comercialização dos produtos turísticos. O certo é que graças a estas apropriações muitas povoações conseguem sobreviver e reproduzir-se socioculturalmente como centros de destino turístico, ultrapassando situações de pobreza”.

Xeraldo Pereiro (2006: 38)

“Na verdade, o que se busca é a recuperação de estilos de vida tradicionais, que retornam justamente por oferecer aquela “acolhida” humana e ambiental perdida nas grandes cidades”.

Mario Carlos Beni (1998: 170)

“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Constituição Federal do Brasil (Art.216, 1988)

“De um lado, os excessos geram puro espetáculo, de outro, sobreviver de migalhas torna a vida simplesmente indigna e chata”.

Eduardo Yazigi

RESUMO: Dependentes historicamente de poderes que manipulam a sua existência, muitas comunidades locais obedecem a normativas da tradição, submetem-se diante da religiosidade e do clima, são manipuladas em sua produção, submetem-se diante de mercados produtivos tradicionais e enfrentam crises econômicas que evoluem para graves problemas sociais como o êxodo rural, o desemprego, a violência doméstica, as brigas de rua, o consumo de drogas, o suicídio e os roubos e assassinatos. A Colônia de Pescadores Z3, localizada às margens da Lagoa dos Patos, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, é um exemplo desta condição imperativa. Uma sociedade de pescadores profissionais artesanais que diante da carência de perspectivas, baixa-estima e desesperança no futuro se vê a frente de uma atividade econômica alternativa focada no seu patrimônio cultural: o turismo. Sendo assim, este trabalho analisa como, diante de uma crise socioeconômica, a Colônia Z3 se apropria, valoriza e passa a proteger suas referências culturais em prol da modificação na ordem dos seus fatos sociais, com base no investimento em turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo, Patrimônio Cultural, Cultura e Mercado, Colônia de Pescadores Z3

ABSTRACT: Dependents historically of powers that manipulate its existence, many local communities obey the normative ones of the tradition, submit itself ahead of the religiosity and of the climate, are manipulated in its production, submit itself ahead of traditional productive markets and face economic crises that evolve for serious social problems as the rural exodus, the unemployment, the domestic violence, the streetfight, the consumption of drugs, the suicide and the robberies and murders. The Colônia de Pescadores Z3, located to the edges of the Lagoa dos Patos, in the city of Pelotas Rio Grande do Sul, Brazil, is an example of this imperative condition. An artisan and professional fishing society that ahead of the lack of perspectives, low self-esteem and hopelessness about the future sees itself to the front of an alternative economic activity in focus in its cultural heritage: the tourism. Being thus, this work analyzes how, ahead of a socioeconomic crisis, the Colônia Z3 appropriates itself, values and starts to protect its cultural references in favor of the modification in the order of its social facts, on the basis on the investment in tourism.

KEY-WORDS: Tourism, Cultural Heritage, Culture and Market, Colônia de Pescadores Z3

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
2. COLÔNIA DE PESCADORES Z3.....	36
3. PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO NO ANTIGO “ARROIO SUJO”	45
3.1 O patrimônio Cultural e as tradições da Colônia de São Pedro.....	49
3.2 Evolução da crise na pesca profissional artesanal.....	59
3.3 Turismo na Colônia de Pescadores Z3.....	68
3.4 Nosso papel neste processo.....	79
4. O FOCO ATUAL DO TURISMO.....	89
4.1 Simplicidade.....	90
4.2 Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.....	100
4.3 Gastronomia.....	113
4.4 Artesanato.....	123
4.4.1 Barcos em miniatura.....	133
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	150
Referências Bibliográficas.....	150
Fontes Documentais.....	157
Sites.....	157

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Colônia de Pescadores Z3.....	36
Figura 2. Pescadores Profissionais Artesanais.....	37
Figura 3. Mapas de localização da Colônia de Pescadores Z3.....	38
Figura 4. Ave silvestre, comum no local.....	41
Figura 5. Comercialização de pescados junto à “salga”.....	44
Figura 6. Pintura de <i>Iemanjá</i> em embarcação.....	54
Figura 7. Situação social de parcela significativa da população local.....	61
Figura 8. Peixarias.....	63
Figura 9. Simplicidade, gastronomia e hospitalidade.....	94
Figura 10. O ofício de “limpar” peixes.....	96
Figura 11. Alberto Mota, “Casca”, músico local.....	98
Figura 12. Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.....	101
Figura 13. Casas “enfeitadas” para celebração de Nossa Senhora dos Navegantes.....	104
Figura 14. Procissão terrestre.....	107
Figura 15. Espetáculo de religiosidade.....	108
Figura 16. Início da procissão lacustre.....	108
Figura 17. Populares acompanham saída de procissão lacustre.....	109
Figura 18. Almoço durante a festa.....	110
Figura 19. Veículos estacionados em frente ao restaurante “Delícias da Dete”.....	116
Figura 20. Turistas no “Delícias da Dete”.....	118
Figura 21. Barco em miniatura.....	133

1. INTRODUÇÃO

As transformações contemporâneas em diversas sociedades estão marcadas pelas reais necessidades de mudanças significativas na ordem de seus valores culturais, bem como na ordem dos fatos socioeconômicos. A alternativa econômica possibilitada pelo turismo focado no patrimônio cultural de sociedades marcadas por profundas crises socioeconômicas nos remete ao fato de que a cultura possui uma função muito maior do que a coesão dos grupos, através de normas e regras de caráter simbólico e normativo, transmitidas e registradas pela tradição, mas também possibilita a oportunidade de gerar mudanças contundentes na realidade destas sociedades através do seu uso como bem mercadológico, sobretudo, se a busca por trabalho, renda, elevação da auto-estima e, principalmente, independência econômica e produtiva, for de interesse das mesmas, já que muitos moradores de comunidades pesqueiras, por exemplo, são dependentes totais da cadeia produtiva da pesca.

O uso turístico das suas referências culturais legadas por antepassados por parte de comunidades de pescadores profissionais artesanais passa por um processo de formatação mercadológica dessas referências para o atendimento de turistas. Esse fator cria um quadro social em que as práticas culturais passam a ser representadas com interesse de reestruturação socioeconômica e, também, de revitalização cultural, já que este processo estimula, ainda, o renascimento de técnicas até então esquecidas. Essa reestruturação econômica e essa revitalização cultural são permeadas pelo olhar do turista que se forma a partir de um foco produzido socialmente sobre elementos culturais transformados em atrativos especiais que fundamentam a motivação para o deslocamento turístico (URRY, 2001).

Um exemplo que ilustra este processo sistemático citado acontece às margens da Lagoa dos Patos, no município de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, num vilarejo de

pescadores profissionais artesanais ¹ chamado Colônia de Pescadores Z3, cuja cadeia produtiva e seus resultados socioculturais são baseados na dependência direta do comércio pesqueiro tradicional de captura, consumo, beneficiamento e comercialização de pescados entre pescadores e atravessadores, estes últimos, intermediários da produção. Esta atividade primária que regula a vida de praticamente todos os moradores locais atravessa uma crise econômica que impede as pessoas de possuírem qualidade de vida e manter hábitos, costumes e sentimentos de pertencimento com as práticas tradicionais, obrigando grande parte deles a buscar alternativas de trabalho fora da Colônia Z3 ou, se continuarem trabalhando na Colônia de Pescadores, terão que exercer atividades distantes da sua realidade cotidiana pesqueira.

A atividade da pesca profissional artesanal conserva um cotidiano social orientado por uma relação profunda com a natureza. A configuração dinâmica do seu território apresenta elementos culturais passados por diversas gerações, particulares em razão da estética territorial única, cuja determinação ambiental fez surgir um núcleo cultural particular: crenças, medicina caseira, festas religiosas, práticas tradicionais de produção (carpintaria naval artesanal, gastronomia típica, artesanato), interpretação tradicional do meio no desempenho de atividades de trabalho (leitura das ondas, marés, ventos e estrelas), comportamento simples e rude, entre outros. Contudo, mesmo com toda esta dimensão identitária local representada, porém com uma profunda recessão econômica que figura há alguns anos, uma série de elementos culturais está passando por um potencial desaparecimento e esquecimento. Isto ocorre, porque a Colônia de Pescadores Z3, empobrecida e sem perspectivas de um futuro promissor, enfrenta problemas históricos como dependência do atravessador, desvalorização de pescados, a falta de hábito nacional de consumo de pescados, a proibição da pesca durante vários meses ao ano e a concentração da renda nas mãos de poucos. Estes fatores estimulam o êxodo dos mais jovens em direção aos centros urbanos em busca de oportunidades de trabalho e renda. Essa problemática sociocultural não afeta apenas aos pescadores e sim toda a sociedade local, visto que a cadeia produtiva da pesca tem efeito multiplicador em toda a economia local, o que faz surgir, historicamente, outras formas de emprego em diferentes setores, tais como supermercados, farmácias, indústrias de beneficiamento, cooperativas, bares, padarias, entre outros.

Por outro lado, em decorrência desta situação, muitos moradores ao verem seu tecido sociocultural padecendo de problemas passam, com o apoio de terceiros, a interpretar a sua

¹ São considerados pescadores profissionais artesanais, porque diferem dos pescadores industriais pelo tamanho das suas embarcações, técnicas de trabalho e nível de produção. São, assim, classificados pela Capitania dos Portos, Marinha do Brasil e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente – Ibama.

própria cultura com vistas ao investimento no mercado turístico: alternativa para uns e atividade principal para outros. Dessa forma, partindo não da hipótese, mas de experiências práticas concretas e viabilizadas na inter-relação entre turismo e patrimônio cultural com a Colônia de Pescadores Z3, no presente trabalho faremos uma reflexão sobre a expansão da relação entre patrimônio cultural e turismo na Colônia de Pescadores Z3, oportunizada e interpretada para minimizar as suas críticas dificuldades sociais e culturais: "La conversión de una área en receptora de turistas viene facilitada por su pobreza" (SANTANA, 2006: 57).² A alternativa econômica possibilitada pelo turismo através do uso do patrimônio cultural local publica rapidamente a relação entre o simbólico e o mercadológico na medida em que institui uma revitalização de elementos em desaparecimento, valoriza hábitos e costumes em esquecimento e oportuniza a geração de trabalho e renda.

Através de estímulos realizados por agentes externos, apoiados por estratégias de orientação, uma série de diversidades culturais legadas por gerações de uma mesma família passa a ser gradativamente transformadas em produtos turísticos, elevando o grau de participação de pessoas e grupos locais – maioria antes deslocada da distribuição equitativa da renda gerada pela pesca (em razão da dependência de atravessadores e comerciantes) – na ação do empreendedorismo turístico em busca de independência financeira, ocupação e manutenção da identidade. Essas transformações estão marcadas pelas reais necessidades de mudanças importantes na ordem dos fatores que caracterizam a realidade local, com base na utilização da própria cultura. Pensadores como Johnson (1999), explicam que muitas formas culturais assumem formas de mercadorias capitalistas em nossa sociedade atual (JOHNSON, 1999:35).

Com isso, o presente trabalho justifica-se pela sua dinâmica reflexiva ao analisar uma sociedade de pescadores empobrecida. Estes povos, normalmente, não têm o seu devido valor despertado nos estudos sobre patrimônio cultural (PELEGRINI & FUNARI, 2008). Além disso, este é um caminho pouco percorrido pela ciência do turismo. Um fator que chamou a atenção no decorrer das atividades de pesquisa, o que nos fez utilizar parte de nossos textos publicados em periódicos local como embasamento teórico, já que dedicamos grande parte de nossa vida acadêmica a uma reflexão turística sobre sociedades locais (rurais, urbanas e costeiras) oprimidas reguladas historicamente por dependências produtivas.

Desta maneira, transformar o patrimônio cultural em produto vendável pressupõe que se esteja mercantilizando a cultura. Contudo, toda cultura representa uma herança social de

² “A conversão de uma área em receptora de turistas vem facilitada por sua pobreza” (SANTANA, 2006: 57).

que os indivíduos dispõe para seu uso coletivo. No turismo, por exemplo, a cultura enquanto legado dos povos constitui-se em objeto manipulável pelo mercado como uma estratégia de incentivo socioeconômico e mecanismo de reconstrução de tecidos sociais em crise. Dias (2006) explica que o papel de incentivar a ativação do patrimônio para atração turística, de modo a gerar uma movimentação econômica que contribua para o desenvolvimento local, é um discurso pouco abordado sobre o turismo do ponto de vista teórico (DIAS, 2006). Por isso, o objetivo geral deste trabalho é refletir sobre o processo incipiente e atual de expansionismo do turismo na Colônia de pescadores Z3, tendo por base o interesse específico deste turismo focado no consumo de parte de seu patrimônio cultural.

Os objetivos específicos são: descrever a realidade socioeconômica e cultural local, analisando seus hábitos cotidianos (trabalho, lazer e sociabilidade), traçando uma caracterização da localidade; identificar elementos que configuram o patrimônio cultural local: artesanato, gastronomia, festas religiosas, poesias, expressões lingüísticas, medicina caseira, ritmos temporais, entre outros aspectos; analisar o processo de evolução da crise na pesca: quais os fatores responsáveis por esta crise e os resultados sociais e culturais da mesma; identificar quais fatores influenciam na interpretação e empreendedorismo local de investimento no setor do turismo e como ele se destaca em termos de produção alternativa ou de substituição da produção; realizar um apanhado, através de pesquisa bibliográfica, sobre o nosso papel, enquanto agentes fomentadores do turismo local, na medida em que, como ex-moradores, ainda vivenciamos a cultura local e acompanhamos de perto a evolução da crise na pesca local. Quais as nossas ações em prol do incentivo aos usos turísticos do próprio patrimônio cultural na Colônia Z3, e quais os resultados sociais de nossas ações; identificar os elementos de maior apreciação pelos turistas que visitam a Colônia de Pescadores Z3. Quais os produtos, serviços e diferenciais culturais oferecidos e qual o perfil dos visitantes no que tange motivações e expectativas de viagem. Quais as considerações de sua visita e qual o posicionamento dos moradores empreendedores neste processo. É preciso frisar, que diante deste processo interpretativo, os valores socioculturais levados ao quadro social do turismo são orientados pela “nuvem” do mercado, e isto é algo central no nosso processo reflexivo, o que o sociólogo jamaicano Stuart Hall considera preponderante nas análises atuais em que a cultura seja repensada para suprir necessidades teóricas que focalizem “o relacionamento entre sociedade, economia e cultura” (HALL, 1992). Trataremos de analisar quais as mudanças observadas na Colônia de Pescadores Z3 com o expansionismo do turismo, atualmente, buscando compreender quais as interligações e projeções do desenvolvimento do turismo com base no patrimônio da Colônia Z3 com as tendências teóricas e discursivas do

turismo moderno e do patrimônio cultural, e a relação de ambas as disciplinas; Trataremos de identificar quais foram os resultados obtidos desta relação durante esse processo de diversificação socioeconômica local através de uma atividade de produção alternativa, cuja dimensão passa a ser assimilada ao cotidiano de uma sociedade pesqueira repleta de hábitos tradicionais, estimulando uma nova cadeia produtiva, porém, ainda, baseada na produção da pesca profissional artesanal. São essas especificidades a serem identificadas e analisadas que nos ajudarão a atingir o objetivo geral deste trabalho. Para isso, nos utilizaremos de um aporte teórico condizente com nossa proposta de trabalho, além da aplicação de métodos específicos no atendimento a proposta do mesmo.

No desenvolvimento deste trabalho nos ancoramos em um aprofundado referencial teórico condizente com os objetivos do mesmo. Os principais autores utilizados em nosso trabalho são: o inglês John Urry e sua obra *O olhar do Turista* (2001) e suas abordagens sobre o esquema social de construção do sentido que o viajante passa a dar aos lugares; Pelegrini & Funari (2008) com o seu *Patrimônio Imaterial* que aborda a questão da inovação do olhar social e acadêmico que se tem sobre a terminologia *patrimônio cultural* que passa a ser encarado não apenas sob uma ótica materialista das grandes instituições e da elite, mas, também, pela sua intangibilidade herdada e vista como legado dos povos subalternos; o Sociólogo Jean Ziegler (1996) com o espetacular *A Vitória dos Vencidos*, responsável por nos despertar para a compreensão da função social da cultura no enfrentamento das dificuldades impostas pelas diferentes formas de poder, seja este poder político, econômico, religioso, climático e, mesmo, cultural; Agustín Santana (2006), antropólogo espanhol que analisa em sua obra *Antropologia y Turismo*, a construção do resultado cultural que surge da relação entre a cultura das sociedades receptoras e a cultura dos turistas; e Encarnación Criado (2006) que analisa, em sua obra *Entra la tradición y la modernidad: las artesanías una propuesta de análisis*, como as formas artesanais vão sendo direcionadas e assimiladas pelo mercado turístico (URRY, 2001; PELEGRINI & FUNARI, 2008; ZIEGLER, 1996; SANTANA, 2006); CRIADO, 2006).

Além de atividades de pesquisa de campo, para amparar uma discussão teórica sobre a Colônia de Pescadores Z3 e sua atividade pesqueira, nos baseamos em pesquisas e artigos sobre a situação da pesca local. Entre os trabalhos utilizados encontram-se: Figueira (2006^a, Monografia) e Pieve, Miura & Rambo (2007). Tais autores descrevem o cotidiano da Colônia de Pescadores Z3 sobre a ótica da produção na pesca, além de analisarem o histórico e as atividades socioeconômica e culturais locais, incluindo o turismo (FIGUEIRA, 2006; PIEVE, MIURA & RAMBO, 2007).

Para uma análise da sociabilidade e hábitos culturais no campo da produção de sociedades de pescadores, e outras sociedades tradicionais, nos amparamos nos trabalhos de Pessanha (2003), Bordieau (1979), Furlan (2003) e Goodey (2002).

Este último analisa as mudanças que ocorrem nos sistemas representativos que regulamentam o funcionamento das sociedades, o que lhes oferece propostas de desenvolvimento no turismo (GOODEY, 2002). Esta percepção do mesmo autor nos embasou na compreensão das mudanças observadas na Colônia Z3 com a necessidade de transformação de sua realidade social.

Complementando, Pessanha (2003) faz uma análise antropológica social da pesca na localidade de Itaipu, no Estado do Rio de Janeiro, onde avalia como o sentido de reciprocidade e companheirismo dita as regras de um jogo cultural de produção, onde cada ação e posição social possuem um ator responsável pela harmonização do ambiente de trabalho (PESSANHA, 2003). Sua pesquisa serviu para embasarmos a construção de nossa caracterização da Colônia de Pescadores Z3, na medida em que a leitura de Pessanha (2003) serviu de parâmetro para um entendimento do sistema socioeconômico produtivo e cultural local, onde também observamos ações de reciprocidade, companheirismo e posição social de grande importância para alguns atores dentro do grupo (PESSANHA, 2003).

Bordieau (1979) nos auxilia teoricamente, com base nos ritmos temporais e o respeito às normativas tradicionais do trabalho em grupo na Colônia Z3. Este autor, após analisar o processo de respeito aos ritmos temporais de trabalhadores da Argélia, coloca em evidência que a coesão dos grupos se dá, também, na respeitabilidade do conjunto de normativas temporais na tradição do trabalho coletivo (BOURDIEU, 1979).

Furlan (2003) em suas pesquisas sobre o papel social de um sujeito ecologicamente construído, coloca a importância de que os pesquisadores sociais analisem e interpretem as relações de poder, as práticas produtivas, o sistema de mobilidade social, entre outros aspectos (FURLAN, 2003). Foi justamente isto que procuramos realizar em nossas pesquisas com a Colônia de Pescadores Z3. Ou seja, descrever o seu funcionamento social com base nas relações sociais de poder, de sistemática produtiva na pesca profissional artesanal, de mobilidade social na busca por alternativas de trabalho, mercado, produção, entre outros aspectos que surgiram com o andamento da pesquisa.

Sobre a relação entre patrimônio e turismo, nos valem de uma série de autores, cujos trabalhos discorrem sobre cultura e patrimônio cultural, bem como sobre a relação existente entre patrimônio e turismo. Sobre cultura nos ancoramos em Pelegrini & Funari (2008), os quais explicam que a cultura representa tudo o que se manifesta simbolicamente em cada

sociedade, ou seja, é sinônimo de diversidade. Isto nos amparou, com base, também, na visão de Johnson (1999), Barreto (2000) e Woodward (2000) para traçar categorias, descrever elementos e compreender as diversidades que constroem a realidade cultural, regida pela ordem social, da Colônia de Pescadores Z3. Esses autores destacam a cultura como um jogo de interesses produzido na história e não apenas como um legado que deva permanecer estaticamente mantido. Eles mostram que a dinâmica da cultura se dá na dinâmica da sociedade, o que Ziegler (1996) legitima. Suas idéias nos estimularam a refletir sobre o fato de que se a Colônia de Pescadores Z3 se apropria de suas próprias referências culturais para minimizar parte da crise na pesca, é porque existem fortes fatores sociais da história no presente que incentivam este processo. Assim, esses fatores são gerados pelo interesse na modificação da estrutura tradicional do ambiente produtivo e os reflexos socioeconômicos deste (PELEGRINI & FUNARI, 2008; JOHNSON, 1999; WOODWARD, 2000; ZIEGLER, 1996).

No que tange a análise do termo patrimônio cultural, buscamos nos amparar em referencial teórico que mais se adaptasse com a proposta de nosso trabalho, ou seja, como se representa o patrimônio de sociedades tradicionais, sociedades empobrecidas, sociedades de pescadores, sociedades rurais. Além disso, buscamos compreender a evolução do conceito de patrimônio no decorrer da história, onde passando de uma interpretação universalista, essencialista, focada na elite e no material, é envolvido pelas premissas da intangibilidade cultural impressa também em povos subalternos (PELEGRINI & FUNARI, 2008; BARRETO, 2000). Nesta lógica, o patrimônio passa a ser visto como algo que não pode ser tocado, como algo simbólico preenchido de valor ritualístico para a transmissão, registro e reprodução da cultura com base, sobretudo, na tradição. Com base nestes estudos discorremos sobre o que poderia ser considerado patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3, destacando elementos que expressem essa condição de legado, transmissão e reprodução social da cultura no decorrer da história, mas que sofrem novos significados no presente. Entre os autores utilizados destacamos a pesquisadora portuguesa Elsa Peralta que explica que o patrimônio cultural se constrói diante da necessidade simbólica dos povos em manter e preservar a identidade coletiva (PERALTA, 2003). Na Colônia de Pescadores Z3, os rituais de celebração religiosa, os pratos da gastronomia, os artesanatos de utilização ritualística, o conhecimento náutico tradicional, o respeito aos ritmos temporais, as composições e poesias que descrevem o grupo, constituem-se como patrimônio cultural local, já que autores como Pelegrini & Funari (2008) e Barreto (2000) descrevem que o patrimônio cultural imaterial surge de valores compartilhados por interesses comuns, protegidos e reproduzidos como

legado histórico, mesmo que não sejam processados e tombados pelo Estado, mas tombados e protegidos pela memória social (PELEGRINI & FUNARI, 2008; BARRETO, 2000).

Complementando essa análise, Funari & Pelegrini (2006), juntamente com Rodrigues (2005) e Pelegrini (1993), nos servem de suporte teórico para uma análise da evolução histórica do sentido social dado ao patrimônio, desde a sua apreciação enquanto herança de família até o seu entendimento enquanto legado sociocultural impresso em qualquer artefato e ação humana (FUNARI & PELEGRINI, 2006; RODRIGUES, 2005; PELEGRINI, 1993). Isto nos serviu para uma reflexão em tópico específico sobre o patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3 e a relação deste com as tradições locais. Nesta reflexão, Pelegrini & Funari (2008) explicam, ainda, que a evolução do patrimônio passa pela condição de apropriação humana sobre sua materialidade ou imaterialidade, ou seja, as formas de seu uso, fazer, os saberes, as técnicas e os processos legitimadores (PELEGRINI & FUNARI, 2008).

Barreto (2000), também surge como suporte para o nosso trabalho ao expor que por patrimônio também podemos entender a cultura das classes menos favorecidas e não apenas das mais abastadas (BARRETO, 2000) e não apenas as formas tangíveis materiais, quando as imateriais. Pelegrini & Funari (2008) explicam que o patrimônio cultural intangível é formado pelos conhecimentos transmitidos, as manifestações artísticas, entre outros aspectos (PELEGRINI & FUNARI, 2008). Os mesmos autores destacam, com base em uma convenção da Unesco ³, que esta forma de patrimônio se manifesta com base em tradições, costumes, práticas, conhecimentos e técnicas, o que nos aproxima ainda mais de uma descrição do que venha a ser considerado patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3 (PELEGRINI & FUNARI, 2008).

Sobre a questão da tradição enquanto mecanismo de transmissão, registro, assimilação e reprodução da cultura, através de técnicas e práticas orais e gestuais, nos embasamos nos estudos do inglês Anthony Giddens (2005) o qual considera que a tradição tem como finalidade a transmissão dos hábitos culturais às próximas gerações (GIDDENS, 2005). Este processo é legitimando por Tereza de Mendonça em suas pesquisas bibliográficas sobre tradição para a construção de sua dissertação de mestrado, tendo como objeto de pesquisa a “Prainha do Canto Verde”, localizada no Estado do Ceará, Brasil (MENDONÇA, 2004). Esta autora identifica que as sociedades tradicionais se caracterizam por certa simbiose com a natureza onde os grupos constroem seu modo de vida e suas relações socioeconômicas e relações de parentesco; se identificam enquanto grupo cultural particular (MENDONÇA,

³ Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura fundada em 16 de novembro de 1945.

2004). É justamente isto que acontece na Colônia de Pescadores Z3, já que cercada de ecossistemas como banhados, matas e lagoas, essa localidade se constrói historicamente com uma relação profunda com o meio onde se encontra inserida. E sobre isso, temos o chinês Yi-Fu-Tuan (1980) discutindo que as sociedades surgem e se produzem enquanto culturas particulares diante do amor e do conhecimento adquirido que os indivíduos possuem pelo meio (TUAN, 1980).

Entretanto, é necessário destacar, com base em Reinaldo Dias (2006) que assim como a cultura, a tradição, sendo um instrumento daquela, sofre modificações com o decorrer do tempo, adaptando-se as tendências sociais do presente, diante dos pressupostos ditados pela necessidade e pelos objetivos das sociedades (DIAS, 2006). Em sociedades como a Colônia de Pescadores Z3 esta consciência é traduzida pelo posicionamento de certos membros do grupo diante de uma inevitável modernidade e suas necessidades de adaptação cultural. Por exemplo, os mesmos jovens que aprendem com os mais velhos a se guiarem pelas estrelas, durante a navegação pela Lagoa dos Patos, se utilizam de aparelhos modernos como computadores para administrar as despesas e as receitas geradas pela atividade pesqueira. Da mesma forma, objetos artesanais de uso ritualístico passam a ter uso mercadológico, fazendo com que o moderno e o tradicional convivam harmonicamente.

Diante deste apanhado teórico, identificamos que as formas patrimoniais representativas da cultura da Colônia de Pescadores Z3 são os saberes, fazeres, hábitos, costumes, manifestações artísticas, religiosidade e conhecimentos tradicionais que, manifestados material ou imaterialmente, permanecem vivos na memória social local. Contudo essas manifestações encontram-se em estado latente de esquecimento e desinteresse social em razão de uma crise que evolui a cada instante na prática mercantil tradicional da pesca profissional artesanal junto a Lagoa dos Patos. Mas, é preciso frisar que, independentemente de uma crise, baixa produtividade e outros problemas, os pescadores da Colônia Z3, como nos disse um morador, “nunca passaram fome”. Contudo, nos últimos nove anos o local vem experimentando a evolução de uma crise sem freio que aprofunda ainda mais as dificuldades geradas na pesca atual promovendo uma interpretação de moradores, principalmente pescadores, sobre um futuro negativo para o local.

Nosso embasamento teórico desta problemática se dá, basicamente, em matérias publicadas em periódicos locais, além de revistas e artigos sobre esta questão: “A eterna dependência na pesca artesanal”, de Almeida (2009); “A vida sobre as águas da Lagoa dos Patos”, de Guimarães (2003); “Chuva no norte do RS ameaça safra 2004 na lagoa”, de Guimarães (2003); “Clima de espera na Colônia Z3”, de Guimarães (2004); “Vida empada”,

de Geraldo Hasse (2009); “Assaltos deixam comunidade em alerta”, de Peixoto (2002); “A pesca artesanal na Colônia de São Pedro (Z3), Pelotas, RS”, de Pieve, Miura & Rambo (2007); e “Colônia Z3 projeta melhor safra dos últimos anos”, de Roberto Ribeiro (2005); entre outros. Além disso, temos amparo teórico em estudos de caso com sociedades que enfrentam a mesma situação. A portuguesa Carminda Cavaco (2000), por exemplo, em suas pesquisas com comunidades rurais e turismo naquele país, discute sobre a crise socioeconômica no campo que estimula jovens a buscar emprego em áreas urbanas, o que acarreta um esquecimento ainda maior das raízes e hábitos culturais (CAVACO, 2000). Isto nos remete ao entendimento do quanto o êxodo rural se faz presente no desinteresse por parte de vários jovens pela prática da pesca na Colônia de Pescadores Z3.

Os problemas enfrentados pelos pescadores locais sempre estiveram atrelados ao clima, a desvalorização do pescado, a dependência ao atravessador e a baixa produtividade. No entanto, atualmente, enfrentam, ainda, impasses gerados pelas normativas ambientais que os impedem de pescar em dois períodos do ano (os chamados períodos de “defeso”, quando ocorre a procriação de espécies diversas de pescados). Estes problemas se reproduzem ainda mais pelo fato de que a última grande safra de pescados experimentada no local se deu no ano de 2000 (GUIMARÃES, 2003; TELO, SARAIVA E SCHWONKE, 2009).

Com relação a dependência ao atravessador, em que o pescador vende seu peixe a um preço irrisório, diante da carência de alternativas de comercialização, e o atravessador acrescenta uma grande porcentagem ao mesmo, o jornalista Álvaro Guimarães coloca

O camarão servido nos restaurantes da cidade em pratos para duas pessoas que custam, em média, R\$30,00 sai das mãos dos pescadores por R\$4,00 o quilo. O preço é 33% maior do que na safra de 2005, mas 42% menor do que no início desta safra, quando cada quilo chegou a ser vendido por R\$7,00. Nas salgas a mesma quantidade é revendida entre R\$6,00 e R\$7,00 para atacadistas de todos os cantos do Estado e, principalmente, de Santa Catarina. No caminho até o consumidor o preço incha e o camarão, que na lagoa vale pouco, é comercializado por até R\$16,00 o quilo nas peixarias. O controle do preço do crustáceo está nas mãos das salgas, cujos compradores buscam a mercadoria diretamente nos pesqueiros da lagoa. São as salgas que abastecem os pescadores com gêneros dos quais precisam como gás e alimentos e, na maior parte dos casos, financiam a compra de redes e equipamentos para os barcos. Essa relação faz com que a maior parte dos pescadores fique dependente da salga e sujeita à política de preços estabelecida pelas empresas (GUIMARÃES, 2006: 3).⁴

⁴ “Salga” era como chamavam as peixarias antes do surgimento destas. Isto, porque, o peixe após ser coletado junto ao campo de trabalho era seco e salgado para sua conservação, já que não existia luz elétrica no local até princípios da década de 70.

O mesmo autor, juntamente com Saraiva (2009) e Hasse (2009) destaca também a problemática com relação aos períodos do “defeso”. Esse período dividido em dois durante o ano, inibe os pescadores de capturar determinadas espécies. Para isso recebem um recurso chamado de seguro-desemprego, no valor de um salário mínimo, para garantia de sua subsistência e da subsistência de sua família. Todavia, para uma família composta por até cinco membros, como é a média local, tal recurso torna-se irrisório para garantir a sua manutenção socioeconômica e físico-estrutural (GUIMARÃES, 2006; SARAIVA, 2009; HASSE, 2009). Além disso, quando retornam às atividades, com a liberação da pesca, os pescadores enfrentam, ainda, o problema da desvalorização dos pescados e o clima (GUIMARÃES, 2003; GUIMARÃES, 2004). Diante disso, assim como citado por Mendonça (2004) na “Prainha do Canto Verde”, ou por Cavaco (2000) em comunidades rurais de Portugal, os mais jovens, estimulados pelos próprios pais, acabam se desinteressando pelas práticas culturais e tradições locais, migrando para outras regiões em busca de oportunidades de emprego e renda. As pessoas que permanecem, sobretudo, casais de meia idade, desenvolvem estados de depressão e baixa-estima. Os homens encontram no alcoolismo e nas drogas uma válvula de escape diante das agruras da pesca, aumentam índices de suicídio, violência doméstica, roubos, assaltos, entre outros problemas sociais que resultam da crise gerada pela pesca que afeta toda a cadeia produtiva da Colônia de Pescadores Z3. Neste momento, muitos acabam apelando para a religiosidade ou para a migração temporária para outros campos de trabalho, na tentativa de minimizar as suas dificuldades. Surgem, assim, no local, templos religiosos e uma série de projetos de cunho visivelmente assistencialistas. Porém, muitos (re) encontram na própria cultura, ou melhor, no próprio patrimônio cultural, uma oportunidade concreta de restabelecer a auto-estima, com perspectivas de um futuro melhor através da utilização mercadológica de suas tradições, saberes, hábitos, costumes, crenças e comportamento com base no empreendedorismo turístico.

Para a discussão acerca da relação entre cultura e turismo na Colônia de Pescadores Z3 nos utilizamos de diversos autores citados a seguir. Estruturamos a análise através de uma espécie de cronograma onde analisamos nesta ordem: como a cultura é vista pelos olhos do turismo na perspectiva de minimizar problemáticas sociais, qual o sentido impresso na cultura das sociedades nativas para a criação de um olhar turístico sobre a sua identidade e quais as ações e atividades desenvolvidas para a ampliação deste olhar.

A cultura é vista pelo turismo por sua praticidade construtiva na delimitação e estabelecimento social do setor, ou seja, é a partir da cultura encharcada de informações que

se passa a se pensar na análise e aplicação prática do turismo, já que este se motiva, se interessa e se procura pelo conhecimento sobre o “outro”. Autores como Yazigi (2001) entendem que a cultura, mesmo se espetacularizada deveria ter a função de minimizar as situações de pobreza dos povos. Ele considera que as sociedades têm o direito de escolha sobre o futuro de suas formas culturais. Portanto, se a eles interessa transformar sua diversidade cultural em objeto de olhar do turista, é uma escolha justa, pois é a sua cultura que está em jogo (YAZIGI, 2001). Por isso, neste caso, as formas culturais acabam assumindo, segundo Johnson (1999), a forma de mercadorias capitalistas (JOHNSON, 1999). Quando passamos a aprofundar essa reflexão de que, no turismo, as formas culturais assumem a forma de mercadorias capitalistas, nos ancoramos em autores como Ziegler (1996), o qual analisa como, a partir da própria cultura, os povos podem minimizar as angústias e incertezas da pobreza e da miséria. E, como essa cultura dos miseráveis passa a servir como repositor das forças físicas e espirituais daqueles oriundos de centros urbanos, onde enfrentam um cotidiano de stress, angústia e depressão. O que demonstra que o papel utilitário da cultura do nativo destinada a fins turísticos não diminuem apenas seus problemas, mas também o de seus visitantes (ZIEGLER, 1996). Ziegler (1996) além de analisar a formatação do hábito cultural a partir de seu valor, enquanto troca simbólica, dentro de uma estrutura de poder que pode ser uma tradição, expande essa análise, também, para o poder do mercado que institui uma troca econômica da cultura, modificando as bases estruturais desta, mas mantendo o seu sentido de troca. Este mesmo autor nos questiona sobre como inovar as forças econômicas de produção, mantendo a tradição dos povos. Ele nos desafia e nos desperta para a observação de que é justamente esse o foco de nosso trabalho. Ou seja, como uma sociedade de pescadores profissionais artesanais passa a se utilizar de seus próprios elementos culturais, legados pela tradição, por diversas gerações, para alavancar sua economia e fugir da dependência dos sistemas de poder político, cultural e econômico, mantendo, de forma ressignificada, hábitos, costumes e práticas culturais. Enfim, nos apropriando desta análise, como a Colônia de Pescadores Z3, por exemplo, passa a enxergar no turismo um agente real de valorização econômica e cultural de sua própria cultura.

No decorrer de sua história, a Colônia Z3 sempre foi um local de interesse turístico, na medida em que parentes de moradores, ex-moradores e outros visitantes deslocam-se para o local para a prática de veraneio durante seus períodos de férias. Além disso, por ser uma sociedade de pesca profissional, com mercado estabelecido de peixarias e outros serviços, o local, na época das grandes safras, era visitado por negociadores, fornecedores e caminhoneiros, entre outros negociantes da pesca, o que refletia na abertura de restaurantes,

lancherias e bares para o atendimento daqueles. Mas, com a crise na cadeia produtiva da pesca, tais equipamentos turísticos cerraram suas portas. Essa colocação histórica nos é possibilitada por Campos, Figueira & Loch (2008). Mas, também, nos utilizamos de dados surgidos em entrevistas com um ex-proprietário de restaurante e bares, atualmente pescador e artesão, João Oliveira para compreender essa questão destacada daquele turismo que se extinguiu com a evolução da crise na pesca local.

É necessário destacarmos, também, que, na Colônia de Pescadores Z3, sempre foi comum uma espécie de turismo interno, já que na época de verão (época de safras de camarão e de várias atividades de lazer) é comum surgirem bares, eventos e projetos de vendedores ambulantes, moradores locais que, se aproveitando da estação, comercializam picolés, bebidas e outros gêneros junto às praias locais (BONOW, 2003). Mesmo com esse turismo interno, esse turismo de veraneio realizado por parentes de moradores, ex-moradores e outros visitantes e a decadência do turismo de negócios, a Colônia de Pescadores Z3 atravessa, atualmente, uma expansão de um novo tipo de turismo baseado em projetos e programas de incentivo turístico focados em suas particularidades culturais patrimoniais – elementos que serviam, basicamente, para o consumo sociocultural local.

Com base neste fato, passamos, literalmente, a analisar o processo relacional entre turismo e patrimônio cultural na Colônia Z3. Para isso, nos embasamos em Campos, Figueira & Loch (2008) que discutem de que forma o local interpreta sua própria realidade cultural do ponto de vista mercadológico diante de uma crise que se instalou na pesca profissional artesanal (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008). Também nos utilizamos de Ruas (2005) que discute a situação ambiental e o potencial turístico da Colônia Z3 (RUAS, 2005). Depois passamos a analisar o processo de empreendedorismo local, onde se destaca a figura teórica do antropólogo espanhol Agustín Santana (2006) que no seu livro *Antropologia y Turismo* analisa o processo de transformação na ordem cultural através do turismo, diante da necessidade da abertura de espaços laborais, geração de renda, para definitivamente destituir estados de depressão e baixa-estima diante das incertezas produtivas e suas afetações na família, no cotidiano e no futuro dos filhos. Para identificar isso na Colônia Z3, entrevistamos artesãos e analisamos, em atividades de observação de campo, quais são os elementos culturais colocados na pauta e os projetos de incentivo ao desenvolvimento turístico local (SANTANA, 2006; DIAS, 2006). Essa concepção de análise é baseada também nas premissas de Reinaldo Dias (2006) o qual discorre acerca da construção sinérgica do processo turístico, e Santana (2006) que explica que o processo turístico se constitui no estímulo a cultura do encontro (SANTANA, 2006; DIAS, 2006).

Na Colônia de Pescadores Z3 ocorrem mudanças socioeconômicas que estimulam atividades de trabalho alternativas (migração para trabalhos temporários e permanentes em áreas centrais de Pelotas, cooperativismo e investimentos em turismo), intervenções acadêmicas que estimulam a preservação ambiental, a valorização da cultura, o incentivo ao turismo e o desenvolvimento do espírito crítico dos moradores (tais como o Jornal O Pescador, projeto de extensão do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas e o projeto *Ecomuseu da Colônia Z3*) e, é claro, a reestruturação econômica baseada em empreendimentos particulares, tais como a abertura de espaços de comercialização de artesanato e gastronomia típicos, altos investimentos financeiros, logísticos e de infraestrutura em eventos religiosos, revitalização de antigos hábitos culturais com novos fins sociais, tais como a comercialização para turistas de formas artesanais de uso ritualístico para incentivo dos mais jovens à prática pesqueira, entre outras atividades. Isto também estimula uma sociedade marcada pela desinformação financeira e pelo conformismo a encarar um trabalho de transformação na ordem natural dos fatos para o atendimento mercadológico do turismo, o que nos é despertado pelo trabalho de LAGE (1991). Esse atendimento passa a ser orientado com base na interpretação local para satisfazer o olhar de sua demanda ávida pelo caráter romântico impresso em locais isolados, semi-isolados, que transpareçam “autenticidade” (URRY, 2001). Com isso, a Colônia de Pescadores Z3 se molda turisticamente e ressignifica-se culturalmente, diante de seus hábitos e costumes, e exercita-se do ponto de vista comportamental para a construção de um elo entre o simbólico e o mercadológico para facilitar o atendimento das expectativas do turista sobre o destino visitado (DIAS, 2006).

Neste caso, ocorre uma evolução na variação entre o simbólico e o mercadológico, na medida em que velhos hábitos, costumes, práticas e técnicas continuam ou se revitalizam, porém com novos significados e usos. A Turismóloga Margarita Barreto (2000) encara esse fato explicando que o patrimônio cultural passa a ter valor de atrativo turístico, sem deixar de representar a identidade local e a memória coletiva da Colônia de Pescadores Z3, o que também está de acordo com Reinaldo Dias (2006) que acredita que, se não fosse pelo turismo, muitos aspectos culturais poderiam estar fadados ao desaparecimento por completo (BARRETO, 2000; DIAS, 2006). Concordamos com Barreto (2000) e Dias (2006) quando estes consideram a importância dessa relação entre patrimônio e negócio (BARRETO, 2000; DIAS, 2006).

Adiante, após a discussão teórica entre patrimônio e turismo, refletimos sobre o perfil do turista contemporâneo. Para isso, nos ancoramos em Figueira (2006), Bahl (2000),

Mendonça (2001) e Goodey (2002). Figueira (2006) ao estudar o processo de incentivo ao desenvolvimento do turismo em Pelotas, observou que os potenciais e reais visitantes locais buscam enriquecimento cultural, o que também contribui para o enriquecimento cultural dos moradores do município (FIGUEIRA, 2006). Já Bahl (2000), em publicação sobre a relação entre turismo e cultura, coloca que a cultura dos locais visitados serve para o enriquecimento do conhecimento dos viajantes (BAHL, 2000). Complementando, Tereza de Mendonça, tendo como estudo de caso o processo turístico da “Prainha do Canto Verde”, no Estado do Ceará, considera, a partir de seus estudos, que o turismo com base em aspectos culturais dos locais visitados, estimula o viajante a ter retorno e crescimento enquanto indivíduo (MENDONÇA, 2004). Por último, nos reportamos às idéias de Goodey (2002) que sugere que os lugares, com seus traços geográficos, histórias e qualidades singulares, fundamentam as viagens contemporâneas (GOODEY, 2002).

Dentro dessa lógica, na construção de uma análise da relação entre a cultura local e as expectativas do turista moderno, entendemos que este imprime em suas motivações de deslocamento a busca por locais onde possam adquirir conhecimentos sobre o cotidiano, os hábitos culturais, as atividades produtivas, entre outros elementos que formam a identidade desses locais. Tendo sempre, em foco a expansão do contraponto de seu cotidiano, com base no contato com a diferença, com o outro. Os turistas querem fugir das suas atividades diárias nas cidades, fazendo o que Lima (2005) sugere como um redescobrimdo local em contraposição ao global (LIMA, 2005). Assim, o turismo acaba servindo tanto aos moradores que passam a uma progressiva substituição funcional da função de seu patrimônio cultural, agora visto por sua funcionalidade socioeconômica, e para os turistas que têm as suas expectativas e interesses atendidos pelo sistema. E para ancorar teoricamente essa construção reflexiva buscamos apoio em aportes teóricos específicos e em estudos de caso sobre esse processo. Pesquisamos e destacamos Oliveira (2005) em estudos com a Vila de Trindade, por exemplo, e John Urry (2001), Agustín Santana (2006) e Jean Ziegler (1996) com estudos sobre a relação entre turismo e cultura. Estes últimos explicam que para que lugares como a Vila de Trindade, citada por Oliveira (2005) se estabeleçam turisticamente é preciso que se entenda que o turista se desloca de seu local de origem por ser um sujeito social inquieto que busca conhecer novas culturas, “caçar experiências”, obter status social, reorganizar as forças físicas e espirituais e fugir do stress da vida moderna nas cidades (OLIVEIRA, 2005; URRY, 2001; SANTANA, 2006; ZIEGLER, 1996).

Complementando, toda essa análise de Urry (2001), Santana (2006), Ziegler (1996) e Bauman (1999), os autores Reinaldo Dias (2006) e Freire & Pereira (2002) explicam que há

um outro elemento constituinte do incentivo ao papel social da viagem: a interpretação (DIAS, 2006; FREIRE & PEREIRA, 2002). É através de um processo de interpretação do próprio patrimônio cultural que as sociedades passam a formar o sentido de deslocamento do turista. É uma forma dos locais exporem suas referências culturais e falar sobre si mesmos, como sugere o roteiro turístico *Caminhos do Pescador Artesanal* desenvolvido para incentivar o turismo na Colônia de Pescadores Z3. Cada atrativo deste roteiro (concepção por nós mesmos) foi construído com base na interpretação dos moradores sobre o próprio patrimônio, e a sua promoção é dada em cima do incentivo à interpretação local por parte do turista, já que o mapa e as fotos dos atrativos no folder do roteiro não apresentam nenhuma informação de localização dos mesmos, o que converte ao turista a obrigação de interagir com moradores já na chegada ao local na tentativa de encontrar os referidos locais. Isto estimula o que Freire & Pereira (2002) consideram como uma preocupação com a relação morador/visitante através de uma proposta de comunicação que convida o visitante a se aproximar mais da cultura local, ao invés de consumi-la com pressa, abrindo espaço para que todos os moradores também interajam diretamente no processo de contato (FREIRE & PEREIRA, 2002). Essa participação dos moradores faz com que os mesmos interpretem sua própria identidade cultural agindo como futuros empreendedores no setor (com base em Dias, 2006), integrando mercadologicamente o patrimônio (tendo Pelegrini & Funari, 2008, como embasamento) à dinâmica de sua situação atual, o que lhes permitiria, ainda, manter suas tradições que os identificam a este patrimônio, desenvolvendo ainda, sentimento de pertencimento e orgulho ao verem sua cultura valorizada, tal como observou Luc Mazuel (2000) em suas pesquisas com comunidades rurais francesas que enxergaram no turismo um suporte real na transformação de sua situação de esquecimento cultural gerada pela crise no campo (DIAS, 2006; PELEGRINI & FUNARI, 2008; MAZUEL, 2000).

Durante o período acadêmico, incluindo graduação e mestrado, o fato de haver uma grande carência de informações publicadas acerca das diversidades culturais da Colônia de Pescadores Z3 nos estimulou a publicar textos e desenvolver projetos que relacionassem turismo e patrimônio cultural no local. Com isso, na reflexão sobre o processo de expansionismo do turismo na Colônia Z3 não poderíamos deixar de considerar nosso papel no incentivo ao mesmo, na medida em que, como ex-moradores, graduados em turismo e com fortíssimos vínculos emocionais, desenvolvemos uma série de estudos, pesquisas e projetos com base no potencial turístico do patrimônio cultural local.

De 2003 a 2006 publicamos diversos textos em periódicos de Pelotas sobre o potencial turístico da Colônia de Pescadores Z3 (sobre o potencial turístico: FIGUEIRA, agosto de

2003; sobre memória e turismo: FIGUEIRA, setembro de 2003; sobre artesanato e turismo: FIGUEIRA, outubro de 2003; sobre religiosidade e turismo: FIGUEIRA, novembro de 2003; sobre turismo náutico: FIGUEIRA, abril de 2004; sobre folclore e turismo: FIGUEIRA, maio/junho de 2004 e FIGUEIRA & OYARZABAL, agosto/setembro de 2005; sobre o potencial turístico do ancoradouro conhecido como “Divinéia”: FIGUEIRA, março de 2004; sobre resquícios de Mata Atlântica e turismo: FIGUEIRA, julho de 2005; e sobre culinária e turismo: FIGUEIRA, fevereiro de 2006). Todas essas publicações, aliadas a reportagens, matérias e outras publicações relativas aos nossos projetos de turismo e valorização do patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3 nos serviram de referência documental na construção deste trabalho.

No mês de agosto de 2003 publicamos o texto *Frutos de um novo mar*, no jornal *O Pescador* (principal veículo de comunicação da Colônia de Pescadores Z3) no qual destacamos o potencial turístico da localidade como alternativa para minimizar parte dos problemas sociais de desemprego, carência de perspectivas e incertezas diante do futuro em decorrência de uma crise socioeconômica que se instala no local (FIGUEIRA, Agosto de 2003). Um mês depois publicamos no mesmo periódico um texto sobre quão importante seria a construção de um espaço de memória para atrair futuros visitantes interessados na história dessa vila de pescadores (FIGUEIRA, Setembro de 2003). Já em outubro, publicamos um texto que abordou o quanto o investimento no turismo com base no artesanato local poderia gerar emprego e renda para os moradores da Colônia Z3 (FIGUEIRA, Outubro de 2003). No mês de novembro, saíria nosso último texto do ano no Jornal *O Pescador*. Intitulado *Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes*, no mesmo discutimos sobre a relação entre religiosidade e turismo, e que isto deveria ser pensando pelos moradores católicos da Colônia Z3 como um fator potencial no incentivo ao turismo local (FIGUEIRA, Novembro de 2003).

No início do ano de 2004, mais precisamente no mês de março, escrevemos um texto para o mesmo jornal em que destacamos um ancoradouro, conhecido como “Divinéia”, como um potencial atrativo turístico a ser valorizado e trabalhado pelos empreendedores da Colônia Z3 no incentivo ao turismo local (FIGUEIRA, Março de 2004). Já no mês de abril publicamos junto ao jornal, um artigo que destacava o potencial turístico náutico local (FIGUEIRA, Abril de 2004). Os próximos dois meses representariam o final de nossa participação no *Jornal O Pescador*. Em uma edição bimensal, sai junto ao jornal um artigo em que abordamos, basicamente, o folclore da Colônia Z3, mas, também, sinalizando sobre a importância de se desenvolverem projetos baseados na relação entre folclore e turismo no local, tendo em conta

que no mesmo registram-se diversas lendas acerca de fenômenos sobrenaturais, tais como o avistamento de “mulheres-de-branco” e de lobisomens (FIGUEIRA, Maio/Junho de 2004).

Um ano depois, passamos a enviar textos sobre a importância do investimento em turismo na Colônia de Pescadores Z3 para o periódico de circulação regional (em Pelotas e cidades vizinhas) *Diário Popular*. Em texto publicado no mês de julho de 2005 destacamos o potencial do turismo ecológico local, levando em conta que o mesmo é cercado por resquícios de Mata Atlântica, e que isto seria um diferencial para minimizar problemáticas socioeconômicas e promover a preservação da flora e da fauna típicas do território em que a Colônia de Pescadores Z3 encontra-se inserida (FIGUEIRA, Julho de 2005). Por fim, o último texto que enviamos para periódicos locais sobre o potencial turístico da Colônia Z3 sairia, também, no Jornal *Diário Popular*, no mês de fevereiro de 2006. Neste texto versamos sobre o alto grau de atratividade turística da Colônia de Pescadores Z3 a partir de sua gastronomia típica (FIGUEIRA, Fevereiro de 2006).

Complementando nossa produção e contribuição documental, destacamos outras formas de publicação sobre a Colônia Z3, tal como o resumo intitulado *Frutos de um novo mar (Identificação das potencialidades turísticas da Colônia de Pescadores Z-3)*, registrado no Caderno de Resumos do *Seminário Internacional de Turismo e Arqueologia: Patrimônio Cultural e Ambiental*, além de nossa monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas intitulada *As diversidades ecológicas e culturais e o potencial do turismo sustentável da Colônia de Pescadores Z3*, ambos, mais principalmente o último, utilizados como recursos na construção deste nosso trabalho (FIGUEIRA, 2004; FIGUEIRA, 2006). Outros recursos bibliográficos dos quais participamos utilizados para embasar esta dissertação foram nossos artigos publicados em revistas científicas. Entre eles citamos o artigo *Interpretação mercadológica turística com base no patrimônio cultural da Zona de Pesca 3 (Colônia Z3) no município de Pelotas – RS*, apresentado e publicado em evento de turismo na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, e o artigo *Da crise à renovação cultural: um olhar sobre o projeto Ecomuseu da Colônia Z3 / Lagoa dos Patos / Brasil*, publicado em um sítio eletrônico francês dedicado a discussão de projetos comunitários focados na cultura (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008; FIGUEIRA, PINHO JR & SILVEIRA, 2009).

Somando a este conjunto de textos e artigos publicados, nos valem, ainda, da utilização dos mais diversos textos publicados por outros autores, os quais abordaram e publicaram informações sobre nossas atividades e projetos desenvolvidos junto a Colônia de Pescadores Z3. Entre eles se encontram: o de Schneider (2007) a qual discorre sobre os

projetos *Planejamento Turístico da Colônia de Pescadores Z3* e *Caminhos do Pescador Artesanal* (SCHNEIDER, 2007); o de Cardoso (2007) em que também destaca o projeto *Planejamento Turístico da Colônia de Pescadores Z3*, além de destacar a nossa relação histórica com o local (CARDOSO, 2007); o de Peres (2008), onde a autora evidencia a criação do projeto *Ecomuseu da Colônia Z3* (PERES, 2008); a de Alves (2009) em que destaca os objetivos e as dificuldades de viabilização deste ecomuseu (ALVES, 2009); e a de Zanella (2009), texto de caráter informativo-descritivo em que aborda a exposição sobre o projeto *Ecomuseu da Colônia Z3* durante realização da 78ª Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (ZANELLA, 2009).

Por fim, citamos como um grande destaque dado ao nosso papel, enquanto fomentadores do turismo na Colônia de Pescadores Z3, a matéria *Vida Empatada* de Geraldo Hasse, publicada na revista de circulação nacional *Globo Rural* no mês de outubro de 2009 (HASSE, 2009).

Diversos textos que publicamos em periódicos e revistas científicas e diversos textos publicados por outros autores sobre os nossos projetos de incentivo ao turismo local nos serviram de embasamento teórico na reflexão sobre a relação que se constrói entre turismo e patrimônio cultural na Colônia de Pescadores Z3, a partir da evolução da crise na pesca que passa a instituir certo nível de empreendedorismo diante dessa situação. Pesquisá-los, organizá-los e discuti-los tornou-se inevitável para atingir os objetivos deste trabalho através da aplicação de metodologia condizente com a proposta deste.

Nossa aplicação metodológica se divide em duas etapas principais: levantamento bibliográfico e pesquisa de campo com observação participativa e aplicação de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas.

A escolha do objeto de pesquisa foi baseada em nosso histórico familiar, de pesquisa e de projetos com o mesmo. Isto facilitou o andamento de nossas atividades já que não tivemos dificuldades no acesso a dados, ambientes, eventos e ações cotidianas durante pesquisa bibliográfica e de campo, na aplicação de entrevistas e contextualização teórico-prática.

Quanto ao levantamento bibliográfico – importante campo de dados, preservador documental e legitimador da costura do desenvolvimento reflexivo – dividimo-lo nas seguintes etapas: levantamento bibliográfico sobre turismo; levantamento bibliográfico sobre patrimônio cultural; levantamento bibliográfico sobre a relação entre patrimônio cultural e turismo; levantamento bibliográfico sobre turismo e patrimônio cultural em sociedades tradicionais locais (rurais, costeiras e periféricas); e levantamento bibliográfico sobre a Colônia de Pescadores Z3, somando o processo de expansionismo turístico local. Para isso,

pesquisamos em livros comprados e retirados em bibliotecas, em sites na internet, em periódicos e em artigos científicos que abordam as palavras-chave a serem levantados em particular. A importância deste levantamento bibliográfico está na sua utilização na contextualização da realidade caracterizada na Colônia de Pescadores Z3 com a bibliografia referente, com as respostas das entrevistas estruturadas e semi-estruturadas e as informações retiradas em outros documentos que forem surgindo no andamento da pesquisa, traçando uma articulação reflexiva para atingir os objetivos deste trabalho. Enfim, a atividade de levantamento bibliográfico nos permitiu coletar uma série de informações literárias relativas a proposta deste trabalho, facilitando sua construção.

Quando traçamos o perfil e caracterizamos a Colônia de Pescadores Z3 buscamos analisar em bibliografia recorrida, os aspectos econômicos, sociais, políticos, ambientais, históricos e culturais locais. Sobre a situação socioeconômica da Colônia Z3 fomos desenvolvendo uma pesquisa baseada em observações visuais e entrevistas com moradores locais e informações retiradas de periódicos e artigos científicos acerca de suas peculiaridades produtivas, necessidades e carências e também sobre os seus principais progressos. Já quando passamos a construir teoricamente a evolução na crise da pesca o fizemos de modo progressivo de macro para micro, ou seja, quais os fatores externos (clima, política da pesca, normativa ambiental, desvalorização dos pescados) que incitam uma situação de crise. Quando pesquisamos sobre a terminologia patrimônio cultural, levantamos e organizamos referências teóricas que se aproximassem o máximo possível da proposta deste trabalho que versa sobre sociedades tradicionais. Quando passamos a uma discussão acerca da relação entre turismo e patrimônio cultural em sociedades locais aprofundamos a leitura de textos, artigos e livros que discutem a cultura enquanto legado patrimonial dos povos e como a mesma passa a ser encarada como um elemento de transformação social através de seus usos turísticos. Neste levantamento bibliográfico coletamos também dados referentes ao turismo em comunidades locais (rurais, costeiras e periféricas) e levantamos documentos informativos em periódicos locais sobre números qualitativos e quantitativos ligados ao turismo na Colônia Z3. Além disso, buscamos elementos comparativos em estudos de caso sobre o processo relacional entre turismo e patrimônio cultural, tais como o desenvolvimento do turismo na “Praia do Canto Verde” no Estado do Ceará, os eventos religiosos nos Estados Unidos e na Itália, e o incentivo turístico com publicidade focada na simplicidade, registrado em Porto União, no Estado de Santa Catarina e em Trancoso, no Estado da Bahia (MENDONÇA, 2001; CLAESSE, ROBERTSON & HALL - ARBER, 2008; FERREIRA, 2001; MACIEL, 2000; E WWW.ECOVIAGEM.UOL.COM.BR/BRASIL/BAHIA/TRANCOSO/).

A escolha dos autores pesquisados se deu em função de suas abordagens teóricas relativas ao tema de pesquisa proposto: turismo e patrimônio cultural na Colônia de Pescadores Z3. Sua relevância teórica permitiu a compreensão dos fatos analisados na construção de uma reflexão acerca de um quadro social que viemos acompanhando em anos de pesquisas e projetos de turismo desenvolvidos junto à localidade. Recortamos de cada item bibliográfico pesquisado, frases, parágrafos, citações de outros autores, informações relevantes, e dados quantitativos e qualitativos que pudessem amparar nossa costura da caracterização do local, da evolução da crise na pesca e da entrada do turismo e seus resultados diante dessa crise, a partir de ações, atividades, investimentos e projetos específicos de incentivo ao setor.

Em todo o decorrer da ação metodológica de pesquisa bibliográfica, fomos realizando outro processo metodológico: a pesquisa de campo. Nessa forma de pesquisa passamos a observar, registrar, fotografar e transcrever dados sobre os fatores, elementos, ações e empreendimentos sociais que estimulam o turismo local. Sobre a pesquisa de campo, Becker (1999) apud Mendonça (2005: 51) descreve:

A pesquisa de campo apresenta a possibilidade de colocar o pesquisador face a face com o objeto pesquisado e lhe permite analisar, com maior fidedignidade, as informações obtidas através de documentos disponíveis, como também, aprofundar a compreensão do objeto pesquisado tendo como base os referenciais teóricos. O pesquisador de campo, devido ao fato de ter um contato contínuo com aqueles que estuda, pode coletar dados deles através de variados procedimentos, em diversos ambientes e em diferentes estados de espírito. [...]. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista [...], nem está limitado, no que pergunta, pelo seu conhecimento e compreensão no momento; uma vez que pode entrevistar repetidamente, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões. Ele pode mudar sua relação com as pessoas, lidando de maneira diferente com elas à medida que forem se conhecendo melhor (MENDONÇA, 2005: 51).

Na pesquisa de campo buscamos relacionar e coletar dados e informações com os moradores para a facilitação da descrição identitária do local. Analisamos elementos, tais como práticas, ações, gestos, comportamentos e técnicas que nos auxiliaram na caracterização, com base no que diz a teoria, do patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3. Além disso, obtemos informações que nos auxiliaram no entendimento do processo de evolução da crise na atividade pesqueira artesanal e de que forma isso passa a afetar o cotidiano e as diversidades culturais locais, estimulando a busca por atividades produtivas alternativas para a geração alternativa de emprego e renda para muitos moradores. Coletamos

informações, através de observações diretas e descrições locais que comprovassem o processo de incentivo ao empreendedorismo turístico local e quais os resultados disso.

Na observação participante passamos a ter um contato direto com a Colônia de Pescadores Z3, participando de suas atividades turísticas e socioculturais com base no patrimônio identificado, bem como interagindo em atividades e projetos de investimentos reais no setor do turismo: abertura de restaurantes, produção, organização e realização de eventos (festas religiosas e exposições museológicas), fabricação e comercialização de artesanatos, vendidos para pessoas de fora da comunidade – muitas delas turistas acompanhados por nós em visita local – e recepção de visitantes em geral. Partilhamos de sua rotina, entramos em suas casas, conhecemos e reconhecemos seus progressos, carências, reflexões, comportamentos, desafios, diferenças e interesses. Além de praticar seus principais rituais como passear de barco pela Lagoa dos Patos, conversar com as pessoas mais velhas, almoçar em restaurantes, comprar artesanato, realizar passeios turísticos com público externo, realizar exposições museológicas, participar de reuniões com organizadores de eventos, entre outras atividades. Além disso, aproveitamos o período de pesquisa para publicar artigos científicos que enfatizassem a realidade socioeconômica e o expansionismo do turismo focado no próprio patrimônio cultural no local. É necessário citar que mesmo sendo ex-moradores da Colônia de Pescadores Z3, tendo um forte papel social no incentivo ao empreendedorismo turístico com foco na cultura local, no momento de aplicação metodológica deste trabalho procuramos sempre manter a frente e acima de um sentido de pertencimento, um olhar científico sobre o objeto pesquisado, ou seja, neutralidade científica. Continuando, destacamos que na ação da aplicação de entrevistas usamo-nos de entrevistas estruturadas roteirizadas e semi-estruturadas sem roteiro definido, ambas aplicadas a turistas e a moradores empreendedores em turismo.

Quando pesquisamos sobre o incentivo turístico focado nos elementos culturais, fizemos registros fotográficos dos mesmos, participamos de seus rituais de preparação e realizamos entrevistas com empreendedores e turistas sobre as técnicas de produção e matéria prima utilizada, o nível de investimento, os resultados deste investimento e o posicionamento crítico dos turistas com relação a isso. Nesta lógica, buscamos contextualizar com uso de bibliografia específica baseada em livros, textos, artigos científicos e informações coletadas em periódicos acerca da relação entre essa peculiaridade cultural e sua apropriação pelo mercado turístico.

Aplicamos as entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, também, aos turistas através do uso da internet a partir de um banco de dados em que registramos os turistas, parceiros

externos e outros interessados que costumam praticar turismo no local. Na aplicação das entrevistas estruturadas definimos um roteiro a ser seguido em que aplicamos três perguntas: 1) Qual a impressão que você teve da colônia de pescadores Z3?; 2) O que lhe motivaria a retornar aquela comunidade?; 3) quais os elementos você julgou como singulares / únicos da Z3? Foram 10 entrevistados, sendo 3 estudantes, 3 professores, 1 empresário, 2 profissionais liberais e 1 funcionária pública. Também realizamos entrevistas com empreendedores turísticos (artesãos, cozinheiros e representantes institucionais) sem seguir um roteiro específico, na medida em que lidávamos com moradores locais, através da observação participante em suas atividades de cunho turístico. Os empreendedores entrevistados foram escolhidos por sua função direta enquanto atores e fomentadores do processo turístico focado nas formas patrimoniais da cultura da Colônia de Pescadores Z3. São eles: Rosimeri Ribeiro (Ministra da Eucaristia da Comunidade Católica da Colônia Z3, Relações Públicas da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*); Jaudete Matos (cozinheira, proprietária de um restaurante local); Orlando Eichholz (proprietário de restaurante local); e João Oliveira (pescador e artesão).

Para facilitar a apreensão e organização dos relatos e respostas das entrevistas estruturadas nos utilizamos de três equipamentos importantes: gravador digital inserido em aparelho Mp3, máquina fotográfica digital e caixa-postal virtual (E-mail). Os dados recolhidos foram transcritos para um banco de dados sobre este trabalho em computador e logo após analisados e transcritos em forma de texto na complementação do mesmo.

Já as entrevistas não-estruturadas foram realizadas em eventos e no cotidiano local, em nossas atividades de observação participante. Conversamos com um Especialista em História do Brasil e uma gerente de restaurante do Estado de Santa Catarina que anualmente desloca-se para a Colônia de Pescadores Z3 para prática de veraneio, incluindo atividades em ações socioculturais locais, tal como saída para prática da pesca do camarão e participação em bailes e outras formas de sociabilidade.

Nossa aplicação metodológica em geral não seguiu nenhum cronograma de atividades ou plano metodológico de origem teórica já que tratamos de um tema reflexivo onde uma série de situações se repetem (tais como festas religiosas, consumo de gastronomia e artesanato, costumes, práticas e tradições). Além disso, parte desta ação metodológica representa nossas próprias atividades projetuais em que participamos intensamente do processo de incentivo ao turismo na Colônia de Pescadores Z3. Mesmo assim, para facilitar logisticamente nossas atividades, algumas vezes, pré-agendamos encontros com turistas e empreendedores turísticos locais. Na evolução desse processo, ou melhor, paralelamente a

isso, juntamos os dados pesquisados (anotações e registros recolhidos) e buscamos entender a relação destas referências pesquisadas com os propósitos observados da expansão do turismo na Colônia Z3.

Este trabalho segue uma estrutura orgânica circular que parte da construção de uma reflexão acerca do processo de expansão do turismo com base no patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3. Fato que evolui com a crise na pesca profissional artesanal e suas afetações sociais e culturais.

Primeiramente, na introdução, apresentamos o projeto de pesquisa com suas questões relevantes que justificam a escolha do tema proposto. Num segundo capítulo caracterizamos a realidade socioeconômica (histórica e produtiva) e o cotidiano da Colônia de Pescadores Z3. No terceiro capítulo analisamos o processo relacional entre turismo e patrimônio cultural, tendo como estudo de caso exploratório as razões que instituem os usos turísticos do patrimônio por parte de alguns moradores da Colônia Z3 para buscar alternativas de trabalho e renda e, conseqüentemente, minimizar parte de seus problemas sociais causados pela crise e os reflexos desta crise em toda a cadeia produtiva local. Durante essa análise, traçamos a realidade cultural local e a realidade atual desta crise que evolui, sobretudo, a partir da década de 2000, a qual acaba, inevitavelmente, por afetar, também, a realidade cultural, cujas categorias e diversidades passam por um processo de esquecimento e descontinuidade prática. Ainda no mesmo capítulo, discutimos sobre a inserção do turismo nesta situação, incluindo um apanhado teórico que registra o nosso papel na consolidação deste novo processo produtivo. Após, em último capítulo dedicado aos resultados práticos do nosso objetivo de pesquisa passamos a abordar a realidade turística local. Aqui, aprofundamos as percepções teóricas com os resultados práticos do turismo local identificados em pesquisa bibliográfica e de campo. Em seguida, apresentamos nossas considerações finais diante do exposto: caracterização da Colônia de Pescadores Z3, discussão teórica acerca da relação entre turismo e patrimônio e os resultados identificados. Qual a resposta que fica diante de nossa problemática inicial e as reflexões que nasceram de sua identificação. E qual a recomendação que deixamos dentro de um possível campo aberto para futuras pesquisas sobre a relação entre turismo e patrimônio cultural, tanto na Colônia de Pescadores Z3, quanto em outros locais que atravessam processos sociais similares. E, por último, organizamos e apresentamos as referências bibliográficas e documentais utilizadas para o amparo científico de nossa abordagem reflexiva.

2. COLÔNIA DE PESCADORES Z3

A Colônia de Pescadores Z3 é uma sociedade de pescadores profissionais artesanais localizada na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul / Brasil. É classificada como pertencente à Zona Rural da mesma, já que pertence ao 2º Distrito do município, chamado de Colônia Z3 (Figura 1).

Figura 1
Colônia de Pescadores Z3



Fonte: Programa GoogleEarth, 2010.

Não há consenso nos dados que pesquisamos sobre números relativos a população local. Nas pesquisas de Sacco dos Anjos, Nierdele, Schubert, Schneider, Grisa & Caldas (S/D: 1) encontramos que a localidade reúne “em seu entorno aproximadamente 1.200 famílias cuja esmagadora maioria é formada por pescadores artesanais” (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 1). Já Silva e Da Cruz (2008) dizem que

Segundo o censo demográfico de 2002, há 3.221 habitantes, sendo que destes 1.031 são pescadores com carteira de trabalho assinada, havendo ainda, em torno de 400 trabalhadores informais. Destes 3.221, 28,7% são menores de 18 anos (924 pessoas) sendo 61,3% crianças menores de 12 anos (566 crianças). A renda média familiar mensal gira em torno de R\$ 257,98 (SILVA & DA CRUZ, 2008).

A Colônia de Pescadores Z3 se caracteriza por uma relação muito particular entre cultura e natureza já que se encontra às margens da Lagoa dos Patos. Pescadores profissionais artesanais são aqueles, cujas práticas foram assimiladas através da tradição do saber fazer manual, bem como a leitura da natureza através de sua interpretação. Isto tudo, mediante cadastro profissional para a prática pesqueira, junto à órgãos públicos que regem as atividades sobre as águas brasileiras, tais como a Marinha do Brasil e a Capitania dos Portos.

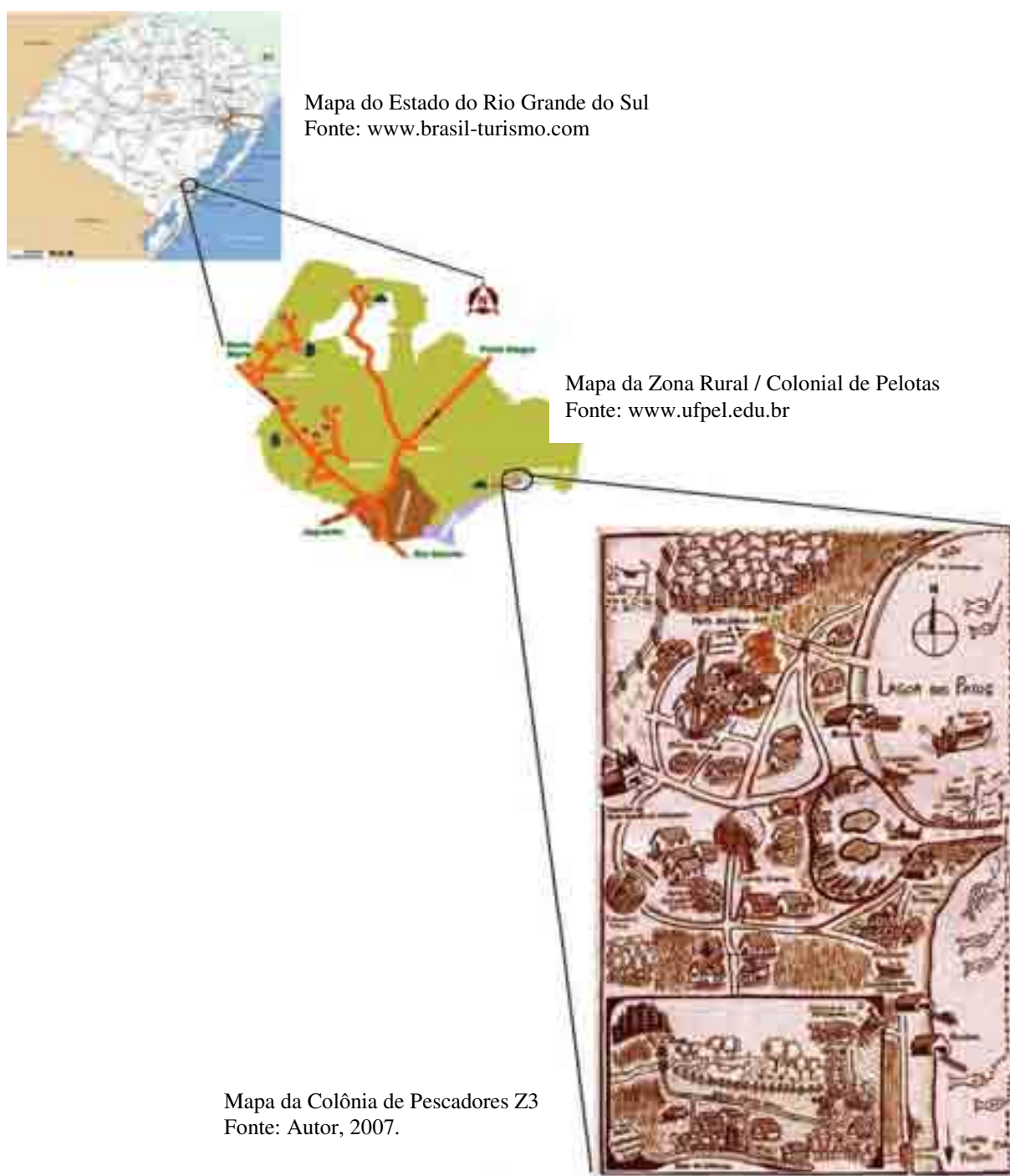
Figura 2
Pescadores Profissionais Artesanais



Autor: Charles Constantino da Silva, 2009.

As suas práticas artesanais são manifestadas por atividades de confecção e remendo de redes, modo de captura de pescados, fabricação de utensílios de pesca, tais como remos, caixas de alimentos (caixa-da-bóia, na Colônia Z3), artesanatos (barquinhos de madeira, usados no estímulo à prática pesqueira de filhos e netos), limpeza de pescados (com precisão para retirar vísceras, peles e escamas), preparação de pratos com frutos da Lagoa dos Patos e construção de barcos com técnicas passadas por diversas gerações (os barcos são construídos nos estaleiros locais).

Figura 3
Mapas de localização da Colônia de Pescadores Z3



Quanto à evolução histórica local temos que “em 1912, a lei 2.544, que criou as colônias de pescadores colocou-as sob a tutela do Ministério da Agricultura” (PESSANHA, 2003: 66). Seu principal objetivo era cadastrar pescadores artesanais para uma possível

convocação para a guerra. Por terem um vasto conhecimento de regiões litorâneas, os pescadores podiam tornar-se peças fundamentais na aplicação de estratégias de defesa nacional, que eventualmente necessitassem ser aplicadas. Enfim, legitimando este processo, as colônias de pesca "tiveram início em todo país no início do século XX por estratégia da Marinha do Brasil em nacionalizar as comunidades pesqueiras e usá-las como pontos estratégicos na defesa do litoral brasileiro" (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 13). Na construção da discussão sobre o processo histórico local nos ancoramos em nossa própria pesquisa monográfica, já que, como ex-moradores da Colônia de Pescadores Z3, publicamos parte do histórico local, baseado em entrevistas com moradores mais idosos e pesquisa documental em periódicos e outros documentos que potencializassem uma melhor interpretação das transformações produtivas, culturais, socioeconômicas e políticas na comunidade em questão (FIGUEIRA, 2006).

A Colônia de São Pedro, ou Arroio Sujo, como também é conhecida a Colônia de Pescadores Z3 foi fundada no início do século 20, mais precisamente na década de 1920.⁵ Alguns moradores mais antigos afirmam que a família “Costa” (família tradicional local) foi a primeira a se estabelecer na região personificada pelo casal Olegário e Adelaide Costa. O estabelecimento de grupos no espaço se deu em quatro fases. No início eram poucas pessoas e famílias, vivendo em casas de madeira e palha, oriundas de diversas regiões. Na primeira fase, no início do século XX, os moradores eram do Estado do Rio Grande do Sul, agricultores de cidades como Piratini, Tapes, Viamão e Rio Grande. Já numa segunda fase, à partir da década de 1950, vieram grupos oriundos do Estado de Santa Catarina, de cidades como Laguna, Itajaí, Florianópolis, entre outras.⁶ Eram pescadores. A partir da década de 1960 começaram a vir famílias oriundas de uma ilha conhecida como “Ilha da Feitoria”⁷, localizada à uma hora

⁵ É importante salientar que o local também já foi conhecido com Colônia de Pescadores Z6.

⁶ Figueira (2000) apud (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 12) cita que "por volta de 1940, [...] observa-se a chegada de pescadores catarinenses para o estuário da Lagoa dos Patos. Estes novos pescadores trouxeram consigo mudanças significativas para a região, como a introdução de embarcações maiores, uso de motor no lugar da vara, do remo ou da vela, redes de espera de maior tamanho, diminuição do tamanho das malhas, entre outros. É nesta mesma fase que se consolida a figura do intermediário-atravesador" (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 12).

⁷ Esta Ilha possuía até o início da década de setenta, atividades comunitárias muito significativas, com forte comércio, inclusive. No entanto diante das dificuldades de deslocamento à zona urbana de Pelotas, dificuldades para tratamento de saúde e para estudar, os moradores a abandonaram, migrando para a Colônia Z3 e para outras comunidades pesqueiras localizadas em cidades como São Lourenço do Sul. Segundo o Jornalista Álvaro Guimarães discutindo sobre o processo de emancipação da Colônia de Pescadores Z3 e o seu potencial turístico calcado na gastronomia e nas belezas naturais, e a relação disso com a Ilha da Feitoria "os emancipadores estão decididos a brigar por outro naco do território pelotense: a Ilha da Feitoria. Localizada à 30Km da Z3, a Feitoria foi a base do primeiro povoamento fundado pelos pescadores catarinenses que deram origem à Z3 no início do

de barco da Colônia Z3. Numa fase final, a partir do início da década de 1990, chegam grupos oriundos das periferias urbanas e da zona rural de Pelotas. Segundo relatos, o principal objetivo de todos que se estabeleceram no local sempre foi a melhoria da qualidade de vida, através da atividade pesqueira na Lagoa dos Patos. Pieve, Miura & Rambo encontraram em suas pesquisas dados que indicam que "quanto a naturalidade, 65,2% dos entrevistados são pelotenses, sendo, 34,8% da Colônia São Pedro (Z3), 21,7% da área central da cidade e 8,7% da Ilha da Feitoria, enquanto 26% são da região e 8,7% do estado de Santa Catarina" (PIEVE, MIURA & RAMBO, 2007: 6).⁸

Alguns idosos afirmaram que os antigos moradores hoje batizam o nome das principais ruas da Colônia Z3: "Olegário Costa", "Silvino Costa", "Ignácio Moreira Maciel", "Inácio Motta", "Fausto Carrenho", entre outros. Segundo entrevistas, num determinado período da história, na primeira das fases de chegada de grupos no local, o peixe era comercializado após ser seco, quando era vendido em arrobas (pacotes de 15Kg cada), e alguns pescados não tinham valor comercial, como o "camarão" e o "siri", por exemplo. Os barcos não possuíam motores, sendo orientados pelo vento através do uso de velas. Não havia as redes feitas de nylon-seda como atualmente. Os instrumentos para a prática da pesca eram o espinhel e as redes feitas de linho, e posteriormente de algodão, as quais eram banhadas no "óleo de linhaça" para ter mais resistência.

No trabalho monográfico intitulado *As diversidades ecológicas e culturais e o potencial do turismo sustentável na Colônia de Pescadores Z3* nós havíamos observado que a Colônia Z3 apresenta algumas peculiaridades que foram sendo formatadas com o passar do tempo, traduzindo a cultura local sobre uma perspectiva única. Os diferentes grupos que se estabeleceram no local com o passar dos anos, foram organizando-se de maneira particular, num ambiente também particular. Assim desenvolveram técnicas e preservaram valores e tradições passadas por diversas gerações que traduzem a personalidade local (FIGUEIRA, 2006a). Essa personalidade pode ser explicada sobre um ponto de vista teórico como um

Ampla conjunto de identidades – história; costumes; arquitetura; urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas; detalhes e adornos; tipos humanos e suas relações com o meio e região; pertença; formas lingüísticas; mitos; fantasmas e aparições de santa; esconderijos; sons específicos; astral; segredos e todos diferenciais próprios do meio ambiente (relevo, hidrografia,

século 20. Além da ligação histórica, a ilha possui um patrimônio natural praticamente intocado que a transforma em uma jóia rara capaz de conquistar os ecoturistas" (GUIMARÃES, 2007: 3).

⁸ Ruas (2005: 30) em sua monografia de conclusão de curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas confirma este fato ao citar que "a Colônia Z3 formou-se por intermédio da doação de um lote aos pescadores que ali estavam em busca de novas oportunidades, muitos vieram de Santa Catarina, e outros são dos arredores de Pelotas" (RUAS, 2005: 30).

fauna, flora, clima, luminosidade, etc.). Ainda que dois lugares possam ter os mesmos ingredientes, a disposição de suas formas pela comunidade produz algo necessariamente diferente (YAZIGI, 2001: 45).

Essa diferença que constitui a personalidade da Colônia de Pescadores Z3 encontra-se manifestada em elementos patrimoniais culturais e ecológicos em um ambiente geopolítico e produtivo único enquanto sociedade: “são patrimônios refletidos em sua culinária, folclore, ritos, mitos, crenças religiosas, festas populares, paisagens e outras tantas singularidades de seu cotidiano que vêm a formatar a sua identidade própria” (FIGUEIRA, 2004: 6).

Cercada por matas nativas e exóticas, banhados e lagoas, no ambiente de inserção produtiva da vila de pescadores encontram-se diversas espécies da fauna e da flora brasileira: aves costeiras como garças, maçaricos, biguás, gaivotas, frangos d’água, viuvinhas e chimangos; aves silvestres como perdizes, falcões, canários-da-terra e cardeais; mamíferos como preás, gatos do mato, ratões do banhado, tatus e gambás; répteis como o jacaré-de-papo-amarelo, a cobra-coral e o lagarto; anfíbios diversos como sapos, rãs e pererecas; diversas espécies de peixes como a tainha, o bagre, a traíra, a corvina, o linguado, entre outros; plantas como o xaxim, o gravatá e a samambaia; flores como as bromélias; e árvores como as aroeiras (FIGUEIRA, 2005: 6).

Figura 4
Ave silvestre, comum no local



Fonte: Charles Constantino da Silva, 2009.

As práticas sociais locais sempre foram organizadas e articuladas com base na atividade econômica partilhada sobre as águas da Lagoa dos Patos. Sobre essa partilha caracterizada na Colônia Z3 pela reciprocidade de ações, nos agarramos nas palavras de

Bourdieu (1979: 48), o qual pesquisando sobre trabalho e trabalhadores na Argélia, interpreta que “pertencer ao grupo, significa ter no mesmo momento do dia e do ano o mesmo comportamento de todos os outros membros do grupo” (BOURDIEU, 1979: 48). Na Colônia Z3 esse comportamento envolve hábitos coletivos como saídas de madrugada em direção ao campo de trabalho ⁹, cooperação para colocação de barcos sobre as águas da Lagoa dos Patos ¹⁰, compartilhamento de espaços junto ao campo de trabalho, oportunizando que todos possam praticar a pesca, reconstrução de moradias destruídas por alterações climáticas através da prática do mutirão, ajuda às famílias carentes, participação e celebração em procissões e festas religiosas, apoio à organização de festas infantis na escola, frequência em bailes, jogos de futebol, entre outras atividades de cunho comunitário, mas marcadamente impressos na reciprocidade para responder a interesses comuns que envolvem geração de renda, preservação de hábitos e costumes socioculturais e lazer.

Figueira (2006a) explica que naturalmente as pessoas definiram nas margens da Lagoa dos Patos (principal campo de pesca da região) suas outras atividades de trabalho: peixarias, galpões (locais onde estão concentrados os equipamentos e utensílios para a prática da pesca), ancoradouros, comércio tradicional artesanal de frutos do mar e pescados, entre outros. É nesses locais que as pessoas ficam a maior parte do seu tempo quando não estão realizando outras atividades que envolvem a cadeia produtiva da pesca. Ficam remendando (confeccionando e restaurando) redes de pesca, consertando barcos, vendendo seus produtos e discutindo questões ligadas à pesca. Esse cotidiano é organizado numa espécie de senso comum de atividades diárias e anuais, estas últimas em relação às safras de pescados (FIGUEIRA, 2006a). O mesmo autor explica que a atividade pesqueira na Colônia Z3 é desenvolvida como uma atividade de subsistência caracterizada pela coletividade familiar a partir da formação de uma espécie de microempresa chamada pelos pescadores de “parelha”, composta por membros da mesma família e por outras pessoas que possuam certo relacionamento com esta família (FIGUEIRA, 2006a). E nesta “parelha”, o proprietário das embarcações fica com a maior parte da renda gerada pelo extrativismo e comercialização do pescado (FIGUEIRA, 2006a).

O trabalho na Colônia Z3 é de âmbito totalmente familiar. Crianças e jovens acompanham os pais na confecção de redes, verificação de suprimentos, saídas para a pesca,

⁹“O respeito dos ritmos temporais é, com efeito, um dos imperativos fundamentais desta ética de conformidade” (BOURDIEU, 1979: 48).

¹⁰ “A cooperação no processo de trabalho, que ocorre tradicionalmente em comunidades em que existe a propriedade comum dos meios de produção, adquire, segundo Marx, sua forma clássica” (PESSANHA, 2003: 106).

entre outras atividades que se traduzem num sistema social de práticas produtivas envolvendo toda a família. Sobre essa condição social, Furlan, (2003) considera que é importante que em nosso campo de pesquisa reconheçamos aspectos como “as relações de poder locais, as práticas produtivas locais, as trajetórias sociais locais, a mobilidade social da população pobre para zonas marginais, o funcionamento de sistema de preços, as distâncias sociais, entre outros fatores” (FURLAN, 2003: 56).

E assim, observamos que a realidade da Colônia Z3 está organizada a partir da cadeia produtiva da cultura da pesca, a qual é fomentada pela possibilidade de boas safras de pescados e da entrada de cardumes de peixes no estuário da Lagoa dos Patos. Os pescadores estimulam o comércio local, através da compra de equipamentos e produtos para a pesca em estabelecimentos localizados na própria comunidade, gerando, assim, sobretudo nas últimas duas décadas, novas atividades de trabalho e renda (supermercados, armazéns, posto de combustível, farmácias, ferragens, entre outros). Nesta rede ocorre certa circulação da economia gerada pela pesca. E nesta perspectiva, quando ocorre diminuição na captura de pescados, por razões diversas, toda a economia local (e neste caso a renda dos moradores) sofre as consequências. As principais fontes de renda da Colônia de Pescadores Z3 são:

Renda da pesca: obtida a partir do somatório de receitas obtidas pela captura do pescado e autoconsumo familiar de pescado, tendo sido descontados os custos com óleo diesel e aquisição/produção de gelo; Renda de atividades do Sistema Agroindustrial (SAG) do Pescado: refere-se à renda proveniente do trabalho exercido no processo de beneficiamento do pescado, seja pelo recebimento de salários ou na venda direta ao consumidor; Renda de atividades externas à pesca: constitui-se do ingresso de renda daqueles que consideramos os pluriativos típicos, ou seja, por meio de fontes que guardem vínculos diretos com a atividade de pesca; Renda de Aposentadorias: compreende o somatório dos benefícios provindos de aposentadorias dos componentes da família; Renda de Pensões: compreende o somatório das pensões recebidas, independentemente do gênero; Renda do Seguro Desemprego: obtida por praticamente todos os pescadores durante o período de “defeso” [...] em que a pesca é proibida. É repassada para cada pescador que solicitar o benefício, sendo equivalente a um (01) salário mínimo (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 15-16).

Ainda sobre a questão da renda temos que “as famílias exclusivamente pesqueiras são as que apresentam a renda total média mais baixa [...] R\$ 5.165,38” (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D: 17-18).

A Colônia de Pescadores Z3 se organiza produtiva e culturalmente a partir de um processo que envolve saída para pesca, coleta de pescados, comercialização e manutenção de

suprimentos e equipamentos de trabalho. Após o processo de extrativismo na lagoa o pescado é transportado até a Colônia Z3 onde é vendido em peixarias ou diretamente para o consumidor no próprio local ou em feiras organizadas na Zona Urbana de Pelotas. É preciso salientar que até determinado período da história, os pescadores foram totalmente dependentes dos atravessadores e das famosas “Salgas” (Peixarias locais). No entanto com a formação de cooperativas e de feiras realizadas na zona urbana, os pescadores tiveram novas alternativas para comercialização do pescado e incremento na renda de suas famílias, fator de transformação que Goodey (2002: 50) acredita ser normal em sociedades locais: “a maioria das localidades possui algum tipo de sistema representativo que regulamenta e administra, oferecendo serviços e propostas de desenvolvimento e que possivelmente proporciona possibilidades de mudanças” (GOODEY, 2002: 50).

Figura 5
Comercialização de pescados junto à “salga”



Fonte: Autor, 2009.

Um fato importante para a Colônia de Pescadores Z3 foi a criação da *Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca pelo Governo Federal do Brasil*. Através desta secretaria abriram-se oportunidades de captação de linhas de financiamento e crédito específicos e projetos de incentivo social a fundo perdido especificamente para sociedades de pescadores ¹¹, dando mais velocidade à políticas relacionadas a atividade pesqueira no Brasil, além, é claro, de estimular a diminuição do descaso da sociedade para com a realidade dos pescadores.

¹¹ Entre essas o Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar do Governo Federal.

3. PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO NO ANTIGO “ARROIO SUJO”

As transformações na sociedade implicam transformações culturais. A atividade da pesca profissional artesanal aliada à inserção da localidade em um ambiente repleto de ecossistemas fez com que na Colônia de Pescadores Z3 surgissem e se reproduzissem por diversas gerações hábitos, costumes e outras manifestações culturais. São expressões, técnicas, e comportamentos particulares de suas relações de coletividade e reciprocidade, e relação com o meio, que definem a sua cultura. Se como disse Marshall Sahlins (apud Pelegrini & Funari, 2008: 18) “‘a cultura é tudo’, no sentido de que não existe natureza que não se expresse de forma simbólica, em determinada sociedade”, para os moradores da Colônia de Pescadores Z3 a sua cultura representa as suas semelhanças diante de interesses e necessidades histórico-sociais em comum e seus resultados representam todos os aspectos ligados a um processo social tradicional de cadeia produtiva da pesca profissional artesanal (PELEGRINI & FUNARI, 2008: 18).

A cultura é o registro de todas as manifestações humanas. De compor canções ao modo de tocá-las e dançá-las. De confeccionar instrumentos e utensílios para pescar à prática de cozinhar os frutos dessa pesca. A necessidade e o interesse produzem a cultura. De acordo com o movimento britânico dos *Estudos Culturais* a cultura está impressa nas classes, instituições, ações ligadas à tecnologia e a mídia e a formação de agrupamentos com interesses em comum (JOHNSON, 1999). Ou seja,

Os seres humanos não produzem apenas obras de arte, produzem ciência, sabedoria, máquinas, remédios, história, vestuário, receitas de cozinha, formas de relacionar-se com os vizinhos, enfim, hábitos, usos e costumes, entre os quais, lamentavelmente, também estão formas de violência e destruição (BARRETTO, 2000: 10).

A pensadora britânica Kathryn Woodward (2000: 41) considera que

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por ‘cultura’ (WOODWARD, 2000: 41).

Tal ordem social partilhada é significada por uma reciprocidade específica, baseada num jogo coletivo de interesses que legitimam a cultura como algo produzido na história e não apenas como “algo dado, uma simples herança que se possa transmitir de geração a geração” (PELEGRINI & FUNARI, 2008: 19). O seu resultado é fruto das transformações sociais onde a cultura se detém no presente e nas possibilidades estruturais que este impõe. Nas sociedades, cuja cadeia produtiva configura-se como um campo de atividades em comum – que se retroalimentam das mais diversas formas, como herança das possíveis socializações que moldam as várias representações coletivas da memória impressas em diversidades materiais e imateriais – os elementos simbólicos apresentam significados singulares na relação que os produtores culturais possuem com o ambiente geográfico e no presente social em que estejam inseridos. Por mais que uma sociedade de pescadores artesanais se utilize de técnicas, expressões, gestos e objetos para fortalecer a sua crença no sagrado, no profano, no biológico ou no mítico, suas referências de continuidade no tempo e no espaço dependem basicamente de sua legitimação cultural focada na realidade social da pesca no presente.

A prática social da pesca profissional artesanal resulta na configuração da cultura da Colônia de Pescadores Z3 das mais diversas formas: nos pratos da culinária preparados à base de pescados capturados junto a Lagoa dos Patos; nos barcos em miniatura utilizados como recursos ritualísticos na preparação de jovens para a prática pesqueira; nas festas religiosas que reproduzem a tradição da petição de proteção e de boas safras na atividade da pesca; na música e na poesia de um cancionário que descreve as dores, as angústias e o romantismo da inspiração que surge da evocação do passado e da percepção mítica com relação a pesca sobre as águas da Lagoa dos Patos; entre tantos outros elementos que não passam de manifestações tangíveis ou intangíveis das necessidades e interesses em comum que a partir de uma cultura produtiva particular se traduzem em diversidades culturais dentro do campo pesqueiro tradicional de captura e comercialização de pescados. Dessa forma, aproximando nossa reflexão sobre a relação entre cultura e mercado, tendemos a compreender que os pescadores

da Colônia Z3 dividem a sua lógica discursiva e prática da cultura em categorias simbólicas e econômicas, com crenças tanto em divindades católicas, tais como a *Nossa Senhora dos Navegantes*, quanto nos resultados obtidos no mercado pesqueiro artesanal e as políticas da pesca. Por isso, a leitura da natureza, a relação com a paisagem, as técnicas artísticas, a produção gastronômica, as ideologias, as associações, os atos isolados ou em conjunto, enfim, as categorias culturais ancoradas num objeto comum conduzem-se através de modificações na estrutura socioeconômica do cotidiano de trabalho na localidade. Citando Llorenç Prats (1997), a pesquisadora portuguesa Elsa Peralta (2003) – estudando um caso de ativação patrimonial de interesse turístico na localidade de Ilhavo, de forte tradição piscatória no litoral português – observa que

O património, de que tipo seja, serve sempre para qualquer coisa [...] porque para que determinados elementos se constituam como património têm de ser resgatados de um *corpus* cultural mais ou menos difuso e sujeitos a uma engenharia social que lhes confere valor e significado. A conversão de objectos e fenómenos culturais em património não é espontânea nem natural. Nem sequer é um fenómeno cultural universal. O património constrói-se [...] O que quer dizer que toda a operação de construção ou activação patrimonial comporta em si mesma um propósito ou uma finalidade. Existe uma dimensão utilitária inerente a todo o processo de construção patrimonial. Essa dimensão utilitária é moderada pelo valor de identificação simbólica que é reconhecido ao património. Mas também aqui ela está presente. Sendo uma idealização construída por uma sociedade sobre quais são os seus próprios valores culturais, o património serve, antes de mais, a fins de identificação colectiva, veiculando uma consciência e um sentimento de grupo, para os próprios e para os demais, erigindo, nesse processo, fronteiras diferenciadoras que permitem manter e preservar a identidade colectiva (PERALTA, 2003).

Nesta lógica, o resultado histórico da memória localizada em território comum, e os elementos relativos à cultura da pesca na Colônia Z3 representam material ou imaterialmente a sua herança social registrada, assimilada e ressignificada pela transmissão e registro identitário de expressividades instituídas e mantidas por seus agentes culturais, ou seja, os próprios moradores dentro de circunstâncias definidores de suas vidas atuais diante de ações e percepções coletivas. Por exemplo, com o advento do uso de equipamentos modernos para a prática da pesca (GPSs, rádio amadores, sonares), com a profundidade atual dos problemas relacionados a economia da pesca, e com o desinteresse por parte dos mais jovens na continuidade da prática tradicional da pesca profissional artesanal, ocorre uma lenta decadência e esquecimento de hábitos e costumes locais que durante toda a sua história foram reflexos de uma única atividade socioeconômica e seus efeitos multiplicadores. O que afeta a

praticamente todas as famílias. Um reflexo que o poder político relativo à pesca (tais como o *Sindicato dos Pescadores de Pelotas* e a *Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca do Brasil*), as associações civis de interesse comum (tais como a *Cooperativa dos Pescadores Profissionais Artesanais “Lagoa Viva”*), as instituições públicas e privadas de interesse pedagógico e religioso (a *Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque* e a *Comunidade Católica da Z3*), os projetos sociais (tais como o surgimento do *Jornal O Pescador*, projeto de extensão do Curso de Comunicação da Universidade Católica de Pelotas – UCPel e o projeto Ecomuseu da Colônia Z3), e outras tantas ações e reações sociais de representação político-comunitária sempre fizeram questão de minimizar. Porém, os problemas relacionados à pesca local ultrapassam os limites das práticas, decisões e ações locais, na medida em que respondem tanto por políticas externas, inserção da modernidade e tecnologia, quanto de variações de mercado e comportamento do consumidor, elementos que comprometem diretamente a perpetuação da dinâmica cultural local.

Segundo alguns moradores a “modernidade” chega ao local com a implantação da primeira linha de ônibus (o deslocamento até as outras regiões da cidade de Pelotas e região, era feito à pé, à cavalo, de carroça ou de barco até a “Praia do Laranjal” (localizada à 12Km da Colônia Z3, ou diretamente à zona portuária de Pelotas, onde as pessoas deixavam seu barco e seguiam à pé, rumo ao centro da cidade). Em entrevista com idosos, os mesmos nos relataram que uma lembrança muito presente em suas memórias é o fato de que algumas janelas do primeiro ônibus a circular pela Colônia de Pescadores Z3 eram protegidas apenas por cortinas, e que o veículo costumava ficar preso no barro formado nas estradas em dias chuvosos, obrigando as pessoas a saírem e o empurrarem. Com a abertura da Avenida Rubens Machado Souto (ligando a Colônia Z3 ao centro de Pelotas por uma rota mais curta, rápida e segura), e com a implantação de luz elétrica (processo que fomentou um período de urbanização no local), grande parte dos problemas locais, no que tange logística e isolamento, são minimizados. Isto permitiu aos moradores a introdução de elementos que configuraram uma nova concepção de produção e organização sócio-econômica, baseada principalmente numa melhor distribuição para o comércio pesqueiro. Ou seja, para a comunidade, na visão dos mais antigos, este momento veio a caracterizar uma reorientação do processo socioeconômico tradicional, inserindo novos processos de produção e comercialização (ainda utilizados) focados na instalação de câmaras frias em peixarias – onde o pescado após ser congelado passou a ser revendido à empresas externas por meio do uso de caminhões – e infra-estruturas urbanas, o que passa a gerar os primeiros sinais de fluxo turístico ao local.

Por outro lado, alguns pescadores nos relataram que mesmo com o surgimento de equipamentos de pesca avançados em termos de tecnologia para captura de pescados, como os GPSs, (utilizados para auxiliar o pescador na identificação de espaços de trabalho e rotas de pesca), os pescadores mais jovens ainda recorrem à experiência tradicional dos mais velhos na identificação de cardumes e noções de navegação passadas através de diversas gerações de pescadores. Este fato nos mostra que, mesmo com a influência tecnológica presente na atividade cotidiana do pescador artesanal, as técnicas tradicionais de navegação e pesca ainda predominam na dinâmica cultural da Colônia Z3. Essas técnicas são explicadas por Pessanha (2003: 36) como o “conjunto de conhecimentos e tradições acumulados e socializados, referidos a observação do mar, das correntezas, do clima, do comportamento das espécies, etc.” (PESSANHA, 2003: 36).

Refletindo sobre isso, observamos que mesmo com a dinâmica social característica de um progresso que vem com a abertura de estradas e implantação de luz elétrica, entre outras ações, o que conferia aos moradores da Colônia de Pescadores Z3 sentimento de pertença com bases tradicionais ainda representa uma possibilidade de sustentação psicológica, física e espiritual, pois é algo de si que se mantém vivo, herdado e explícito pela memória pública: o seu patrimônio cultural, dividido em facetas técnicas, materiais ou simbólicas. Todavia esse patrimônio passa a ser percebido, também, pela sua qualidade de legado com possibilidades de reversão dos problemas socioeconômicos locais. Enfim, “ao longo deste processo incessante de produção simbólica, inseparável da prática social, nascem novos sentidos, novos valores” (ZIEGLER, 1996: 24). Novos sentidos, novos valores sobre as tradições e o patrimônio cultural da Colônia de São Pedro.

3.1 O patrimônio Cultural e as tradições da Colônia de São Pedro

Patrimônio cultural é a representação material e/ou imaterial da memória cultural transmitida entre gerações de um determinado grupo social que desperta um sentido de valor coletivo. O patrimônio cultural é parte permanente da memória histórica da cultura que é dinâmica, sempre em mutação, onde signos particulares que a formam se moldam diante das forças do presente.

Autores como Dias (2006) e Funari & Pelegrini (2006) explicam que patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai ou pai de família (*pater* ou *pater famílias*) (DIAS, 2006; FUNARI &

PELEGRINI, 2006: 10). Nesta condição, o patrimônio era visto pela apropriação de terras, territórios, tesouros e outras formas acumulativas impressas, sobretudo, na herança de posição militar, religiosa ou imperial (RODRIGUES, 2005; FUNARI & PELEGRINI, 2006). Entretanto, a análise crítica do termo patrimônio se expande para além de sua condição de posição social enquanto legado familiar. Ele passa a ser percebido como um território concreto da identidade, gerando suporte à memória comum dos indivíduos, os quais o protegem ou o renegam na tentativa de manter o seu equilíbrio no mundo, sob a égide de normativas culturais ou, no caso de uma vila de pescadores profissionais, normativas de mercado da pesca artesanal de subsistência. Essas normativas regulam as relações entre esses indivíduos na sociedade em particular da qual fazem ou buscam fazer parte. Ou seja, um grupo de pessoas compartilha significados e coisas, e esta é a sua marca particular expressa em atitudes, idéias e ideais sobre o meio ambiente em comum, com base em um pressuposto de “valores comuns, compartilhados por todos, que se substanciam em coisas concretas” (FUNARI & PELEGRINI, 2006: 20). São “sentimentos” por um “terreno simbólico” particular. A sua “topofilia” cultural (TUAN, 1980).

Por isso, a representação social do patrimônio inserido neste terreno simbólico, se expande em ações cotidianas, tais como o hábito e a técnica de cozinhar, celebrar e manifestar-se artisticamente, e não apenas como um posicionamento material estático que expressa a memória histórica de uma cultura perante a história, já que da história, também, faz parte o presente :

O conceito de patrimônio cultural, que tradicionalmente nos remete ao passado histórico, esquece por vezes, que nossa produção presente constituirá o patrimônio cultural das futuras gerações. Portanto modernamente por patrimônio cultural, é todo e qualquer artefato humano que, tendo um forte componente simbólico, seja de algum modo representativo da coletividade, da região, da época específica, permitindo melhor compreender-se o processo histórico (PELEGRINI, 1993: 95-96).

Anteriormente produzido teórico e politicamente como objeto da elite, como objeto da idéia de nação – universal – com o decorrer do tempo a idéia de patrimônio passa a ser ampliada, também, para as várias formas de diversidade única e excepcional (FUNARI & PELEGRINI, 2006). Os mesmos autores explicam que

Somente na década de 1980 foi consolidada entre os especialistas uma acepção ampliada do conceito de patrimônio, compreendido não só por produções de artistas ou intelectuais reconhecidos, mas estendido às criações anônimas, oriundas da alma popular (FUNARI & PELEGRINI, 2006: 36).

Dessa forma, “para o meio ambiente e para grupos sociais locais, antes preteridos em benefício da nacionalidade” (FUNARI & PELEGRINI, 2006: 23),

Essa multiplicação patrimonial ocorreu em conjunto com a crescente participação das próprias pessoas na gestão dos bens patrimoniais ¹², culturais e ambientais, que deixaram de ser apenas preocupação da administração pública nacional (FUNARI & PELEGRINI, 2006: 23-24).

E,

Como consequência, os próprios conceitos de ambiente e cultura foram, muitas vezes, valorizados por seu caráter único e excepcional. Com o despertar para a importância da diversidade, já não fazia sentido valorizar apenas, e de forma isolada, o mais belo, o mais precioso e o mais raro. Ao contrário, a noção de preservação passava a incorporar um conjunto de bens que se repetem, que são, em certo sentido, comuns, mas sem os quais não pode existir o excepcional. É nesse contexto que se desenvolve a noção de imaterialidade do patrimônio. Uma paisagem não é apenas um conjunto de árvores, montanhas e riachos, mas sim uma apropriação humana dessa materialidade (FUNARI & PELEGRINI, 2006: 24-25).

Sobre esta condição de imaterialidade (intangibilidade) do patrimônio, segundo a Turismóloga Margarita Barreto, Professora da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina - UFSC, temos que

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis,

¹² Na Colônia de Pescadores Z3 existe um projeto que constitui-se na gestão cultural local com participação integral da comunidade. O projeto chama-se *Ecomuseu da Colônia Z3*, redistribuído em atividades em todo o 2º Distrito do Município de Pelotas (Colônia Z3), incluindo não apenas a Colônia de Pescadores Z3, mas diversas outras localidades. Este projeto foi criado há um ano por moradores com apoio de universidades, ongs e diversas instituições e empresas locais e externas, sem contar com nenhum apoio atual do Poder Público. Diversas instituições e pesquisadores que desenvolvem atividades nas comunidades referidas reuniram-se na tentativa de desenvolver um projeto que articulasse a preservação e valorização da dinâmica cultural-ecológica local, através de práticas didáticas conscientes e criativas com a participação direta da comunidade e de seus potenciais visitantes. Depois de muita pesquisa e desenvolvimento técnico – como inventários ecológicos, socioeconômicos, geopolíticos e culturais, e publicação de artigos, além da criação de roteiros turísticos temáticos – foi desenvolvido um projeto seguindo princípios e técnicas que se aplicam a um museu tradicional, porém com uma face descentralizada voltada diretamente para o patrimônio etnoecológico. [...] Um projeto onde a intimidade cotidiana da cultura da Colônia Z3, em fase de desaparecimento renasce, abre-se e reapresenta-se como um espelho de sua biografia em reconstrução. Onde os saberes, fazeres e crenças são retrabalhados de modo dinâmico, numa tentativa de devolver auto-estima e sentido de pertencimento local através da geração de empregos e renda focados no turismo cultural em um laboratório aberto de estudos antropológicos e ambientais. [...] Para finalizar é importante ressaltar que o *Ecomuseu da Colônia Z3* busca representar e preservar qualitativamente a biografia sociocultural e socioambiental da Colônia Z3. [...] O ecomuseu terá como base inicial de pesquisas a Colônia de Pescadores Z3, uma comunidade de pescadores artesanais, localizada no espaço em questão (FIGUEIRA, PINHO JR & SILVEIRA, 2009).

não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos (BARRETTO, 2000: 11).

Na visão de Pelegrini & Funari (2008: 35)

O patrimônio cultural não material – intangível – é formado por todos aqueles conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, a música, as danças, o teatro, os costumes, as festas, as crenças, o conhecimento, os ofícios e técnicas antigas, a medicina tradicional, a herança histórica, entre outros (PELEGRINI e FUNARI, 2008: 68).

Os mesmos autores explicam que a Convenção da Unesco de 2003 institui que o patrimônio intangível se manifesta, em particular, nos seguintes campos:

- a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- b) expressões artísticas;
- c) práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- e) técnicas artesanais tradicionais (PELEGRINI & FUNARI, 2008: 48).

Esses bens imateriais são representações desafiadoras, críticas, discursivas, técnicas e simbólicas da cultura, tal como a técnica de compor canções, escrever poesias, confeccionar artesanato ou gastronomia típica, acionar os rituais, construir os próprios utensílios de trabalho, dançar, entre outros aspectos que imprimem hábitos tradicionais, conferindo sentido de particularidade aos locais. Por isso, a percepção reducionista antes característica da interpretação única, política e material do patrimônio cultural é revista e moldada também com a interpretação das dimensões cotidianas de localidades e suas realizações intangíveis mantidas, preservadas e valorizadas, repletas de sentimentos evocativos, os quais são transmitidos, assimilados, registrados e reproduzidos através da sua tradição.

A cultura se transforma em patrimônio, legado ou herança numa posição de resistência ou continuidade diante do tempo e do espaço que justifiquem a transmissão e registro de seus códigos e informações com base nas necessidades impostas pelos mais diversos quadros sociais da experiência humana. E o instrumento prático que possibilita tal processo é o que chamamos de tradição. A tradição é uma ação de reprodução cultural que permite ao homem a continuidade no tempo, os vínculos com o passado e a força da conveniência de agir de acordo com seus interesses mais particulares. O estudioso inglês Anthony Giddens (2005: 49) explica que “a palavra inglesa tradition tem origem no termo latino tradere, que significa

transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém” (GIDDENS, 2005: 49). Segundo Diegues (2001) apud Mendonça (2004: 85) "é importante destacar que um dos critérios importantes para definir uma população como tradicional, além do modo de vida, é sem dúvida a questão da identidade, reconhecer-se como pertencente àquele grupo em particular" (MENDONÇA, 2004: 85). A mesma autora, ainda citando Diegues (2001), considera que as culturas e sociedades tradicionais se caracterizam, entre outros itens, pelas seguintes características:

Dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis, a partir do qual se constrói um modo de vida; noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais podem ter-se deslocado para outros centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados; importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de 'mercadorias' possa estar mais ou menos desenvolvidas, o que implica numa relação com o mercado; reduzida acumulação de capital; importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e as relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e as atividades extrativistas; a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final; fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos; auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras (MENDONÇA, 2004: 85-86).

A tradição é uma "matemática cultural" (informação = transmissão = repetição = registro = informação influenciada pelo presente) que está sempre acompanhada de transformações: “a idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito (GIDDENS, 2005: 51). Dias (2006: 59), complementa este posicionamento de Giddens (2005) citando que “de acordo com Hobsbaw (1997), as tradições ditadas pelos costumes são processos sociais que sofrem modificações ao longo do tempo e que só sobrevivem por meio de formas de adaptação diversas” (DIAS, 2006: 58). Estas adaptações são justificadas pela história e pela memória diante do fato de que, com relação às sociedades tradicionais empobrecidas, por exemplo, os subalternos não estão preparados para ficar cercados para sempre em uma tradição imutável.

No que tange o processo relacional entre patrimônio e tradição na Colônia de Pescadores Z3, entendemos que seus elementos patrimoniais representam as suas reservas técnicas e artísticas passadas de geração em geração através da tradição, produzidas, mantidas, reutilizadas e ressignificadas pela condição do presente. São saberes, hábitos e

conhecimentos tradicionais que permanecem vivos na memória prática de diversos moradores da localidade. Entre estes saberes se encontra o processo de fabricação de medicina caseira, ao utilizarem plantas, galhos de árvores, frutos e ervas nativas e exóticas na preparação de chás e outras formas de transformação da natureza em remédio para a cura de diversos males e doenças como a diarreia e a prisão-de-ventre. Práticas ainda manifestadas por algumas mulheres que aprenderam com suas mães e avós a tradição da benzedura e da medicina caseira.

Nas artes, além da fabricação de barcos em miniatura, sempre foi comum os filhos dos pescadores desenvolverem suas aptidões artísticas desenhando barcos coloridos em que se colocam ao lado de seus pais. É comum também artistas pintarem as imagens de *Nossa Senhora dos Navegantes* (entidade católica) e Iemanjá (entidade afro-brasileira) em embarcações.

Figura 6
Pintura de *Iemanjá* em embarcação



Fonte: Charles Constantino da Silva, 2009.

Na poesia, alguns moradores descrevem odisséias fictícias e reais onde seus filhos, pais, amigos e eles próprios participam de grandes aventuras, apresentando, também, sentimentos de amor pela localidade, convidando o ouvinte a visitar lugares explicitamente colocados como especiais, como expõe o pescador, já idoso, Pedro João Constantino:

*“Queria que você fosse um dia
Na praia bonita onde ‘vamo’ pescar
Tenho certeza que você gostaria
Das nossas cabanas, dos serviços de lá*

*Temo chefe que é bom camarada
E a turma unida para brincar*

*O nosso samba bem ritmado
E também entoadado com o barulho do mar
Ai quanta saudade...
A jangadinha anda no mar se dirigindo
O remador com força vai remando
No verde mar que não tem fim
Lá na Z3, é assim”
(PEDRO JOÃO CONSTANTINO, 2009) .*

Além disso, é comum na poesia, também, a manifestação da memória no campo de uma identidade marcada pela nostalgia de tempos passados de grandes safras, sentido de pertencimento e crítica à degradação do tecido socioambiental, tal qual a poesia *Saudade do que não mais tenho* de Éderson Silva:

*“Não quero mais ouvir estória, quero agora contar a minha
Pra que tu leve na memória o tempo que peixe tinha*

*Sou pescador, não sou poeta, Não tenho carro nem bicicleta
Só boate e caíco, aprendi a guiar
Ainda era guri pequeno quando papai me levou pra pescar*

*Quase não fui à escola, pouco sei escrever
Mas te digo e provo agora, rede como ninguém sei fazer*

*Preste bem atenção guri na estória que vou te contar
Num tempo, não muito longe daqui, peixe dava até pra doar*

[...]

*Ah, que saudade daqueles tempos, que hoje não voltam mais
Botes cheios de tainha, na época dos carnavais*

*Muito bagre, corvina e jundiá, o camarão dava na praia
E também a miraguaia, se pescava pra salgá*

[...]

*A natureza nos respeitava, quando os homens iam pra lagoa
A mulherada também rezava pra que a pesca fosse boa*

*E quando vinha o temporal, a nossa crença ensinava
Sinal da cruz espanta o mal, então o vento desviava*

*Que saudade daqueles tempos, que hoje não voltam mais
De se fazer desviar os ventos, e até os temporais*

*De se guiar pelas estrelas, nas noites de escuridão
Das redes feitas de seda, e de fio de algodão*

[...]

*Das mulheres escalando o peixe, que hoje não se vê mais
Não vejo um borriquete, nem sei quanto tempo faz*

*Ah, que saudade daqueles tempos, de temer assombração
Nas noites escuras de ventos, apareciam nessa região*

*De quando vinham as canoa, saiam lá do outro lado
Atravessavam a lagoa, pra buscar peixe salgado*

*Só te peço agora guri, por quem tenho muito afeto
Quando eu não estiver mais aqui, conte isso pros teus neto*

*E que nunca te esqueça, se te perguntarem quem te contô
Guarde isso na cabeça, foi teu velho pai pescador” (ÉDERSON SILVA, 2009).*

Além da poesia, na Colônia de Pescadores Z3, encontramos contos que abordam o romantismo impresso no aspecto simples, de vida difícil e repleta de incertezas, característica dos pescadores, tal como o conto “Vaticínio”, que destacamos, parcialmente, a seguir, escrito pela contista Laura de Oliveira Matheus, moradora local:

Pescador ou rei? Na plácida e opulenta lagoa, consciente de sua humildade, inserido na arte de colher os frutos das águas matreiras. Acompanha o proeiro ¹³ perguntador, de pele bronzeada. Pescador é acostumado à vida dura. Ninguém imagina o quanto é alegre e comunicativo. Seu dia é dentro do bote, sujo, tismado pela fumaça do motor. Seus olhos buscam em sonhos o peixe sumido. Sem horizontes, o pescador anda desmotivado... (MATHEUS, 2008: 26)

Quanto às expressões lingüísticas, é comum na Colônia de Pescadores Z3 vários moradores utilizarem-se de frases e expressões particulares para explicar a sua presença identitária. Entre elas estão: “Despescar” – tirar o peixe da rede; “Manjoada” – largar “rede de espera” (põe a rede num dia e retira-se no outro); “Saragaço” – barulho; confusão; agito; “Andana”- conjunto formado por redes e calões (calão é um ‘pau’ usado pra prender a rede); “Feição mal” – sem conforto para trabalho; “É uma chave” – é um debilóide; é uma figura; é um “quadrinho”; é um “sem-noção”; “Balaquero” – que se acha o melhor; que se acha o tal; “Ladino” – sem vergonha; agitador; criança que incomoda; “Relar” – resmungar; “À fuseu” – sem pensar; sem raciocinar, sem planejar; “Inhacha” – muito machucado; detonado;

¹³ Trabalhador de uma parelha de pesca.

destruído; “Pisado” – machucado; “Buscar de vereda” – buscar muito rápido; pegar de primeira; “ ’ tá numa ‘naba’ ” – sem dinheiro; “Rebojo” – denominação local para o vento que vem do sul conhecido na região da campanha gaúcha como “minuano”; e “Agacho” – ganhar pequena parte da produção pesqueira ao ajudar os pescadores em sua chegada da Lagoa dos Patos, e vender esta ‘parte’ à uma peixaria local. Além disso é comum o uso de frases relacionadas à religiosidade católica, tais como as relacionadas ao temor diante do sagrado: “Não presta comer sem camisa”, e “Não presta rezar de luz apagada”; e àquelas relativas ao sentido de proteção: “Que Nossa Senhora te proteja”.

A influência cultural da pesca profissional artesanal está presente também nas mais diversas formas de sociabilidade local, tais como o carnaval e os jogos de futebol. No carnaval, a escola de samba “Bambas do Mar” traz em seu nome uma referência direta com a atividade da pesca artesanal. Já no futebol, o *Marítimo Futebol Clube* também recebe um nome em alusão ao mar. A relação simbólica que os moradores possuem com suas entidades de devoção religiosa, de origem católica e afro-brasileira, também, representam uma categoria cultural relacionada com a prática da pesca artesanal: “Nossa Senhora dos Navegantes”, “São Pedro”, e “Iemanjá” são constantemente louvados em procissões, celebrações, desenhos em embarcações e diversos rituais.

Entre as lendas e mitos locais encontram-se as bruxas, os lobisomens, as “mulheres de branco”, as figueiras e casas assombradas, e as luzes estranhas no céu. Estas últimas estão presentes na maioria dos relatos locais sobre questões de ordem sobrenatural. Como um clichê popular, sendo uma vila de pescadores, na Colônia Z3, são comuns as populares “estórias de pescador”, nas quais relatam grandes feitos e fatos, em que se colocam como protagonistas de aventuras em águas profundas e distantes, encarando intempéries como temporais e vendavais, porém saindo ilesos através do uso da força e da fé no sagrado. A localidade se caracteriza, ainda, pelo respeito aos ritmos temporais e culturais entre os pescadores e seus familiares, bem como entre outros moradores que sobrevivem sob a mesma ótica de efeito multiplicador característico da cultura pesqueira e seu mercado tradicional. Sempre foi comum no seu cotidiano, pescadores saírem de madrugada em direção à lagoa que chamam de mar, as mulheres rezarem antes de dormir, moradores discutirem questões relativas à pesca ao redor de galpões, taparem espelhos em dias de fortes tempestades, mulheres beberem “mate”¹⁴ doce” durante as tardes, entre outras formas de sociabilidade e rituais cotidianos.

¹⁴ Bebida típica do Rio Grande do Sul, onde se adiciona açúcar.

Citamos um fato interessante, também, presente no cotidiano local: um processo de fuga entre jovens casais com interesse em constituir família. Nesta fuga há um interesse recíproco de união, porém, normalmente, os pais da garota não aceitam. Por isso, após combinarem dia e horário fixo, o garoto bate na janela da garota durante a madrugada, e os dois fogem para a casa de amigos ou familiares – ou de barco para acampar em ilhas próximas à Z3 – e só retornam com a união reconhecida por seus pais. Após esse processo, o garoto passa a trabalhar com seu sogro, constituindo parte da parêlha de pesca sob supervisão deste. Neste momento, os jovens, normalmente, terminam morando com os pais dela, construindo sua casa no terreno destes.

A tarefa de identificação das diversidades culturais da Colônia de Pescadores Z3 exige uma análise sobre os diversos conhecimentos náuticos passados por gerações de pescadores. Passados pela oralidade de gestos e ações baseadas na prática ritualística manual e interpretativa, entre esses conhecimentos encontram-se a capacidade de navegar guiando-se pelas estrelas, a capacidade de identificar cardumes de peixes através da observação da direção dos ventos e das marés, a capacidade de construção de barcos com base na prática da carpintaria naval artesanal, a capacidade de confeccionar uma gastronomia focada em pescados capturados junto ao campo de trabalho, a fabricação de vestuário utilizado na pesca – estes dois últimos realizados, principalmente, por mulheres – e a possibilidade de invenção de vários artefatos para a facilitação do trabalho no “mar”. Além desses elementos, existe, também, uma arquitetura de estética rudimentar, impressa nos espaços considerados – depois de suas casas e da Lagoa dos Patos – como o terceiro lar dos pescadores: os galpões de pesca. São nesses locais que costumam restaurar e confeccionar redes de pesca, discutir questões referentes a sua produção, armazenar utensílios e equipamentos e, para alguns, simplesmente morar.

Todos esses elementos citados, oriundos da “alma popular” traduzem o patrimônio cultural como um campo de continuidade e expressões da identidade que são transmitidos aos descendentes para a preservação da cultura. Contudo, essa transmissão torna-se absolutamente dependente da condição social atual em que vivem os transmissores e aqueles que registram essa transmissão técnica e prática, o que já havíamos discutido:

O patrimônio cultural é considerado, atualmente, um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos significados, os quais, provavelmente, deverão sofrer novas interpretações de acordo com novas realidades socioculturais (DIAS, 2006: 67).

Entre essas novas realidades socioculturais encontram-se as dimensões geradas pela necessidade de sistemas produtivos alternativos em decorrência da crise socioeconômica impressa nos sistemas tradicionais. Na Colônia de Pescadores Z3 este período está marcado pela evolução da crise na prática tradicional da pesca profissional artesanal junto a Lagoa dos Patos, e seus reflexos na qualidade de vida de todos os moradores. Isto constitui uma problemática que se expande cada vez mais e que provoca uma alteração profunda nas relações sociais e nos hábitos culturais locais.

3.2 Evolução da crise na pesca profissional artesanal

Bem ou mal, a atividade da pesca profissional artesanal sempre proporcionou uma qualidade de vida consideravelmente boa, e mesmo excelente para diversas famílias da Colônia de Pescadores Z3. Não existem registros de morte por inanição na comunidade a partir do período registrado, localmente, como um sinal de modernidade, desde o surgimento da luz elétrica e a abertura da estrada ligando a localidade ao centro de Pelotas. Além do mais, a cadeia produtiva da pesca local sempre possibilitou o surgimento de outros campos e atividades de trabalho, incluindo comércios de alimentos e bebidas, serviços gerais de elétrica e mecânica, estaleiros, entre outros, surgindo também instituições ligadas à defesa dos assuntos relativos à pesca, como o *Sindicato dos Pescadores de Pelotas*. Por exemplo, em entrevista com o pescador Pedro João Constantino sobre a situação da pesca durante a história da Colônia de Pescadores Z3, Geraldo Hasse assim transcreveu

Catarinense, Seu Pedro chegou à Z-3 em 1951, quando o assoreamento da Barra de Laguna (município do Estado de Santa Catarina) tirou o ganha-pão de muita gente no sul de Santa Catarina. Depois de vários dias de viagem em seu barco a motor, ele ancorou num banhado ao redor do qual havia umas 30 casas de madeira, todas cobertas de capim-santa-fé. [...] Tal como os outros pescadores da colônia, Pedro começou a vender seu peixe escalado e salgado em Rio Grande, que já possuía algumas indústrias de pescado. Com esse trabalho, criou seus filhos – três homens e três mulheres -, todos envolvidos até hoje com o tal jogo da pesca. Nele se ganha e se perde, mas nunca a ponto de ficar rico ou restar pobre (HASSE, 2009: 55).

Por outro lado, a partir da década de 1990 começam a surgir os primeiros sinais de uma crise que seria legitimada a partir da década de 2000. Há cinco anos atrás Guimarães (2003: 4), descrevia que “desde 2000, quando experimentaram a melhor safra em dez anos -

os pescadores pelotenses não têm uma safra que pode ser considerada ao menos razoável” (GUIMARÃES, 2003: 4). Telo, Saraiva e Schwonke (2009: 8) ao entrevistarem um pescador da Colônia Z3 sobre a última safra de pescados destacam o posicionamento deste, legitimando o que Guimarães (2003: 4) colocou sobre o ano 2000, período da última grande safra: "por enquanto está fraco. Ainda não saiu o que todos esperavam. Em 2000 foi bem melhor" (Florêncio Rodrigues da Silva de 55 anos). Com o seguimento desta década, diante da nova realidade da atividade pesqueira no Brasil – com o nascimento da *Secretaria Nacional da Pesca* do Governo Federal – continuaram evoluindo problemas sócio-econômicos e políticos ligados a este setor primário e seus efeitos nos setores secundário (fábricas e indústrias de pescados) e terciário (prestação de serviços de comércio, manutenção de equipamentos, etc.). Todos ligados direta ou indiretamente ao efeito multiplicador da pesca artesanal na Lagoa dos Patos.

Segundo Pieve, Miura & Rambo (2007: 2), "a pesca artesanal é marcada hoje pela baixa renda do setor e drástica redução do estoque do pescado" (PIEVE, MIURA & RAMBO, 2007: 2). Este fator reflete no desinteresse pela prática pesqueira, já que segundo os mesmos autores, após realizarem entrevistas com pescadores artesanais da Colônia Z3, "embora 73,9% dos entrevistados sempre foram pescadores e 95,7% destes têm parentes pescadores na própria comunidade, 87% deles não gostariam que seus filhos exercessem a mesma profissão, ou seja, a pesca, devido à crise e dificuldade em que se encontra o setor atualmente" (PIEVE, MIURA & RAMBO, 2007: 6).

Uma das principais descrições que se têm da Colônia de Pescadores Z3 é a de que a localidade é caracteristicamente empobrecida. Algumas pessoas recebem menos de um salário mínimo por mês, sem acesso a linhas de crédito e financiamentos para manutenção e aquisição de equipamentos de pesca. Além disso, acabam se endividando na contratação de créditos para investimentos na produção pesqueira, na medida em que a baixa produtividade no setor, muitas vezes, implica em inadimplência. Esses fatores fomentam uma conseqüente desistência de sobrevivência na pesca, fomentando o desestímulo e o êxodo de moradores, principalmente jovens, em busca de uma melhor qualidade de vida fora do local, trabalhando em diversos segmentos, tais como operários da construção civil ou de fábricas, e como vendedores de peixes em feiras organizadas na Zona urbana de Pelotas ¹⁵. Esses jovens

¹⁵ No ano de 2001 foi criada a “Feira do Pescador”, projeto que envolvia diversas instituições, permitindo aos pescadores vender o peixe *in natura* direto para o consumidor. No mesmo ano, inicia-se o projeto “Coletivos de Trabalho” criado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, o qual levou a formação de diversas cooperativas (culinária, artesanato, farmácia caseira, reciclagem). Esses projetos permitiram o aumento na renda dos pescadores, os quais anteriormente eram obrigados a negociar os pescados apenas com atravessadores. A

buscam a oportunidade de realizar outras atividades econômicas, já que enfrentam em suas casas, a falta de perspectivas, a baixa – estima e a depressão. Isso é explicado por Cavaco (2000: 77), o qual discorrendo sobre a realidade de comunidades rurais em Portugal, observa que “os jovens são mais bem informados e instruídos, mais exigentes quanto ao seu futuro, com capacidade de iniciativa e de risco, como deixar família, amigos, casas, parcelas agrícolas patrimoniais, raízes e cultura” (CAVACO, 2000: 77).

Figura 7
Situação social de parcela significativa da população local



Fonte: Charles Constantino da Silva, 2009.

Entre os diversos problemas sociais que atualmente assolam a vida dos moradores da Colônia de Pescadores Z3 estão os altos índices de consumo de drogas, violência doméstica, prostituição (para uso de drogas), assaltos à mão-armada, roubos diversos, entre outros. Sobre a onda de violência registrada no local, já em 2003, Peixoto (2003: 3) nos dizia que

O tempo em que se podia deixar roupas na corda, portas e janelas da casa abertas na Z3 encontra-se muito distante. A tranquilidade deu lugar a constante preocupação com a segurança. E não é exagero. Nos últimos dois meses foram pelo menos seis grandes casos de assaltos por aqui. E, segundo os próprios moradores, a ação de um grupo pode acabar servindo de espelho aos jovens zetrezenses a seguir os passos do crime. Arrombamentos e furtos são a marca do grupo de assaltantes que têm deixado a população de seis mil moradores da Colônia assustada (PEIXOTO, 2003: 3).

Entretanto, além dos problemas relativos ao ambiente social, observa-se uma lenta decadência e esquecimento de práticas ligadas à cultura do pescador artesanal: técnicas

feira possibilitou ao pescador uma atividade de renda alternativa, não apenas a pesca em si como fonte única de trabalho e renda.

tradicionais de navegação, técnicas de produção típica de artesanato e culinária, crenças e lendas, cancionero popular, entre outras diversidades. Isto ocorre justamente em função do êxodo e do abandono da prática pesqueira, e suas afetações, por parte dos moradores mais jovens. Situação que se destaca pelo alto índice de desemprego, desestimulando a ação cultural, já que não possuem recursos para investimentos no setor, e quando o possuem a desvalorização do pescado e a dependência ao atravessador, ainda presente, os acorrenta a um sistema explorador e deficitário.

Discorrendo sobre uma safra incerta de tainha, no ano de 2004, Guimarães (2004: 5) relatava que “os profissionais da Z3 esperam driblar de uma vez por todas a crise econômica que se abateu sobre a Colônia depois de três anos sem uma safra regular de pescado” (GUIMARÃES, 2004: 5). Já Ribeiro, em 2005 (2005: 4) dizia que para a preparação da pesca de camarão deste ano “faltou dinheiro para arrumar motores, consertar embarcações e comprar redes” (RIBEIRO, 2005: 4). Ainda na mesma matéria, o mesmo autor complementava que mesmo com uma safra significativa “os pescadores da região apelam para as vendas a varejo, insuficientes para garantir o lucro de outros anos e, às vezes, até mesmo para cobrir os custos de trabalho” (RIBEIRO, 2005: 5). E, por fim, Guimarães (2005: 5) explicava que mesmo com uma pequena safra, o crustáceo (camarão) não possuía um bom índice de valor mercadológico, reproduzindo a questão da dependência dos pescadores diante dos atravessadores:

Depois de um ano de espera e muita torcida, os pescadores do sul do estado comemoram uma safra de camarão. Na Z3, por exemplo, pescadores têm entregue a produção para os atravessadores sem saber quanto ganharão por quilo vendido. Os pescadores não conseguem lucrar com a captura do crustáceo existente em grande quantidade e bom tamanho, pois se por um lado a produção e a qualidade estão acima da média dos últimos anos, por outro a falta de compradores faz o preço despencar a ponto de desestimular a categoria (GUIMARÃES, 2005:5).

Aprofundando esta questão da dependência ao atravessador, Almeida (2009:7) em uma pesquisa bastante atual explica que

Vida de pescador é condicionada pela vulnerabilidade. Na Colônia Z3, a atividade artesanal é cercada de vícios inevitáveis para garantir o sustento da família. De um lado, o consumidor final busca o melhor preço, aceito a qualquer custo pelo pescador. Entre as malhas da rede, atravessadores - aqueles que compram do pescador para revenda - e comerciantes ditam os preços a fim de conquistar maior clientela. Neste emaranhado, pescadores se endividam, apesar da boa safra do camarão deste ano, graúdo e em grande

quantidade. Mas o mercado desta vez está para a tainha, vendida a um valor acima do comercializado em outros anos. Enquanto o crustáceo é pescado sem ter a quem vender, a história se repete na esperança, de que a próxima safra possa cobrir os gastos (ALMEIDA, 2009: 7).

No ano de 2005, o caderno *Gastronomia* do periódico pelotense *Diário Popular* apresentava dados alarmantes sobre a questão da desvalorização do pescado comprado dos pescadores pelos proprietários de peixarias, os conhecidos atravessadores: “atualmente o pescador entrega o peixe à R\$ 1, 70, o quilo, ao atravessador, porém a tainha pode chegar à mesa do consumidor por até R\$ 4, 00, por quilo” (GASTRONOMIA, 2005: 8). Isto mostra que mesmo com possibilidades alternativas para minimizar parte da crise na pesca, os pescadores ainda dependem do mercado tradicional baseado na sua relação com os intermediários do mercado pesqueiro, os conhecidos e inevitáveis “atravessadores”: “comerciantes locais que, aproveitando-se do relativo isolamento de alguns desses lugares, desenvolvem ‘costumeiras’ práticas de agiotagem” (BENEVIDES, 1997: 30).

Figura 8
Peixarias



Fonte: Charles Constantino Figueira, 2009.

Recapitulando, a questão da desvalorização dos pescados, tais como o camarão – e suas reais afetações na preservação das tradições passadas entre gerações de pescadores – Álvaro Guimarães citava no ano de 2005 que as

Safras ruins, escassez de pescado, concorrência desleal e preços baixos fazem do cotidiano dos pescadores da Colônia Z3 uma incerteza da qual os jovens querem fugir. A possibilidade de encontrar uma roda de escape da

vida difícil seduz até nobres herdeiros da tradição da pesca no Estuário da Lagoa dos Patos, como Jadir Carvalho Junior e Raone Santos Macedo, 19 anos. Ambos descendem de uma longa linhagem de pescadores, mas sonham com um futuro longe das redes e das andanas (GUIMARÃES, 2006: 4-5). ¹⁶

Atrelado a tudo isso, surgiram outras situações que acirraram a dificuldade na vida do pescador. Entre estas – com muita propriedade, necessária à proteção das espécies – está a proibição da pesca no estuário da Lagoa dos Patos, durante períodos de reprodução de diversas espécies de peixes. Esses períodos, instituídos pelo Ibama, ¹⁷ são divididos em dois, durante um ano inteiro. São conhecidos na Colônia de Pescadores Z3 como “defeso”. O primeiro defeso, o “defeso do camarão”, dura, normalmente, do início do verão até o dia 01 de fevereiro, e o segundo, o “defeso de inverno”, dura de 01 de junho à 01 de outubro. Nestes períodos os pescadores ficam totalmente impossibilitados de pescar:

Quando questionados sobre o que fazem durante o defeso, os pescadores entrevistados em sua maioria responderam que consertam redes e reparam embarcações. Ao serem questionados sobre a pesca durante o período, 59,1% disseram não pescar, 31,8% assumiram que pescam e 9,1% responderam que às vezes pescam, isto porque declaram o seguro-desemprego – que corresponde a 1 salário mínimo a todo pescador artesanal, devidamente regulamentado, associado ao Sindicato dos Pescadores e sem carteira assinada – é pouco para sobreviver. Quando questionados sobre a variação da renda neste período, 40,9% disseram que não varia, que a renda do pescador é em média 1 salário mínimo mesmo, 13,6% disseram que sim, ou diminui porque não pode pescar, ou aumenta porque a mulher também recebe o seguro desemprego, 9,1% responderam que às vezes varia e, 36,4% dos entrevistados não recebem o seguro porque são aposentados (PIEVE, MIURA & RAMBO, 2007: 12).

Já na matéria intitulada *Pescadores retornam hoje à lagoa*, o jornalista Douglas Saraiva complementa esta discussão relativa ao período de defeso, obrigatório não apenas na Colônia Z3, mas em toda a região de Pelotas:

¹⁶ “‘Andana’ é o conjunto formado por redes e calões” (GUIMARÃES, 2006). Já Calão é o “pau usado para prender as redes” (GUIMARÃES, 2006: 5).

¹⁷ Em 1989, surge o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente) pela lei nº 7.735 de 22 de fevereiro, com o objetivo de solucionar os problemas ambientais que a expansão da atividade (pesqueira) trouxe consigo. O Estado passa a definir políticas com base no “desenvolvimento sustentável”, incorporando uma série de restrições que afetam diretamente os pescadores artesanais: maior rigor quanto ao período de defeso, limite mínimo de comprimento e peso dos peixes, restrições sobre aparelhos de pesca, etc. O que cabe destacar é que a fiscalização concentra sua atuação próxima à costa, onde ocorre o trabalho dos pescadores artesanais, já que a fiscalização em oceano gera um custo maior, o que, mais uma vez, acabou sempre por beneficiar a pesca de grande porte, principal responsável pelos desequilíbrios ambientais gerados (SACCO DOS ANJOS, NIEDERLE, SCHUBERT, SCHNEIDER, GRISA & CALDAS, S/D).

Cerca de cinco mil pescadores artesanais de Pelotas e região voltam a desempenhar sua atividade hoje, após os quatro meses nos quais foram impossibilitados de exercê-la, em razão da preservação das espécies. O período de defeso da atividade pesqueira é instituído pelo Ibama de acordo com a localidade e espécie cuja captura o pescador local se dedique. Durante essa época de reprodução dos peixes, a atividade é considerada predatória e constitui crime. A eficácia do defeso, no entanto, é questionada por pescadores e pesquisadores (SARAIVA, 2009: 8).

Por outro lado, para minimizar as consequências sociais desta normativa ambiental, surgiram programas do Governo Federal do Brasil, tais como o seguro-desemprego que auxilia a manutenção da sobrevivência durante o período citado, mas que não resolvem a situação de frustração impressa na escassez atual de pescados, como a citada no ano de 2004:

A produção escassa das últimas semanas faz a maior parte dos 1,3 mil pescadores da Colônia Z3 dar por encerradas as safras do camarão e da tainha, a 14 dias para o início do período do defeso, quando a pesca passa a ser proibida na Lagoa dos Patos. Embora os números oficiais da safra só devam ser divulgados pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) na primeira semana de junho, os pescadores de Pelotas não escondem que os resultados ficaram abaixo do esperado. [...] Desiludidos com os resultados, os pescadores da região aguardam apenas a liberação do seguro desemprego à partir das primeiras semanas de junho. Na Z3, o cálculo da direção do Sindicato é de que entre 800 e 900 trabalhadores recebam a ajuda de um salário mínimo até mês de outubro, quando a pesca volta a ser liberada na lagoa (GUIMARÃES, 2004).

Sobre esta questão que envolve a política do seguro-desemprego pago durante o período de “defeso” e as atividades desenvolvidas pelos pescadores no mesmo, o jornalista Geraldo Hasse – em matéria para a revista *Globo Rural*, intitulada “Vida Empatada” – expõe que

A ajuda de custo de um salário mínimo mal dá para forrar as despensas dos 1500 pescadores ou pescadoras da colônia situada no fundão mais úmido do município de Pelotas. Para apurar algum dinheiro, alguns migram para as cidades vizinhas em busca de trabalhos temporários. Em Rio Grande, consegue-se emprego em barcos profissionais que operam o ano inteiro no oceano. A maioria dos pescadores fica na vila fazendo reparos em barcos, consertando redes e, também, descansando ou repassando histórias. Eles só voltarão à atividade agora, em outubro, com o fim do defeso (HASSE, 2009: 54)

Já, acerca do retorno às atividades da pesca, destacado anteriormente por Guimarães (2004), Saraiva (2009: 8) explica que:

Desde o início do mês de junho, pescadores artesanais da Lagoa dos Patos mantinham redes e barcos em terra firme à espera da nova safra. O período, que inicia hoje, traz novamente à tona a esperança de abundância e lucratividade aos trabalhadores. Além do linguado, do peixe-rei e do siri macho, cuja captura é permitida o ano todo, a tainha, o bagre e a corvina são as espécies de pesca novamente autorizadas. ‘Existe a determinação de tamanho mínimo para cada espécie. Em fevereiro será liberado também o camarão, que se desenvolve entre novembro e janeiro’, afirmou o agente ambiental do escritório regional do Ibama, Paulo Martins (SARAIVA, 2009:8).

Além das normativas político-institucionais, carência de pescados e variações do mercado da pesca, os pescadores dependem, também, das condições do clima para o resultado de seus investimentos e planejamento de suas atividades: “um excesso de chuvas poderia fazer o nível da lagoa subir e colocar em risco a entrada da água salgada, responsável por trazer as larvas de camarão e os cardumes de peixes até o estuário” (GUIMARÃES, 2003: 4). Um ano depois, ainda sobre a mesma ótica, diante de uma potencial safra de camarões, o autor acima citava que “para os pescadores, a melhora dos resultados depende apenas das condições climáticas: a continuidade do calor, a falta de chuva e a entrada de vento sudoeste” (GUIMARÃES, 2004: 3).

Outro fator de suma importância e influência levado em conta pelo pescador na sua tarefa produtiva é a sua religiosidade:

Há oito dias da abertura oficial da safra do camarão (1º de fevereiro) os pescadores da Z3 ainda convivem com a incerteza. A voz geral da comunidade é de que a safra 2004 depende de São Pedro, padroeiro da Colônia. Entre os pescadores a opinião dos mais velhos tem peso de lei. Segundo “Seu Pitanga” (já falecido) de 76 anos: “Falar de pescaria é complicado, pois tudo pode mudar muito rápido. É preciso ter fé e esperar por São Pedro” (GUIMARÃES, 2004: 3).

Seguindo pela mesma linha de investigação acerca da realidade da pesca e sua influência na realidade cultural, após conversarmos com alguns moradores locais sobre as suas principais carências e progressos nos últimos anos, nos foi repassado em entrevistas informais que entre suas principais carências estão: a necessidade de se diminuir a exploração do trabalhador; implantação de programas de melhoria de saneamento básico, pois no local, há somente fossas sépticas; oportunidades para a construção de calçadas em frente as suas residências; asfaltamento das vias de acesso à vila; funcionamento de posto médico nos finais de semana; implantação de uma escola de 2º grau (projeto já em andamento); expansão da vila

e número de casas (no entanto a comunidade é cercada por diversos ecossistemas, indo de encontro a questão da preservação ambiental, inviabilizando a expansão de moradias); construção de áreas de lazer; implantação de uma creche para abrigar crianças; implantação de pracinhas com brinquedos para crianças; maior participação dos empresários locais no desenvolvimento de projetos em benefício da comunidade; preços mais acessíveis de equipamentos de pesca; e o acesso à subsídios para a compra de combustível para a pesca, já que o mesmo sai por um custo muito elevado para a maioria dos pescadores. Observamos, nesses relatos, que, além das dificuldades geradas pela prática da pesca, os moradores locais carecem de infra-estrutura básica em diversas áreas sociais, tais como espaços e equipamentos para lazer.

Já os principais progressos da Colônia de Pescadores Z3, segundo os mesmos moradores são: a oportunidade de obter a própria residência, possibilitada por um programa do Governo Federal do Brasil de apoio à moradia; a implantação de uma fábrica de gelo, pertencente a *Cooperativa de Pescadores Profissionais Artesanais “Lagoa Viva”*; a criação da “Feira do Peixe”; a construção de um novo posto de saúde; a ampliação da iluminação pública; a dragagem dos ancoradouros (“Divinéia” e “Arroio Salgado”, dando mais segurança e flexibilidade ao trabalho dos pescadores); o surgimento e liberação de “Seguro Desemprego” durante os períodos de “defeso”; os cursos de qualificação e formação (cursos de artesanato confeccionado com restos de pescados); os programas de créditos, financiamentos e assistência ao pescador; a inovação tecnológica (informatização e inserção digital e eletrônica); e a captação de água potável tratada oriunda do “Bairro Laranjal”. A premissa do modernismo e os programas assistencialistas são constantemente colocados pelos moradores locais, em seus relatos, como aspectos positivos e inovadores para a melhoria de sua qualidade de vida, diante de dificuldades históricas de logística, saúde e segurança. Sobre essa busca por qualidade de vida, Mendonça (2000: 39), pesquisando sobre a realidade de pescadores da Prainha do Canto Verde no Estado do Ceará, entende que “a comunidade busca principalmente alimentação, água limpa, educação, recreio, trabalho compensador com salário compatível, respeito pelas tradições culturais, oportunidades para tomar decisões relativas ao futuro” (MENDONÇA, 2000: 39). O que se assemelha bastante ao que citamos no nível de progressos observados na Colônia de Pescadores Z3.

Entretanto, todos esses fatores citados como carências e progressos produziram e produzem diversas afetações na cultura local. Entre estas afetações encontra-se o desinteresse pela reprodução de manifestações culturais materiais e imateriais, já discutido. Todavia, é justamente dentro deste contexto de modificação e situação crítica do tecido social que muitos

moradores locais, com o apoio de diversos programas, pessoas e instituições se utilizam de suas próprias características culturais, na tentativa de minimizar sua situação de incerteza, carência de perspectivas e dependência produtiva, governamental e religiosa, que se traduzem em uma baixa estima totalmente perceptível. Dessa forma, algumas pessoas se adaptam às novas tecnologias, às novas inserções culturais e, ainda, à novas formas produtivas que vão surgindo na localidade, entre as quais, a emersão do turismo.

3.3 Turismo na Colônia de Pescadores Z3

A cultura, vista em sua simbologia de sustentação do equilíbrio social, é algo que talvez não possua preço para os olhos de algumas disciplinas, mas do ponto de vista prático é vista pela ciência do turismo como um objeto de consumo, enquanto receptáculo de informações que gera um mercado formador de turistas e seus objetivos, interesses e ações de deslocamento. Para os nativos de sociedades marcadas pela manipulação dos seus meios de produção, a sua própria cultura, objetivada como objeto turístico, tende a ser um fator de transformação de sua realidade socioeconômica. Ou seja, no que tange o expansionismo do turismo em uma localidade empobrecida “de um lado, os excessos viram puro espetáculo, de outro, viver de migalhas torna a vida simplesmente indigna e chata” (YAZIGI, 2001: 288). Por isso, associada à crise de uma cadeia produtiva tradicional – que regula a vida de praticamente todos os moradores locais – a expansão da relação entre economia e cultura se potencializa com uma intensidade ainda maior se este for o interesse destes moradores: “a escolha do grupo social é livre para realizar suas construções, turísticas ou não” (YÁZIGI, 2001: 49). Neste caso, fica claro que se os grupos sociais assim o legitimam, “em nossas sociedades, muitas formas de produção cultural assumem também a forma de mercadorias capitalistas” (JOHNSON, 1999: 35).

Sobre essa relação entre cultura e mercado, o professor de Sociologia da Universidade de Genebra, Jean Ziegler explica que “tal como o valor econômico, o valor cultural está sempre ligado à troca. Um e outro são produções sociais. O valor cultural, com o valor econômico, é, por conseguinte, manipulado por atores sociais, nas estruturas de poder” (ZIEGLER, 1996: 22). E essas estruturas de poder (mercado, programas políticos, variações climáticas, religiosidade) condicionam as sociedades locais à uma “obediência e conformismo cultural” que as aprisiona aos sistemas tradicionais. Mas, ao contrário, também despertam as sociedades para mudanças significativas diante de tais estruturas. No campo da inserção do

turismo neste contexto, é preciso responder aquilo que Ziegler (1996: 14) questionava como um desafio ao entendimento da potencial relação entre o patrimônio e o mercado:

Como satisfazer as necessidades materiais dos homens, como desenvolver e potencializar suas forças econômicas de produção, como organizar o mais eficazmente possível seu trabalho respeitando totalmente a singularidade irredutível de cada comunidade de produtores, a expansão infinita de cada um de seus dons particulares (ZIEGLER, 1996: 14)?

Cremos que parte dessa resposta está justamente na problemática deste trabalho com a Colônia de Pescadores Z3, na medida em que buscamos uma reflexão profunda sobre como uma vila de pescadores se utiliza de seus dons culturais únicos – já que “ainda que dois lugares possam ter os mesmos ingredientes, a disposição de suas formas pela comunidade produz algo necessariamente diferente” (YAZIGI, 2001: 45) – na elaboração de uma proposta alternativa no suprimento de suas carências físico-estruturais e emocionais ditadas por forças maiores, sem perder as suas referências de memória focadas na continuidade de práticas socioculturais. Para agir diante desta complexa situação, o turismo foi percebido pela sociedade local como um setor de potencial repercussão na geração de trabalho e renda, bem como para valorizar as suas formas culturais.

A Colônia de Pescadores Z3 sempre foi um local de interesse turístico. No auge das safras de pescado – que refletia também no auge da qualidade de vida e produtividade – deslocavam-se em direção à Z3 os mais diversos negociantes ligados à atividade pesqueira, além de parentes de moradores locais vindos de outras cidades e estados para passar períodos de veraneio passeando em botes, comendo frutos da Lagoa dos Patos, praticando atividades de lazer, interagindo em atividades de trabalho cotidianas¹⁸, entre outras ações, em verdadeiros processos de intercâmbio, entre seres com realidades e experiências sociais distintas. Os pesquisadores Campos, Figueira & Lock (2008: 10) comprovam este dado ao explicitar que

A presença de visitantes na Colônia Z3 sempre foi constante em razão do comércio pesqueiro. Caminhoneiros, pescadores e familiares de moradores locais, bem como outros interessados que vinham dos mais diversos lugares para conhecer, negociar e passar temporadas na Colônia Z3. Isto sempre fomentou a criação de bares, restaurantes e similares (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008:10).

¹⁸ Sobre isso, Urry, (2001: 25) citando MacCannel (...) explica que este (o turista) “mostra-se particularmente interessado no caráter das relações sociais que surgem do fascínio que as pessoas demonstram, sobretudo em se tratando de como os outros exercem um trabalho” (URRY, 2001: 25).

O pescador, artesão e ex-proprietário de restaurante na Colônia de Pescadores Z3, João Oliveira, confirma esse dado ao comentar sobre a demanda de grupos para o local em períodos de grandes safras de pescados, anteriormente a evolução da crise na pesca profissional artesanal na Lagoa dos Patos:

Já tive bar e lancheria aqui... neste ponto mesmo e deu até movimento...pessoal de fora mesmo.... até restaurante eu tive aqui e fazia comida típica daqui mesmo também... baseado em frutos do mar... ai depois deu uma parada, o tempo foi meio fracassando a pescaria, a gente deu uma parada... mas táh voltando tudo de novo e aqui a tendência é melhorar ainda pro ponto turístico mesmo (JOÃO OLIVEIRA, PESCADOR E ARTESÃO, 2009).

Esses dados mostram parte de uma inversão de valores nos quais baseamos esta pesquisa, na medida em que João Oliveira vivia do turismo de negócios da pesca e atualmente trabalha como pescador. Por outro lado, o mesmo atualmente trabalha como artesão para incrementar a renda da família, após trabalhar longo período como pescador profissional artesanal, diante do encerramento de seu restaurante.

Majoritariamente, as atividades recreacionais e de lazer no local são aproveitadas, atualmente, apenas por moradores locais, mas que não deixam de ser alvo de incentivo para outras pessoas visitarem o local, o que realmente acontece com frequências aleatórias:

Está chegando o verão! E para quem conhece a Z-3, esta Colônia rica em belezas naturais, sabe que nela pode desfrutar de diversas opções de entretenimento. Ninguém fica sem o que fazer. Os galpões de pesca são alternativas para aqueles que buscam um lugar à sombra. Pela tarde, é uma opção para tomar chimarrão e promover a integração entre as famílias e amigos. “Minha mãe adora”, conta Luciana Miranda, de 13 anos, mas diz que prefere ficar na praia e sair nas discotecas. Com o calor, os bares e as festas ficam mais lotados. Festas à noite são a preferência dos jovens. Alguns divertem-se na praia durante o dia. Tomar banho na lagoa, jogar vôlei e futebol são apenas algumas das atividades entre eles. “A gente se reúne aqui mais nos fins de semana, quando não temos compromissos”, declara Pablo Irigon. Já as meninas Michele Irigon, Jenider Irigon e Andrea da Silva também aproveitam para pegar um bronzado quando não estão jogando com a turma (BONOW, 2003: 6).

Além disso, algumas pessoas aproveitam-se deste “turismo interno” no verão, característico da Colônia de Pescadores Z3, para fazer uma renda extra, o que também demonstra uma percepção do potencial econômico temporário do turismo, diante de uma difícil situação financeira:

Algumas famílias na Z-3 aproveitam a estação para realizar um trabalho que ajude na renda familiar. É o caso de Sali Pinto, que de outubro até o final de março, chega a fazer 100 sacolés por dia. “Não dá muito resultado, mas já ajuda”, diz. A idéia de vender sacolés surgiu por ser um produto que as pessoas têm condições de comprar. “A situação está difícil aqui e muitos não tem condições de comprar sorvetes e picolés. Sacolés têm preço mais acessível e também é mais fácil de fazer” (BONOW, 2003: 6)

Por outro lado, diferentemente deste turismo interno, atualmente há uma expansão incipiente de demonstração de interesse dos visitantes locais por elementos que antes serviam, basicamente, para os rituais socioculturais de moradores locais. Hoje, o turista apropria-se de um artesanato anteriormente utilizado como instrumento de inserção antropológica na prática pesqueira. Um artesanato produzido, vendido (ou doado) e utilizado dentro de um mercado particular da Colônia Z3. Esse turista apropria-se de uma gastronomia que era produzida e consumida, basicamente, por nativos. Ele participa, interage e se reconhece como membro fiel da celebração da fé em eventos religiosos locais que foram interpretados com o decorrer da história como potenciais promotores de trabalho e renda temporários para o atendimento de seu público externo:

O artesanato típico, a culinária e os eventos populares eram direcionados apenas para a comunidade, sendo constituídos e organizados para o atendimento de visitantes somente diante da crise sócio-econômica e ambiental que se estabeleceu no local. Essa interferência na configuração cotidiana original da comunidade é causa e não consequência do turismo. (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008:10).

Esse turismo que emerge hoje em dia na Colônia de Pescadores Z3 configura-se como uma atividade econômica alternativa, com grande potencial exploratório, e afetação na economia e no cotidiano de alguns moradores. Ele surge como uma estratégia para minimizar parte de problemas socioeconômicos já citados. Do ponto de vista cultural / ambiental e a potencialidade turística da Colônia Z3, Ruas (2005: 47) destaca que

A exuberante beleza da comunidade fica por conta da plasticidade da paisagem que se forma a partir da união da matas, banhados, lagoas, ilhas e rios que abrigam uma rica biodiversidade com aspectos da cultura local, como história, mitos, crenças, sabores, cores, ritmos e teorias, despertando o elemento fundamental da motivação turística: a curiosidade (RUAS, 2005:47).

O investimento na atividade turística acirra-se, hoje em dia, na localidade, com base na ação de poucas pessoas, como uma oportunidade de negócios e preenchimento de tempos

vazios que causam, sobretudo em mulheres (dependentes dos maridos pescadores), depressão e falta de perspectivas. Sobre esse papel oportunizador do turismo em expansão, no que conste a participação das mulheres, nos amparamos nas palavras de Santana (2006: 76) que explica que

Las oportunidades de empleo en el turismo (incluyendo el proceso inicial de construcción) generalmente atraen a trabajadores de otros sectores económicos tradicionales (por ejemplo, agricultura o pesca) y abren oportunidades laborales para la población activa femenina, conformando la tendencia de la estructura profesional al cambio de dirección desde el sector primario al terciario (SANTANA, 2006: 76).¹⁹

Por exemplo, manifesta-se, atualmente, na localidade, um interesse por um tipo de artesanato fabricado através de cursos específicos de inclusão social para mulheres com intuito de gerar incremento na renda familiar, além de aumentar a sua auto-estima. Nestes cursos, elas aprendem a confeccionar e comercializar brincos, colares e bolsas com restos de pescados como escamas, espinhas e peles. Entretanto, não nos deteremos na pesquisa deste tipo de artesanato neste trabalho, já que o mesmo não constitui uma “herança” social que o legitimaria como patrimônio cultural local. Todavia, outro exemplo que temos para o surgimento do interesse turístico local diz respeito aos barcos em miniatura construídos por pais e avós como utensílios estratégicos de um ritual iniciático aos mais jovens na pesca, e que estavam desaparecendo com o desinteresse pela prática pesqueira por parte destes. Agora são reorientados ao consumo, também pelo turismo, já que são descobertos e comprados por visitantes encantados com sua beleza estética e técnica de construção.

Essas formas artesanais, juntamente com a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* e a gastronomia, tornam-se os principais fomentadores do fluxo turístico local. São atrativos já estabelecidos no que tange ao expansionismo do turismo de interesse específico no consumo de parte da cultura local, o que envolve promoção publicitária de várias mídias e projetos de orientação turística na qualificação de uma economia alternativa em ascensão (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008). Entre estes projetos de orientação, qualificação e promoção turística encontra-se o roteiro turístico *Caminhos do Pescador Artesanal*, do qual participamos da construção e viabilização. Neste roteiro são apresentados elementos das diversidades cultural e ecológica da Colônia de Pescadores Z3. O inventário de tais elementos

¹⁹“As oportunidades de emprego no turismo (incluindo o processo inicial de construção) geralmente atraem trabalhadores de outros setores econômicos tradicionais (por exemplo, agricultura ou pesca) e abrem oportunidades laborais para a população ativa feminina, conformando a tendência da estrutura profissional a mudança de direção desde o setor primário até o terciário” (SANTANA, 2006: 76).

e a análise de seu potencial turístico contou com o apoio direto de empreendedores, artistas, empresas e instituições locais. Isto mostra que atualmente na localidade há uma busca – com apoio de terceiros – de “contatos permanentes com os diversos setores da sociedade, sejam empresas do setor privado, sejam organizações do terceiro setor, a fim de que contribuam para a criação de uma cultura turística adequada à localidade (DIAS, 2006: 32).²⁰

O roteiro turístico *Caminhos do Pescador Artesanal* também contou com o apoio da mídia regional e do Poder Público em sua divulgação.²¹ Até o presente momento este roteiro já foi realizado de forma coletiva informal com alunos do Curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas, e de forma coletiva formal, com lançamento oficial que contou com a presença de representantes institucionais e empresariais ligados ao turismo, contando, ainda, com o apoio da Agência de Viagem e Turismo *Costa Doce*, de Pelotas. Porém, é preciso frisar que o roteiro também é bastante realizado individualmente, já que sua principal proposta se caracteriza pela interpretação não-fomentadora do turismo de massa. A idéia é que os turistas, sozinhos ou em grupo, desloquem-se até a Colônia Z3 interagindo com a comunidade na construção de um olhar sobre cada atrativo por meio da interpretação de sua realidade. Isto porque no mapa do *folder* do roteiro não há nenhuma indicação direta de localização de cada atrativo. Para encontrá-los, o turista deve questionar os moradores, o que estimula um processo de interpretação turística do local entre ambos os atores sociais (turistas e nativos), estimulando o que Santana (2006: 62) chama de "cultura del encuentro" (SANTANA, 2006: 62).

Essa transformação da Colônia de Pescadores Z3 em um objeto de olhar do turista resulta de ações tais como as citadas por Urry (2001): mudanças socioeconômicas e produtivas, intervenções acadêmicas, reestruturação econômica através de empreendimentos particulares, e, também, mudanças no comportamento do turista contemporâneo (URRY, 2001). Dessa forma, nasce certa cultura turística na localidade:

O crescimento de uma cultura turística na localidade, associada à cultura geral, pode ser analisado por meio de elementos culturais tangíveis e não tangíveis. Entre os elementos da cultura turística tangíveis estão: as instalações e os equipamentos que permitem e facilitam a atividade, os processos técnicos envolvidos na recepção dos visitantes, os produtos

²⁰ Segundo a pesquisadora Tereza de Mendonça (2004: 34) "as ações disponibilizadas podem ter uma abordagem reativa quando os atores sociais somente agem no momento em que recebem algumas propostas específicas ou, de forma pró-ativa, quando têm a possibilidade de propor as mudanças aceitáveis para sua comunidade" (MENDONÇA, 2004: 34).

²¹ Citando John Swarbrooke (2000), Mendonça (2005: 36) considera que “alguns atores-chave são identificados como essenciais ao desenvolvimento do turismo de forma sustentável: o setor público, a indústria do turismo, organizações do setor voluntário, a comunidade local, a mídia e o turista” (MENDONÇA, 2000: 36).

gerados especificamente para atender a demanda dos turistas etc. Já os elementos culturais intangíveis compreendem: os comportamentos e as atitudes das pessoas no contato com os visitantes, a hospitalidade, etc (DIAS, 2006: 32).

Inserida nesta cultura turística em desenvolvimento, a cultura tradicional se adapta para o atendimento do setor e suas referências econômicas, políticas ou culturais:

Embora o turismo apresente-se como uma atividade pertencente ao setor econômico terciário, ela tem uma correlação muito estreita e uma inegável interação com os demais setores da economia de um país. Além disso, sendo uma atividade que comercializa o patrimônio cultural e natural de uma região, reúne não só aspectos econômicos, mas também políticos, sociais, culturais e outros (LAGE, 1991:85).

Além do mais, o turismo trabalha para criar e satisfazer o olhar de sua demanda (URRY, 2001). Essa demanda possui valores, objetivos e interesses que configuram novos significados ao patrimônio consumido. Neste caso, simbologia e mercado conduzem a nova realidade que se manifesta sobre a forma cultural, moldando sua lógica para um jogo de interesses, tanto do morador, nativo, desempregado, quanto do turista, forasteiro, potencial consumidor, ávido pelo caráter romântico que adquire uma vila de pescadores enquanto objeto de olhar: “existe, portanto, uma forma ‘romântica’ do olhar do turista, na qual a ênfase é colocada na solidão, na privacidade e em um relacionamento pessoal e semi-espiritual com o objeto do olhar” (URRY, 2001: 69). Sobre essa questão entre as expectativas dos turistas pelo núcleo receptor romantizado e as transformações geradas por essas expectativas e ações sobre esse núcleo, o antropólogo espanhol Agustín Santana explica:

El visitante viaja con una serie de expectativas sobre el destino y, generalmente, entre ellas pueden identificarse algunas de índole cultural, tales como: las tradiciones, la gastronomía, la artesanía, el arte, la arquitectura o los elementos materiales de la historia, las celebraciones festivas y la música, etc., pero los efectos producidos van más allá de tales elementos culturales demandados. Los valores, la identidad, los patrones de uso de la tierra, la socialización de nuevas generaciones, las formas de organización doméstica, la percepción de medio, la religión o la indumentaria, entre otros, pueden verse modificados por la acción de los impactos secundarios del turismo. Éstos, que describimos como rutinarios, lentos y pausados, son fruto del encuentro del turista y el residente local, que enfrentan un bagaje de estereotipos supuestamente útiles para ese tipo concreto de contacto, temporalmente limitado y repetitivo en su esencia, aunque no en sus actores, y que a largo plazo afectará definitivamente a ambas partes de la relación. De manera idéntica a otras formas de impacto, los efectos culturales el turismo no son, no en ningún caso pueden ser considerados siempre que el área de estudio pueda estar influida directa o

indirectamente por el turismo. Esto es, no sólo en aquellos casos en que evidencia demuestre que se trata de un centro turístico, sino además en todos aquellos que puedan verse afectados por la atracción de fuerza de trabajo, la producción de bienes y/o servicios, la alteración del nicho ecológico por extracción de áridos, el encuentro esporádico con turistas, o cualquier otra forma de contacto con la actividad. Si no se tiene en cuenta esta posibilidad corremos es riesgo de no poder justificar algunas variaciones importantes en las poblaciones analizadas, ocurridas precisamente para adaptarse a las nuevas situaciones económicas, sociales y culturales que genera el turismo (SANTANA, 2006: 98-99).²²

Nesta variação entre o simbólico e o mercadológico, impressa no artesanato, na gastronomia e nos eventos religiosos observamos que o patrimônio adquire um sentido multivalente: simbólico, econômico, pedagógico: “o patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser ‘vendido’ como atrativo turístico” (BARRETTO, 2000: 32). Além disso, “permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes” (BARRETTO, 2000: 49). Caso contrário, sem o advento de fenômenos sociais como o turismo, as manifestações patrimoniais da cultura “poderiam desaparecer, por não mais exercer uma função social na sociedade modernizada” (DIAS, 2006: 63). Enfim, através do turismo “o patrimônio se sustenta também mediante a aplicação de técnicas comerciais: parceria negócio – patrimônio” (BARRETTO, 2000: 17).

Dessa forma, um turismo que se desenvolve na procura de tais elementos culturais (como os encontrados na Colônia de Pescadores Z3), possui características que vão ao encontro às citadas nas palavras do pesquisador Michel Constantino Figueira (2006b: 6) que entende que “o turismo enquanto fenômeno, setor, indústria ou ciência, atualmente nasce e sobrevive através do glamour da simplicidade, com o enfoque no meio ambiente e com o

²² “O visitante viaja com uma série de expectativas sobre o destino e, geralmente, entre elas podem identificar-se algumas de índole cultural, tais como: as tradições, a gastronomia, o artesanato, a arte, a arquitetura ou os elementos materiais da história, as celebrações festivas e a música, etc., mas os efeitos produzidos vão mais além de tais elementos culturais demandados. Os valores, a identidade, os padrões de uso da terra, a socialização de novas gerações, as formas de organização doméstica, a percepção do meio, a religião ou a indumentária, entre outros, podem ver-se modificados pela ação dos impactos secundários do turismo. Estes, que descrevemos como rotineiros, lentos e pausados, são frutos do encontro do turista com o residente local, que enfrentam uma bagagem de estereótipos supostamente úteis para esse tipo concreto de contato, temporalmente limitado e repetitivo em sua essência, ainda que não em seus atores, e que a longo prazo afetará definitivamente a ambas partes da relação. De maneira idêntica a outras formas de impacto, os efeitos culturais do turismo não são, e em nenhum caso podem ser considerados sempre que a área de estudo possa estar influída direta ou indiretamente pelo turismo. Isto é, não só naqueles casos em que a evidência demonstra que se trata de um centro turístico, senão ademais em todos aqueles que podem se ver afetados pela atração da força de trabalho, a produção de bens e/ou serviços, a alteração do nicho ecológico pela extração de áridos, o encontro esporádico com turistas, ou qualquer outra forma de contato com a atividade. Se não se tem em conta essa possibilidade corremos o risco de não poder justificar algumas variações importantes nas populações analisadas, ocorridas precisamente para adaptar-se a novas situações econômicas, sociais e culturais que gera o turismo” (SANTANA, 2006: 98-99).

enriquecimento cultural e educacional dos turistas e das comunidades receptoras” (FIGUEIRA, 2006b: 6). Portanto, “serve ao enriquecimento do conhecimento humano quanto à herança histórica da humanidade e ao modo de vida de outros povos” (BAHL, 2000: 85). Esta última autora considera ainda, sob uma ótica holística, que

Turismo, natureza e cultura estão intimamente associados, pois a base dos deslocamentos turísticos está vinculada aos atrativos que contemplam tais particularidades, assim como a ordenação da oferta das localidades deve estar alicerçada nos aspectos que atuam como caracterizadores das mesmas (BAHL, 2000:85).

O turista atual busca uma experiência mais autêntica de contato com outros povos. Inclusive, o novo turista é orientado a identificar, analisar e avaliar esta autenticidade de experiência, diante de toda a publicidade turístico-cultural que o envolve. O patrimônio cultural dos povos, grupos e instituições, encharcado de memória na transição do tempo, auxilia o turista na interpretação do lugar visitado, já que se torna atrativo condicional à formação da viagem, bem como à sua promoção, incentivando o mesmo “a ter, em suas andanças, retorno em crescimento individual” (MENDONÇA, 2001: 24). Ou seja, “o lugar, com sua localização geográfica particular, com um conjunto único de qualidades espaciais, históricas e sociais, continua sendo o fundamento da viagem contemporânea” (GOODEY, 2002: 131).

Em suas andanças, os turistas procuram ambientes caracteristicamente monumentais e tradicionais. Eles tentam obter uma visão mais aguçada destes locais imprimindo em suas motivações, objetivos, interesses, desejos e necessidades, a importância do conhecimento de aspectos formadores da identidade dos lugares que visitam (cotidiano, cultura, atividades primárias e secundárias, criatividades, política, situação socioeconômica, administração, estruturação sócio-ambiental, entre outros aspectos). Eles querem encontrar o contraponto do seu cotidiano na diferença impressa no outro: o nativo. Mas por quê? Porque “o olhar do turismo é direcionado para aspectos da paisagem no campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias” (URRY, 2001:18). Lima (2005), explica que está havendo um redescobrimento do local em contraposição do global, e que estamos aprendendo a olhar para o patrimônio como um bem que representa identidade e que exalta o valor de uma cultura, de algo que é o retrato de um tempo histórico, e de manifestações culturais (LIMA, 2005). Esse redescobrimento impõe uma expansão da turistificação dos mais diversos lugares no planeta. Na Colônia Z3, por exemplo, esse processo induz algumas famílias a uma progressiva substituição de ações socioculturais tradicionais pelo comércio especializado no setor do

turismo. Algumas pessoas passam a dar ao patrimônio cultural – onde os povos se reconhecem historicamente – um valor além de um simbolismo carregado de códigos. Dá-se, também, um sentido econômico, permitindo a oportunidade de independência diante dos atravessadores, do mercado da pesca, do assistencialismo, do clima e da religião, através da utilização de suas características e aptidões supostamente “apresentáveis” para interessados motivados pela experiência turística. Analisando a Vila de Trindade, cuja atividade produtiva de grupos caiçaras, anteriormente a atividade turística, era a pesca e a agricultura de subsistência, a Bacharel em Turismo Alexandra Campos Oliveira observa que atualmente “a maior parte da população se dedica a atividade turística e que o turismo representa 51,60 % da economia local em detrimento dos 0,5% da agropecuária, incluindo a produção pesqueira (OLIVEIRA, 2005: 156).

Prosseguindo, observamos que essa busca incessante dentro de um fenômeno social de migração por vontade própria, característica do turismo, traça novos significados à cultura. A entende em suas diferentes facetas, manifestações e expressões de interesse social, através da noção de contemplação pública, bem como por suas características “medicinais” para a mente, o espírito e o corpo: “ser turista é uma das características da experiência ‘moderna’. Não ‘viajar’ é como não possuir um carro ou uma bela casa. É algo que confere status, nas sociedades modernas, e julga-se também que seja necessário à saúde” (URRY, 2001: 19), já que viajantes solitários ou em grupos sentem uma profunda necessidade de encontrar naquilo que foge ao seu senso comum, o sentido de renovação de suas forças físicas e espirituais. Esta pauta, também, é colocada por Santana (2006) que considera o turismo uma resposta ao estresse da vida urbana

El turismo, entonces, se conforma como una respuesta al estrés y la uniformidad de la vida urbana, significando un cambio en el estilo de vida de los turistas potenciales, es decir, los trabajadores mayoritariamente urbanos, que se acomodan temporalmente a un nuevo estándar, con diferentes expectativas, demandas y necesidades (SANTANA, 2006: 30).²³

Pensadores como o alemão Zigmund Bauman problematizam e criticam o turismo, discutindo sobre e, dentro de um contexto migratório global de caráter transfronteiriço, que conduz ao seguinte fato: “num mundo inquieto, o turismo é a única forma aceitável, humana,

²³ “O turismo, então, se conforma como uma resposta ao estresse e a uniformidade da vida urbana, significando uma mudança no estilo de vida dos turistas potenciais, é dizer, os trabalhadores majoritariamente urbanos, que se acomodam temporalmente a um novo Standard, com diferentes expectativas, demandas e necessidades” (SANTANA, 2006: 30).

de inquietude” (BAUMAN, 1999: 102). Isto porque os turistas são verdadeiros “caçadores de emoções e colecionadores de experiências” (BAUMAN, 1999: 102).

Recapitulando, se como afirma Dias (2006), o patrimônio cultural sofre novas interpretações e significados de acordo com a realidade socioeconômica do presente, podemos presumir que estas novas interpretações são explicadas, do ponto de vista turístico, como uma possibilidade que o lugar tem de, além de se expor naturalmente à apreciação do público, explicar sua identidade e falar sobre si mesmo pelo método interpretativo, como sugere o roteiro turístico *Caminhos do Pescador Artesanal*, construído com a participação integral de moradores da Colônia de Pescadores Z3:

Utilizando-se de diferentes fontes de conhecimento e formas de comunicação, o ambiente interpretado convida e facilita ao visitante a chegar mais perto, experimentar, interagir, conhecer, aprovar ou criticar a dinâmica cultural daquele contexto. A interpretação preocupa-se com a relação morador/visitante e propõe que todos usufruam de paisagens, objetos, monumentos e momentos de presença no lugar, ao invés de consumi-lo apressadamente, como algo descartável e de fácil substituição (FREIRE E PEREIRA, 2002: 127-128).

Dentro deste contexto interpretativo, os próprios moradores, também, passam a interpretar o valor de sua própria cultura para minimizar parte de seus problemas socioeconômicos. Na Colônia de Pescadores Z3 surgem, atualmente, estabelecimentos que passam a atender, preferencialmente os visitantes locais, como espaços de artesanato e restaurantes de comidas típicas (com base em DIAS, 2006). São projetos de empreendedorismo onde novos processos socioculturais gerados pelo turismo sugerem usos mercadológicos de seus bens patrimoniais, integrando esses na dinâmica da sua situação atual (PELEGRINI & FUNARI, 2008). Além disso, estimula-se a valorização do patrimônio cultural, já que “os mantêm vinculados às tradições que lhes deram origem e à dinâmica social das comunidades que se identificam com eles” (PELEGRINI; FUNARI, 2008: 42). O que para Mazuel (2000: 103) significa, também, a geração de um sentido de pertencimento e orgulho ao nativo: “um patrimônio valorizado traz a uma população rural orgulho e o sentimento de pertencer a uma comunidade cujo patrimônio torna-se emblemático” (MAZUEL, 2000: 103). Isto é justamente o resultado social da relação entre cultura e mercado turístico que acontece na Colônia de Pescadores Z3. Um resultado que nos últimos anos, ajudamos a buscar.

3.4 Nosso papel neste processo

É importante que destaquemos neste trabalho que parte deste processo turístico que se expande na Colônia de Pescadores Z3 envolve nossas atividades durante anos de pesquisas, estudos, participação em projetos, publicações, exposições, entre outras atividades ligadas ao turismo, à cultura, ao meio ambiente e a articulação destes temas.

De 2003 à 2006 publicamos diversos artigos em periódicos de Pelotas sobre o potencial turístico da Colônia de Pescadores Z3.

No texto intitulado *Frutos de um novo mar*, publicado no Jornal O Pescador, em agosto de 2003, escrevemos sobre o potencial turístico da Colônia de Pescadores Z3. Neste artigo, destacamos aspectos como as diversidades culturais e ecológicas, as quais se fossem trabalhadas com base no turismo sustentável, poderiam minimizar parte da situação de crise na Colônia de Pescadores Z3 através de uma atividade alternativa que gerasse frutos socioeconômicos positivos na exploração de uma nova produção (FIGUEIRA, Agosto de 2003). No mesmo ano, publicamos mais três artigos no mesmo jornal, onde abordamos memória e turismo, artesanato e turismo, e religiosidade e turismo. No primeiro, intitulado *Pescando Recordações: Memórias do Arroio Sujo* abordamos a relação entre memória e turismo. Neste texto, colocamos em pauta a importância da criação de uma casa de memória na Colônia Z3 para atrair futuros visitantes focados na história da Lagoa dos Patos, na chegada dos primeiros moradores, entre outros aspectos:

“...As ondas vão e vêm e são como o tempo...”. Já dizia o músico Lulu Santos na letra da música “Sereia”. Essa seria a idéia com a criação da Casa de Memória da Colônia Z3. Um lugar para se navegar na história, se remontar o passado, se reviver e se traduzir as origens através de testemunhos como fotografias, antigos instrumentos de trabalho, imagens religiosas, atividades didáticas, encontros, seminários e reuniões. Um lugar que representasse a comunidade através do estímulo a evocação e a revitalização histórico-cultural. Um espaço que servisse como um espelho da biografia histórica da Colônia de Pescadores Z3. [...] A Casa de Memória da Colônia Z3 iria se transformar em um prazeroso ponto turístico a ser visitado, devolvendo orgulho à comunidade e sendo um passo grandioso para o desenvolvimento do turismo local (FIGUEIRA, Setembro 2003: 9).

No segundo destacamos a importância da valorização dos artesanatos desenvolvidos na Colônia Z3 sob a ótica do incentivo ao turismo, o que oportunizaria gerar renda e trabalho para moradores artesãos:

Qual garotinho da Colônia de Pescadores Z3 não brinca ou não brincou, num fim de tarde de sol ou numa manhã chuvosa, com botezinhos de madeira ou de lata construídos por seu pai, avô ou irmão mais velho? É preciso elevar e valorizar o artesanato local como um elemento essencial na revitalização das memórias, quanto como produto potencial para desenvolver o turismo local. [...] Um projeto interessante para a Colônia Z3 seria a implantação de uma feira dominical de artesanato, incluindo atividades como passeios de barco, exposição museológica, shows musicas e praças de alimentação, permitindo aos artesãos locais apresentarem e venderem sua arte, divulgando em meios de comunicação como jornais, canais de tv e rádios regionais. Uma feira deste porte atrairia a atenção de turistas interessados em arte e cultura, trazendo benefícios ao comércio e incrementando a renda de diversas famílias. Com isso, também, contribuindo para a proteção das maiores riquezas da Z3, a sua cultura e natureza (FIGUEIRA, Outubro de 2003: 9).

Já no terceiro texto, *Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes*, publicado em novembro de 2003, discutimos sobre a importância de associar a religiosidade impressa nas atividades católicas do santuário em questão com uma potencial valorização turística desta religiosidade:

Quem visita a Colônia Z3 não consegue fugir de contemplar um de seus mais belos cartões postais: a conhecida “Igreja”. Sua construção data do início dos anos 60, sendo modelada pelas mãos de vários pedreiros (alguns pescadores dizem que foram os peixes que a construíram, pois as antigas parselhas de pesca contribuíam para isso conforme as boas safras). [...] Com vista para a Lagoa dos Patos, campos, matas e vila, a Igreja localizada em uma elevação topográfica pode ser vista já na chegada à Colônia Z3. Com uma organização espacial e arquitetônica de origem étnica claramente açoriana, em seu interior encontram-se belíssimas peças sacras representadas pelas imagens de Jesus Cristo, Nossa Senhora dos Navegantes, São Pedro, São Bernardo e pela Via Sacra nos pratos que enfeitam suas paredes internas, ambos feitos de gesso. Num cantinho, barquinhos de cores azul e branca aguardam até a próxima *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* para levar a santa em seu percurso anual. A Bíblia aberta no altar, as flores, as folhagens, o sacrário revestido a ouro e a água benta na cruz de madeira vêm complementar este lugar de tanta paz e harmonia. [...] Preservar este divino patrimônio é um dever sagrado de todos, vivê-lo, também, sejam moradores ou visitantes. E é preciso conscientizar os mais jovens disso. [...] Seja por terra ou por água, a fé é e sempre será a âncora que sustenta este povo abençoado da Colônia de Pescadores Z3 em sua interminável jornada diária. Esta gente humilde e hospitaleira que aprendeu a ler e a escrever a linguagem do mar. E que Deus lhes envie três grandes coisas: camarões, turistas e vida longa (FIGUEIRA, Novembro de 2003: 9)

No começo do ano de 2004 publicamos, também, no Jornal O Pescador, um texto que abordou o potencial do turismo náutico, se este fosse focado em passeios de barco pela Lagoa

dos Patos, com visitação a ilhas próximas a Colônia de Pescadores Z3, podendo isto, inclusive, minimizar parte da crise socioeconômica local:

Passear de barco pela Lagoa dos Patos saindo da Colônia Z3 para pescar, nadar ou seguir em direção à Lagoa Pequena, ao Corrientes, à Ilha da Feitoria, à Ilha da Sarangonha, à Ilha da Várzea, entre outros lugares traz conhecimento, alegria, sorrisos e risos inesquecíveis. Nestes lugares citados encontramos diversas espécies de animais tais como ratões do banhado, capivaras e gatos do mato, além de uma rica flora repleta de árvores e arbustos. Estudantes, pesquisadores, escoteiros, ex-moradores, fotógrafos, empresários, famílias locais, entre outros interessados... todos ficam ansiosos pela hora da partida e deslumbrados com as lindas paisagens avistadas e com os momentos que vivenciam. [...] No mar doce que às vezes fica salgado, o céu, a água, o sol, a chuva, as pessoas e os barcos mesclam suas cores criando um colorido único: a cor da vida e da diversão. Tainhas pulando, gaivotas, biguás, marrecos e frangos d'água voando, além de lobos marinhos inesperados, trazem um tom mais que especial para o passeio.[...] Pensando turisticamente, viagens com motivação para a natureza crescem a cada ano e o empresário ou pescador que deseje potencializar estes passeios do ponto de vista turístico, deve conhecer e reconhecer este espaço de vivência, sem comprometer a cultura e os recursos naturais locais.[...] O Governo Federal, através do site www.turismo.gov.br oferece apoio e facilita a regulamentação desta atividade que requer ainda a constituição de pequena ou média empresa.[...] Microempreendimentos de turismo náutico podem se tornar eliminadores da crise financeira que paira sobre a realidade de várias famílias e pessoas da comunidade. Depois é só juntar equipamentos e recursos necessários, criar rotas de passeio, fazer divulgação, atrair turistas e tocar o barco (FIGUEIRA, Abril de 2004: 9)

Nos meses seguintes escrevemos, também, para o Jornal O Pescador, um artigo relacionando folclore e turismo focado em aspectos sobrenaturais, tais como lendas e histórias de assombrações da comunidade, elementos potenciais para atrair público interessado nestes tópicos:

A gurizada se apavora que nem cusco em dia de temporal quando alguém conta uma causo de assombração. Nas rodas de chimarrão, nas mesas de bar, na volta dos galpões ou nos encontros entre amigos e familiares. Lá vem histórias sobre bruxas, lobisomens, boi-tatás, mulheres de branco, figueiras e casarões assombrados (como a figueira localizada no centro da Z3 e o casarão da Ilha da Feitoria), luzes estranhas no céu, animais com olhos de fogo, porcos gigantes, vultos, portas batendo, barulhos estranhos nos assoalhos e passos ao redor das casas; até chupa-cabras já apareceu por essas bandas. Uns dizem que é conversa fiada, outros juram que viram com os próprios olhos que a terra ainda há de comer.[...] Na Colônia Z3 alguns dizem: fulano tal é lobisomen! Dona tal é bruxa; vá duvidar, tchê! [...] Fantasia? Realidade? Os mais religiosos afirmam que pra tudo isso, basta rezar uns país – nossos e umas Ave-marias e pronto. O certo é que os vivos é que representam o verdadeiro perigo: são os bandidos e atravessadores desleais e políticos aproveitadores. Aqueles que só sabem pilhar a

comunidade, e estes que só aparecem em época de eleição. É desses monstros que as pessoas devem se proteger. Na verdade o que importa é manter vivo todo o encantamento que faz parte das lendas da Z3. Lendas “Cataruchas” (Catarinas e Gaúchas), incentivando as crianças da escola local a desenvolver trabalhos nos quais possam registrar e preservar esta riqueza cultural tão comum no dia a dia dos zetrezenses, conversando e aprendendo com seus pais e avós. As lendas locais são elementos de grande importância para desenvolver o turismo, pois através delas podem ser criados e implantados projetos como festas e espaços temáticas e roteiros de grande repercussão socioeconômica e pedagógica, a exemplo do que outros lugares fazem com grande sucesso (FIGUEIRA, Maio/Junho de 2004: 9).

Também abordamos, juntamente a um colega de faculdade, esta temática sobre folclore e turismo com uma matéria chamada *O Lobisomem Pescador*, publicada no Jornal Trilhas ao Sul, nos meses de agosto de setembro de 2005 (FIGUEIRA & OYARZABAL, 2005).

Retornando à cronologia de nossas publicações sobre o potencial turístico da Colônia de Pescadores Z3, em março de 2004 escrevemos uma matéria novamente para o Jornal O Pescador, sobre a relação entre um elemento particular dessa sociedade e o seu potencial turístico: a “Divinéia”, um ancoradouro de barcos local:

A “Divinéia” é um ancoradouro-baía, cuja função é proteger os barcos da fúria de ventos, temporais e roubos, servindo também como ponto de encontro onde pescadores e outros moradores da Colônia Z3 trocam informações de acontecimentos e novidades ligados à pesca, à política, entre outros. Onde antigamente havia um grande banhado (ecossistema típico desta região do Estado do Rio Grande do Sul), hoje existe um ambiente acolhedor que permite um contato maior com os aspectos cotidianos dos pescadores num ambiente hospitaleiro e colorido. Seus molhes reservam momentos inesquecíveis como aquela brisa inconfundível batendo no rosto de quem anda pela “Divinéia” em cada fim de tarde.[...] Tartarugas e sapos se escondem sob os aguapés; cardumes de pequenos peixes seguem em sintonia com os barcos que entram e saem; e uma antiga balsa (a “balsa do português”) repousa em sua ferrugem mortuária depois de servir durante tanto tempo no transporte de objetos entre a Colônia Z3 e as ilhas ao redor na segunda metade do século XX. Os botes localizados na “Divinéia” possuem as mais variadas cores e nomes. Entre eles estão: “novo edifício”; “mandala”; “magno”; “sou carinhoso”; “bem gaúcho”; “surrão”; “terrasul”; “Geremias”; “turista”; “Rambo II”; “mentiroso”; “lago dourado”; “batistone”; “feiticeiro”; “ninja” e “vencedor”. [...] A “Divinéia” possui uma grande função social ao permitir segurança aos barcos, e a garantir uma boa noite de sono para os pescadores, seja em dias bons ou dias ruins. E é indispensável o uso da divinéia com um olhar voltado, também, para o turismo. Um exemplo disso seria a coragem de se criar um restaurante especializado em culinária típica da Colônia Z3 no centro da “Divinéia”, com direito a passeios de barco e uma vista totalmente privilegiada da bela Lagoa dos Patos (FIGUEIRA, Março de 2004: 9).

No meio do ano de 2005 publicamos outro texto sobre a importância do investimento em turismo na Colônia de Pescadores Z3. Em julho deste mesmo ano escrevemos um artigo no Jornal *Diário Popular*, sobre a o potencial de trabalhar o turismo nos resquícios de Mata Atlântica, encontrados ao redor desta sociedade de pescadores.

Na Colônia de Pescadores Z3 existem resquícios de um dos maiores patrimônios ecológicos do planeta: a Mata Atlântica, a qual possui esse nome em função de sua proximidade com o litoral. Esse riquíssimo ecossistema perdeu a nível de Brasil 95% de toda a sua cobertura vegetal original e foi tombado pela Unesco como reserva da biosfera, Patrimônio da Humanidade. A porção desta mata registrada na Z3 possui as mais variadas espécies da fauna e da flora brasileira: são aves como a pomba-do-mato, o canário-da-terra, o sabiá-laranjeira, o socó-dorminhoco, o papagaio-de-cara-roxa, a jacutinga, o chimango, além de urubus, pica-paus e gaviões; mamíferos como o cachorro-do-mato (sorro), o tatu e o gato-do-mato (animal em extinção); répteis como a cobra cruzeira, o lagarto, o jacaré-do-papo-amarelo e a tartaruga-tigre; insetos como diversas espécies de abelhas e borboletas; anfíbios como sapos, pererecas e rãs variadas; entre outros; árvores como a pitangueira e a corticeira; flores como orquídeas e bromélias (exclusivas da Mata Atlântica); e plantas raras como o xaxim (em extinção), cactos, gravatás e samambaias. Na Colônia Z3, assim como em todo o Brasil, a ocupação humana, as atividades agrícolas, a pecuária, o desmatamento, as queimadas, o acúmulo de lixo, a caça e coleta clandestina e predatória, a comercialização de espécies, e outras atividades conscientes e inconscientes estão entre os grandes agravantes responsáveis pela destruição e desrespeito a este grande patrimônio ambiental. Contudo, observamos que ainda está em tempo de revitalizar, preservar e proteger o pouco que restou dos resquícios de Mata Atlântica local pela sua importância no equilíbrio ecológico, social, pedagógico e turístico. [...] O ecoturismo e o turismo científico devem vir como alternativas estratégicas concretas e viáveis para ajudar a frear problemas ambientais na Colônia Z3. Por exemplo, poderia ser criado um centro de pesquisas ecológicas na escola ou junto a outra instituição; também poderiam ser formatadas trilhas ecológicas para turistas comuns e pesquisadores, criando-se, também, parques e reservas ecológicas; tudo isso para sensibilizar e conscientizar a todos da importância da preservação do pouco que ainda resta de Mata Atlântica no Brasil. A Colônia Z3 poderia tornar-se um exemplo a ser seguido por outras comunidades se o processo viesse a dar certo, o que, com planejamento, interesse e incentivo se concretizaria com certeza. Ainda, um planejamento turisticamente sustentável atuaria como um minimizador das tensões socioambientais da Colônia Z3. Só assim seria possível conciliar a preservação da natureza com o suprimento de carências econômicas, tendo no turismo ligado à natureza, com participação da comunidade local, uma atividade de baixo impacto ambiental em benefício do homem e da natureza. Mas para isso é preciso que isto seja uma iniciativa de todos com o monitoramento e participação de todos (FIGUEIRA, Julho de 2005: 6)

E, por fim, nosso último texto sobre o potencial turístico da Colônia de Pescadores Z3 escrito para publicação em periódicos (jornais de Pelotas), versou sobre a importância do

aproveitamento turístico da culinária típica local. Este texto foi publicado no mês de fevereiro de 2006 no Jornal *Diário Popular*:

É uma tentação para o estômago caminhar pela Colônia Z3 lá pelas 11:30 da manhã. O cheirinho da culinária local dá água na boca de qualquer um. O tempero catarina misturado aos sabores gaúchos pega carona com um ventinho tranqüilo que sopra da lagoa em direção as casas. E nessa hora todos voltam para suas casas: pescadores vindo dos galpões e das peixarias, pedreiros, comerciantes, charreteiros, estudantes, entre outros. Antes do almoço todos conversam embaixo de suas áreas de lazer, tomando um chimarrão, acompanhado de uma boa dose de caipirinha ou cachacinha de butiá. Enquanto isso as panelas ficam no fogo, fervendo como a vida na cidade. Isto sempre foi uma tradição nesta comunidade. [...] Todo esse sabor vem dos mais variados pratos preparados com frutos do mar: são filés de peixe, como o linguado e a traíra, fritos à milanesa ou com farinha, camarões fritos ou cozidos, casquinhas de siri, tainhas assadas, pastéis de camarão ou siri, bagres assados ou cozidos em posta na panela de ferro (com molho de tomate, cebola, pimentão, pimenta, entre outros condimentos), saladas de peixe seco, moquecas, pirões, risóles, bolinhos de pescado, etc. [...] Mistura-se o gosto da comida local com paisagens de dar inveja a muitos lugares, além de uma hospitalidade sem igual. São essas maravilhas gastronômicas preparadas pelas donas de casa que dão força para os pescadores enfrentarem sua rotina. As comidas típicas das comunidades possuem uma importância sem igual para o desenvolvimento do turismo. A maior prova disso é a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, quando são consumidos milhares de peixes. Os turistas adoram experimentar o que é diferente, e pagam para isso. Haverá de chegar um dia em que existam diversos quiosques, restaurantes e barzinhos, os quais sirvam frutos do mar, espalhados pela colônia Z3. Estes poderão ser negócios de grande sucesso para seus empreendedores, tendo no turismo um forte aliado para incrementar a sua renda, pois não há quem resista a essas delícias da Colônia de Pescadores Z3, ainda mais acompanhadas por uma cervejinha bem gelada (FIGUEIRA, Fevereiro de 2006: 6).

Também apresentamos projetos em seminários, tais como a apresentação do projeto *Frutos de um novo mar (Identificação das potencialidades turísticas da Colônia de Pescadores Z-3)* no *Seminário Internacional de Turismo e Arqueologia: Patrimônio Cultural e Ambiental*, no qual publicamos um resumo, descrito a seguir:

O fenômeno turístico se consolida atualmente como elemento de domínio nas discussões que envolvem aspectos disciplinares e planejamentos sócio-educacionais. Milhares de localidades enxergam no turismo uma peça chave na planificação e aplicação de políticas públicas e investimentos privados para o seu desenvolvimento socioeconômico e proteção dos seus patrimônios culturais e ambientais. A Colônia de Pescadores Z3, por possuir patrimônios materiais e ambientais de valor inestimável, se encaixa perfeitamente dentro deste contexto: são patrimônios refletidos em sua culinária, folclore, ritos, mitos, crenças religiosas, festas populares, paisagens e outras tantas singularidades de seu cotidiano que vêm a formatar sua identidade própria.

No entanto, como as mais diferentes localidades, a Colônia Z3 sofre com a carência de recursos, empregos, e possibilidade concreta de mobilidade social. Esse referido projeto destaca a importância de se fomentar um turismo consciente, equitativo e sustentável, sendo aprovado por unanimidade por moradores envolvidos direta ou indiretamente em sua elaboração, podendo transformar-se numa ferramenta de grande apoio para o desenvolvimento turístico da comunidade em questão (FIGUEIRA, 2004: 20).

Nossa monografia de conclusão de curso de graduação em turismo pela Universidade Federal de Pelotas também versou sobre o processo de expansão turística da Colônia de Pescadores Z3 onde analisamos o potencial turístico das diversidades ecológicas e culturais locais para o desenvolvimento do turismo sustentável (FIGUEIRA, 2006). Publicamos artigos sobre turismo, cultura e meio ambiente em sites internacionais (FIGUEIRA, PINHO JR & SILVEIRA, 2009) e nacionais (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008). No primeiro discutimos sobre a importância do projeto *Ecomuseu da Colônia Z3* para preservação e valorização dos patrimônios cultural e ambiental, bem como para a geração de emprego e renda com base no turismo (FIGUEIRA, PINHO JR & SILVEIRA, 2009). No segundo, fizemos uma análise do processo de interpretação turístico mercadológica do próprio patrimônio cultural feito por moradores da Colônia Z3 para minimizar os resultados sociais da crise na pesca profissional artesanal (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008). Complementando nossa evolução de incentivo ao turismo na Colônia de Pescadores Z3, algumas matérias destacadas em revistas e periódicos também relatam nossas atividades de pesquisa e projetos desenvolvidos no local.

No ano de 2007, a Jornalista Taline Schneider fala sobre dois de nossos projetos de estímulo ao turismo local:

Nem só de pesca pode viver o pescador. Essa foi a conclusão que o turismólogo e ex-morador da Colônia de Pescadores Z-3, Michel Constantino, chegou ao observar a carência da comunidade. Ele também notou que a vila também passava por uma perda gradativa dos costumes e cultura locais: "o jovem vai migrando para a cidade em busca de estudo por falta de alternativa de trabalho na comunidade, o que faz com que a identidade cultural vá se perdendo também", aponta Michel. No intuito de resgatá-los e também de criar uma renda alternativa aos 4,5 mil habitantes do local que vivem da pesca e do salário-desemprego nos períodos de defeso, Michel começou a desenvolver, ainda no começo da faculdade, há seis anos, dois projetos que visam explorar a capacidade turística, dando destaque para as práticas artesanais, à cultura popular e à biodiversidade. "É o que estava faltando na colônia. Assim há uma chance de aumento no movimento comercial e uma alternativa de renda para as famílias locais", entende o

comerciante, dono de peixaria, João Luiz Costa. [...] Alguns frutos do esforço de Michel e sua equipe já podem ser colhidos. O projeto Planejamento Turístico da Colônia de Pescadores Z3 foi aprovado nos fóruns regional e estadual de turismo. Agora aguarda por aprovação do Ministério do Turismo. Depois de aprovado, os recursos serão utilizados para a compra, através de licitação, de um barco de passeio, um microônibus de 16 lugares e uma máquina betoneira, para curtir o couro de peixe e apoiar o artesanato local, feito pelas mulheres da comunidade. Enquanto este projeto aguarda pela aprovação, outro será lançado no dia 13 de setembro, graças ao apoio e ao patrocínio de empresários e da comunidade local. A partir de então, o *Caminhos do Pescador Artesanal* passará a ser executado oficialmente como roteiro turístico, composto por 14 pontos estratégicos que caracterizam a diversidade da cultura da colônia. O Ecomuseu da Colônia Z-3 também já é um projeto prestes a sair do papel, basta investimento. "O desenvolvimento turístico não gerará apenas uma renda alternativa para a comunidade nos períodos de 'defeso', como propiciará o resgate da culinária e do folclore local, como as canções e expressões populares usadas somente na comunidade", espera Michel (SCHNEIDER, 2007: 3).

O projeto Planejamento Turístico da Colônia Z3 também é destacado em matéria exclusiva no Jornal O Pescador no mês de junho de 2007, com texto de Reizel Cardoso, estudante de jornalismo, a qual também exalta nossa relação histórica com o local:

Explorar a capacidade turística da Colônia de Pescadores Z3, dando destaque para as práticas artesanais, cultura popular e biodiversidade. Este é objetivo do projeto elaborado pelo ex-morador e ex-colunista de "O Pescador", Michel Constantino, formado em Turismo pela UFPel (Universidade Federal de Pelotas). Em parceria com a Cooperativa Lagoa Viva, e denominado "Planejamento Turístico da Colônia de Pescadores Z3 / Microrregião Sul", o projeto foi elaborado para diversificar a economia, gerar novas oportunidades para os moradores da colônia, promover a cidadania e resgatar o patrimônio cultural, valorizando a culinária, folclore, artesanato, religião, cancionário popular, poesia e a relação sustentável com o meio ambiente que se dá através da pesca artesanal. [...] Michel Constantino, neto do pescador Pedro João Constantino e de Ilma Claudino Constantino, viveu até os 12 anos no "Arroio Sujo", como era conhecida a Z3. Foi para a cidade a fim de estudar. Formou-se em Turismo e retornou à comunidade para realizar o premiado documentário "Frutos de um novo mar", que já coloca a questão turística como alternativa para a comunidade. Uma cópia do documentário foi doada à Escola Raphael Brusque para ser utilizado nas aulas como material didático, dando a chance das crianças se apropriarem dos diferentes aspectos da identidade da colônia de influência açoriana. [...] Esse bem sucedido trabalho foi o que originou a idéia de criar um projeto socioeconômico turístico que viesse a contemplar a comunidade e resgatar sua história (CARDOSO, 2007: 5).

Em 2009, após nos entrevistar, um acadêmico do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas destaca no Jornal O Pescador uma matéria sobre o impasse

referente ao projeto *Ecomuseu da Colônia Z3*, do qual participamos, onde destaca um dos objetivos do mesmo que é o incentivo ao turismo:

“Criamos o projeto 'Ecomuseu da Colônia Z3' com o objetivo de estimular as memórias, preservar os patrimônios culturais e ecológicos, e promover o desenvolvimento do turismo local. Este será um museu do espaço e mostrará elementos como técnicas tradicionais de produção, entre tantos objetos presentes no 2º Distrito de Pelotas. E será gerido por moradores locais com o apoio de várias instituições”. Essa é a apresentação do projeto que está sendo organizado por Michel Constantino, Mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Segundo Michel o projeto tem uma característica forte que é fomentar o turismo, pois se trata de um local de Mata Atlântica, com zona de pescadores. O museu pretende gerar cerca de 29 empregos diretos e indiretos, já que quem vai trabalhar no museu serão as pessoas da própria comunidade. Essas pessoas ficarão encarregadas de administrar o laboratório de informática, o de cultura e pesca, como guia local e organizadores dos espaços de fotos e peças antigas que estarão em exposição permanente. Além do espaço de contos de história da pesca e da Laguna dos Patos, inclui uma rede interna de TV que inclui vários países com projetos semelhantes a este, com base em Portugal (ALVES, 2009: 6).

O projeto *Ecomuseu da Colônia Z3* já havia tido um forte destaque jornalístico ao ocupar uma página inteira do mesmo jornal um ano antes, no mês de junho de 2008 e no Jornal Diário Popular, no início de 2009 (PERES, 2008; ZANELLA, 2009). No mês de junho, a estudante de jornalismo Karina Peres (2008) assim descreve em matéria intitulada *História da comunidade zetrezense reunida em museu*, publicada no Jornal O Pescador:

Em breve, a Colônia Z3 terá um novo atrativo para os moradores e visitantes. Projeto que envolve moradores da colônia, estudantes e professores da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e profissionais de outras instituições na sua elaboração vai contemplar a Z-3 com um ecomuseu. O conceito de ecomuseu surgiu na França. Esse tipo de museu trata da exposição da natureza e propõe atividades com a comunidade. “O Ecomuseu da Colônia Z-3 vai fazer uma leitura histórica e territorial do lugar”, explica Michel Constantino, mestrando em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, e ex-morador da Z-3. As pessoas da Colônia Z3 estão resgatando peças antigas para compor o museu, que também abrange arredores da Z-3 (Ilha da Feitoria, Galatéia, Corrientes, Lagoa Pequena e Totó). Segundo Constantino, o projeto é importante porque “ajuda na qualidade de vida local, através da preservação”. [...] A diretora do Salão Paroquial da Colônia Z-3, Rosimeri Ribeiro, diz que a colônia “precisava disso a muito tempo”, e acredita que o ecomuseu vai fomentar o turismo na Z-3. [...] (PERES, 2008: 7).

Já em fevereiro de 2009, a jornalista Bianca Zanella, também, pública uma matéria com grande destaque, para o mesmo projeto, no Jornal Diário Popular, onde noticia a

exposição do mesmo durante a 78ª edição da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a ocorrer um dia depois da publicação:

Uma lamparina, uma máquina de costuras, um rádio de pilhas. O que esses objetos têm em comum? Todos são encharcados de histórias e trazem à tona a memória de uma comunidade. [...] Essas e outras peças, além de fotografias, fazem parte do acervo do Museu da Colônia Z-3 e estarão expostas para os visitantes no Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes durante a 78ª edição da festa em homenagem à santa de devoção dos pescadores católicos. “Colocar esses objetos em uma exposição muda a forma como as pessoas olham para eles e ajuda a despertar novamente o interesse da comunidade por suas histórias”, diz Sérgio Pinho Júnior, estudante de pós-graduação (Especialização) em História do Brasil na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e um dos coordenadores do projeto. Ele tem razão. Basta colocar as peças da mostra à vista dos moradores para que comecem a puxar da memória muitos causos, um emendado ao outro como se fossem linhas de rede. “Tô com 76 janeiros mais dois mês (sic) e ninguém conhece isso aqui melhor que eu”, garante “seu” Pedrinho, que dos 76 anos de idade, 70 são de pesca. [...] O barquinho de madeira, peça típica do artesanato da colônia, é símbolo da infância zetrezense. “As miniaturas de barco hoje são vendidas aos visitantes como forma de aumentar a renda dos pescadores, mas tradicionalmente são brinquedos das crianças da Z-3”, explica Sérgio Pinho Júnior. [...] É assim, na forma de mutirão, com cada um fazendo a sua parte, que aos poucos o museu da Z-3 vem tomando forma, conta o estudante de mestrado em Memória e Patrimônio Cultural na UFPel, Michel Constantino Figueira. Idealizador do projeto, ele incentiva os moradores da comunidade a “venderem o próprio peixe” e apostarem no turismo cultural para fortalecer a identidade local e suprir as necessidades da colônia principalmente nos períodos de recessão econômica nas entressafras. “Com o ecomuseu a comunidade pode usar a sua cultura a serviço dela mesma, preservando as suas tradições e ao mesmo tempo atendendo os seus interesses” (ZANELLA, 2009: 12).

Por fim, destacamos uma matéria saída na Revista Globo Rural, de circulação nacional, onde o jornalista Geraldo Hasse nos apresenta como um fruto real do êxodo rural que se voltando para o lugar de origem tornaram-se “pescadores de turistas” com base no projeto “Ecomuseu da Colônia Z3”: “dirigido pelo Turismólogo Michel Figueira, neto do pescador Pedro Constantino. Michel, 30 anos, se criou na vila, mas, como muitos jovens, preferiu buscar a sobrevivência em outra atividade. Pesca turistas” (HASSE, 2009: 57).

Todos estes projetos citados expõem claramente que, ações, discussões e o fomento de agentes externos (entre eles, nós mesmos) auxiliaram moradores da Colônia de Pescadores Z3 na interpretação turística de seus elementos patrimoniais, os quais passam a gerar resultados concretos de expansão turística.

4. O FOCO ATUAL DO TURISMO

Relatamos, aqui, os resultados obtidos com a aplicação metodológica para atingir os objetivos de nosso trabalho de reflexão e análise do processo relacional entre patrimônio cultural e turismo, que se expande na Colônia de Pescadores Z3, com a evolução da crise na atividade pesqueira. Após aplicação de entrevistas com três perguntas estruturadas à 10 turistas, passamos a analisar a sua posição diante da expansão turística com base na cultura local. As perguntas foram: 1ª) Qual a impressão que você teve da colônia de pescadores Z3? 2ª) O que lhe motivaria a retornar àquela comunidade? E, 3ª) Quais os elementos você julgou como singulares / únicos da Z3? Sobre a impressão que tiveram da Colônia Z3, 40% dos entrevistados destacaram a simplicidade do local como o foco principal. Já sobre o que os motivaria a retornar, a maioria descreve a simplicidade, a gastronomia, a paisagem e eventos que venham a acontecer. Quanto aos elementos julgados como singulares do local, 20% relataram a gastronomia, 30% a paisagem e 20% o artesanato. Isto nos mostra, que independentemente da porcentagem de interesses e conhecimentos específicos, o perfil do turista que visitou e que possui interesses em retornar ao local é claramente orientado por quatro elementos principais da cultura local: simplicidade, gastronomia, artesanato e paisagem. Contudo, contextualizando nossa análise de campo através de observação participante, com análise de documentos e referências bibliográficas e experiência pessoal, descobrimos que um outro elemento é indispensável na transformação da Colônia de Pescadores Z3 em objeto de olhar do turista (URRY, 2001): a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, realizada anualmente, no dia 02 de fevereiro nas dependências do santuário católico de mesmo nome. Isto é legitimado, também, em nossas pesquisas com aplicação de entrevistas semi-estruturadas com moradores e outros turistas.

Dessa forma, diante da dimensão potencial da pesquisa e de um processo turístico incipiente na localidade, optamos por fazer um recorte do mesmo, pesquisando quatro elementos essenciais ao olhar do turista que visita a Colônia de Pescadores Z3, atualmente, e

que nos parecem ser os mais utilizados na interpretação e empreendedorismo turístico por parte de poucas pessoas, e em projetos e programas de incentivo ao turismo local, desenvolvidos por agentes externos, para a melhoria da qualidade de vida local: a simplicidade, a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, a gastronomia e o artesanato, deixando de fora a paisagem, também citada por turistas entrevistados, na medida em que não há no local nenhum projeto, programa, pesquisa ou promoção que aborde ou incentive o turismo focado, específica ou parcialmente, neste tópico:

A interpretação com relação ao uso do patrimônio cultural destinado ao turismo na Colônia de Pescadores Z3 é objeto de ação de poucas pessoas. Essas mesmas pessoas participaram em algum momento de projetos e ações que enquadravam o atendimento ao turismo, tendo significativos resultados financeiros e psicológicos. Antes desse processo, as pessoas possuíam baixa auto-estima e depressão, o que é comprovado por diversos projetos sociais desenvolvidos na comunidade em prol da elevação da auto-estima e da melhoria de sua qualidade de vida (CAMPOS, FIGUEIRA & LOCH, 2008: 18).

4.1 Simplicidade

A principal base teórica deste subcapítulo é oriunda do pensamento do sociólogo suíço Jean Ziegler, em cujo livro *A Vitória dos Vencidos* (1996) pudemos encontrar explicações bastante condizentes com a proposta reflexiva que nos remete a uma discussão de valor da cultura para homens simples, humildes, resistirem aos processos de opressão e agir diante das transformações em suas sociedades – sejam estas ligadas a classes, gênero, raça, religião, trabalho ou produção (ZIEGLER, 1996)

O que faz com que o morador de um centro urbano brilhe os olhos diante de um peixe assado recheado com camarões, ao visitar uma sociedade de pescadores profissionais artesanais da mesma cidade onde mora? Porque ele se entrega aos braços de uma benzedeira local e suas ervas de medicina caseira, mesmo pagando os melhores planos de saúde? O que faz com que anualmente milhares de pessoas se desloquem de seus espaços confortáveis no meio urbano de Pelotas e de cidades como Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, e Laguna, no Estado de Santa Catarina, para passar dias comendo pescados cozidos, apreciar histórias e festas religiosas, e passear de barco na Colônia de Pescadores Z3? Segundo diversos turistas entrevistados em nosso trabalho, a simplicidade dos moradores locais, em conjunto

com suas práticas culturais, é fator essencial de seu deslocamento em direção àquela localidade.

O belo impresso na humildade destas pessoas nos leva a refletir sobre sociedades empobrecidas que têm na cultura sua força de resistência, e sua energia para mudanças significativas, tanto para si, quanto para aqueles que se aproximam delas, para tocá-las e contemplá-las. São nesses locais marcados pela baixa escolarização, pela insuficiência de médicos (pediatras, dentistas, clínicos gerais, obstetras), pela carência nutritiva nos primeiros períodos da infância, pela inanição, por manifestações contínuas de doenças parasitárias e gastrointestinais, como a diarreia, por assaduras e cânceres labiais causados pela exposição rigorosa à luz solar, pelo abastamento insuficiente de água potável, pela ausência de energia elétrica e sistemas adequados de cobertura sanitária, entre outros aspectos de degradação humana, que diversos viajantes encontram um pouco de paz de espírito, já que a mecanização da vida corrente do relógio, da racionalização das máquinas digitais de sociedades industrializadas traduz a “insegurança psicológica dos indivíduos, desordem, neuroses” (ZIEGLER, 1996: 7).

Tal condição também é destacada por outros autores: “frente às ‘catástrofes’ da modernização, das novas tecnologias e das cidades anônimas, o campo e suas tradições representarão a última esperança de ‘redenção’” (CANCLINI, 2006b: 161). O romantismo rural, costeiro, periférico e suas categorias de textura, essência, sabores, aromas e cores constitui a nostalgia romântica que atrai os consumidores da diáspora turística para sociedades, cujo interesse pela acumulação de riquezas é limitado:

Nas sociedades pobres, desprovidas da lógica da acumulação, a vida se valoriza sem o suporte dos bens e do dinheiro, no contato com os outros e com o meio ambiente. Os objetivos de conquista e de dominação são limitados. Predominam os valores da vida (ZIEGLER, 1996: 4).

Por isso, os grupos de turistas que se deslocam para essas comunidades são cegos andando pela noite em busca de um destroço, uma estaca, uma raiz ou uma tradição onde possam se agarrar. Um sol onde possam se aquecer (ZIEGLER, 1996). No mundo turístico focado na simplicidade, o brilho dos pequenos espaços de artesanatos, feitos com restos orgânicos ou inorgânicos representa o antagonismo do ar gélido dos grandes museus, galerias de arte e espaços públicos elitizados ²⁴. Isto, porque, além de visitá-los, os turistas buscam

²⁴ “As práticas populares são definidas, e desvalorizadas, mesmo por esses setores subalternos, tendo como referência, o tempo todo, a estética dominante, a dos que saberiam de fato qual é a verdadeira arte, a que pode ser admirada de acordo com a liberdade e o desinteresse dos ‘gostos sublimes’” (CANCLINI, 2006b: 42).

conselhos de seus criadores – artesãos, pescadores – transformados em mestres maiores da navegação em pequenas embarcações, sábios conhecedores de ervas medicinais silvestres e das transformações da natureza no porvir.

Para legitimar tal apreensão de nossa pesquisa, nos baseamos em resultados concretos a partir da aplicação de entrevistas com perguntas estruturadas a turistas locais (estudantes, professores, profissionais liberais, empresários e funcionários públicos) e experiência de trabalho, como foi citado acerca de nosso papel no processo de incentivo turístico focado no patrimônio da Colônia de Pescadores Z3. Já em entrevistas informais, conversamos com um professor - especialista em história do Brasil e uma gerente de um famoso restaurante da cidade de Laguna. O que nos mostrou que o perfil de quem visita a Colônia de Pescadores Z3 é de um turista pertencente a estratos econômicos e educativos diversos, com hábitos de consumo cultural e disponibilidade diferentes para relacionar-se com os bens oferecidos no mercado turístico local (CANCLINI, 2006a). Os turistas relatam que cozinheiras, artesãs e artistas, seus parentes ou não, os recebem com alegria e entusiasmo: “a Colônia Z3 passa a idéia de ser muito receptiva e atenciosa com os visitantes. Embora seja uma local humilde, os moradores estão sempre querendo agradar quem os visita” (JACQUELINE, ESTUDANTE, 2009). Esta apreciação vai ao encontro das palavras de Gabriela, também estudante, a qual discorrendo sobre a impressão que teve do local nos diz que o mesmo é “um lugar simples e receptivo” (GABRIELA, ESTUDANTE, 2009).

A palavra simplicidade significa pureza; agir com respeitabilidade; sem grandes pretensões estéticas; ser singelo; pessoa simples: humilde; humildade de caráter e comportamento (FERREIRA, 2001). Sobre esses aspectos relacionados a Colônia Z3, o professor Maiquel considera que além da impressão de simplicidade que teve do local, este fator também o motivaria a retornar ao mesmo: “certamente a sua cultura peculiar... hospitalidade, simplicidade, boa vontade das pessoas...” (MAIQUEL, PROFESSOR, 2009). Já a gerente de restaurante Adriana, nos relatou que se desloca todos os anos para a Z3 por ser bem recepcionada e tratada, e por sentir-se renovada para a continuidade de suas atividades profissionais (ADRIANA, 2009). Ela explica que busca revitalização na convivência com moradores locais, o que nos faz compreender que é no contato com pessoas de pés “literalmente no chão” que empresários e profissionais liberais deprimidos e estressados pela agonia imposta pelo mercado e pelo urbano retiram parte de sua renovação física, mental e espiritual (ZIEGLER, 1996). O mesmo autor explica que os escravos da modernidade

ajoelham-se diante da receptividade calorosa dos povos pobres e oprimidos do terceiro mundo (no caso dos turistas ocidentais do Hemisfério Norte), e das sociedades periféricas (no caso dos moradores das áreas centrais urbanizadas). Assim, enriquecem as sociedades receptoras, as quais historicamente alimentam o conforto de seus opressores; enriquecem os opressores, agora receptáculos mentais de sabedorias tradicionais (ZIEGLER, 1996). Ao pesquisar o expansionismo do turismo na Prainha do Canto Verde, no Estado do Ceará, a pesquisadora Tereza de Mendonça também observou esta condição, já que os entrevistados em suas pesquisas elegiam a simplicidade local como um fator essencial na escolha do local para visitação (MENDONÇA, 2004). O turista E.R, por exemplo, o qual entrevistou em julho de 2003, assim a declarou acerca de seu interesse pela visitação da prainha:

Do ponto de vista físico-geográfico ela é muito semelhante a qualquer outra praia do nosso litoral, coqueiros, então ela não é muito diferente, mas eu acho que excessivamente o que diferencia são as pessoas que aqui estão. Você não encontra o turist o padrão, máquina fotográfica, óculos escuros, você não vem aqui para a Prainha do Canto Verde achando que vai encontrar assim esse ciclo de turismo, esse tipo de, ou esse serviço, essa infraestrutura. Pelo contrário, você vem para encontrar acomodações simples, restaurantes simples, comidinha caseira e pessoas legais, as relações de proximidade, de afeto, eu acho que essa é uma característica da Prainha do Canto Verde (MENDONÇA, 2004: 136).

Segundo a mesma autora: “a tranqüilidade do local e a forma simples têm sido os principais fatores diferenciais comparativos e de atratividade deste destino turístico” (MENDONÇA, 2004: 150). Isto vai ao encontro do que a pesquisadora Marília Maciel observou em Porto União, localizado na cidade de Joinville, no Estado de Santa Catarina, onde a questão da simplicidade aliada a diversos aspectos culturais é fator básico na promoção da atração de turistas:

Simplicidade. Esta é a receita que Porto União utiliza para atrair cerca de 2 mil turistas por mês durante o inverno. (...) O município abriga 140 quedas d'água de até 4 metros de altura. [...] A idéia de combinar ecologia, venda de produtos coloniais e o sossego do campo acabou dando origem ao turismo "ecoagrorural". A fórmula deu certo e está atraindo principalmente visitantes de Curitiba, que buscam em Porto União a tranqüilidade que a capital paranaense não pode mais oferecer. A colheita do pinhão e a pesca, especialmente do lambari, estão entre os atrativos simples que conquistaram os turistas (MACIEL, 2000).

Diante de tais comparações teóricas temáticas com estudos de caso de sociedades locais (Mendonça, 2004 e Maciel, 2000), entendemos que no que tange ao interesse turístico

pela Colônia de Pescadores Z3 (citado em entrevistas com turistas: Gabriela, estudante, 2009; Jacqueline, estudante, 2009 e Maiquel, professor, 2009), aspectos como simplicidade, tranquilidade e hospitalidade são fatores essenciais na expansão do turismo local. Segundo Ziegler (1996) são homens de “barriga e bolsos vazios” que transformam matéria morta em arte, paisagens bucólicas em “paraísos”, frutos do mar em “sabores dos deuses” (ZIEGLER, 1996). A funcionária pública Elenir considera que o que lhe motivaria a retornar a Z3 seria “sua hospitalidade, sua culinária, sua simplicidade ao receber os visitantes, referindo-me ao trato, na certeza de cativá-los ao retorno, sua festa anual, seu Ecomuseu” (ELENIR, FUNCIONÁRIA PÚBLICA, 2009).

Figura 9
Simplicidade, gastronomia e hospitalidade



Fonte: Autor, 2009.

Já a Bacharel em Turismo Luciana explica que o elemento que julgou como singular da Colônia Z3 foi “a hospitalidade por parte dos pescadores” (LUCIANA, BACHAREL EM TURISMO, 2009). É importante frisar que esses fatores citados pelas entrevistadas – ampliados com uso de outros elementos que transpareçam um ar de romantismo e nostalgia²⁵ – são profundamente utilizados pela indústria do turismo na composição publicitária gerada

²⁵ “A paisagem, a distribuição orgânica dos espaços, a igrejinha e as crianças brincando na rua, o que me parece um transporte no tempo e no espaço” (DIEGO, PROFESSOR, 2009).

para atrair sua demanda na Colônia de Pescadores Z3. Para exemplificar isso, citamos o texto inserido no folder do roteiro turístico *Caminhos do Pescador Artesanal* desenvolvidos por nós mesmos, destinado a divulgar os atrativos naturais e culturais desta localidade:

Na Colônia de Pescadores Z3, localizada a 25Km do centro de Pelotas, as marcas do cotidiano dos pescadores estão presentes na saída durante a madrugada para a lagoa que chamam de mar, no entardecer tranqüilo no horizonte, no balé das gaivotas, nas rezas, missas e procissões, na *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* e nas histórias de pescador. A magia do local também se faz presente no artesanato e na culinária “catarucha” (catarinense e gaúcha, como os deliciosos espetinhos de peixe com queijo), nos olhos do velho pescador, nas mãos que remendam redes e sonhos, nas peixarias, nos namoros de portão e num folclore riquíssimo com lendas como o lobisomem e a mulher de branco. A ótima hospitalidade, os recantos de beleza rara, os estaleiros, o santuário, os resquícios de Mata Atlântica, os passeios de barco, a barragem, a “Divinéia” e a “Praia do Junquinho”, vêm a complementar esse belíssimo lugar, um lugar onde a vida continua ancorada numa simplicidade sem igual (ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS DO PESCADOR ARTESANAL).

Ainda, como exemplo de publicidade turística, focada na simplicidade local, citamos a divulgação turística da Praia do Trancoso, no Estado da Bahia, a qual encontramos em um sítio eletrônico de promoção do turismo:

Essa simpática vila originada de uma aldeia jesuíta do século XVI, mantém-se até hoje como um dos últimos exemplares ainda conservados das povoações do Brasil nos primeiros anos. Trancoso fica no alto de um outeiro, de onde se descortina um cenário de praias, falésias, foz de rios e coqueiral. [...] A aldeia de São João Batista dos Índios, atual Trancoso, foi fundada com a finalidade de defender a aldeia dos contrabandistas de pau-brasil que chegavam pelo litoral. Passados quase 500 anos, a vila assiste hoje à chegada de turistas nacionais e estrangeiros, em busca de sol, mar, tranqüilidade e muita história. Trancoso combina elegância e simplicidade, no mais autêntico estilo rústico, com sofisticação (WWW.ECOVIAGEM.UOL.COM.BR/BRASIL/BAHIA/TRANCOSO, S/D).

Diante desta explicitação sobre o interesse turístico local, contextualizada com outros exemplos, observamos, ainda, que os turistas que se deslocam à Colônia de Pescadores Z3 buscam conselhos de pescadores transformados em mestres; reis de suas pequenas embarcações. Essas pessoas os recebem com apreço, prestativas, e os convidam para participar de seus rituais cotidianos, marcados pela reciprocidade. Porém, os turistas observam e registram as práticas locais em fotografias digitais, mas não compreendem em absolutamente nada os ofícios dos seus anfitriões: “ao exercer seus ofícios, eles produzem

valores como que por decreto e os impõem, aos outros como ao vasto campo da cultura, a um público submisso à sua ação. Este público não compreende geralmente nada ou muito pouco das regras que presidem esta distinção” (ZIEGLER, 1996: 43).

Figura 10
O ofício de “limpar” peixes



Fonte: Autor, 2008.

Um outro fator bastante colocado em pauta nas entrevistas com turistas que visitam a Colônia de Pescadores Z3, sobre os motivos de um retorno ao local está ligado à questão da reciprocidade vista entre os moradores do local. Na visão de nosso principal argumentador teórico no tópico *Simplicidade* deste trabalho,

As relações de solidariedade, de reciprocidade, de complementaridade, de reversibilidade que estão nos fundamentos da maior parte das sociedades tradicionais do terceiro mundo nasceram de situações materiais determinadas. Elas constituem uma resposta à miséria, à angústia, à fome. Elas dão aos homens sua identidade singular (ZIEGLER, 1996: 190).

Este autor considera que toda esta manifestação citada de solidariedade uns com os outros ou na recepção de visitantes em comunidades pobres “é ditada pela necessidade” (ZIEGLER, 1996: 32). Essa solidariedade necessária constitui parte desse “mistério da cultura: de uma necessidade material, ela faz valores morais aos quais todo indivíduo ou grupo adere” (ZIEGLER, 1996: 33). Por exemplo, sobre as singularidades da Z3, o estudante Raul destaca: “a recepção, o carinho dos moradores, a cordialidade e a igualdade com que todos são tratados” (RAUL, ESTUDANTE, 2009). Esse aspecto relativo ao jeito prestativo

dos moradores na recepção de forasteiros também é destacado pelo Professor Diego, na primeira impressão que teve da Colônia de Pescadores Z3:

Achei uma comunidade muito peculiar e unida, aparentemente. Por todo o tempo que eu circulei de carro, eu sabia que eles me viam como alguém de fora da colônia, demonstrando que conhecem bem os integrantes da comunidade. Quando pedi informação, sobre a presença de algum restaurante aberto, as pessoas foram muito educadas e prestativas (DIEGO, PROFESSOR, 2009).

Essa mesma impressão foi tida pelo agente de viagens Francisco: “a paisagem bucólica, a alegria das pessoas que vem conversar com a gente...” (FRANCISCO, AGENTE DE VIAGEM, 2009). Os turistas também se deslocam para a Colônia Z3 em busca de música tradicional, com canções tocadas e compostas por “gênios” do cancioneiro local. Se faltar comida, não poderá faltar música. As pernas trêmulas pela carência de vitaminas não cessam suas performances tradicionais. Há frescor nas suas canções (ZIEGLER, 1996). Esta apreciação é destacada pela professora Urânia em sua interpretação acerca de um dos elementos que julga singulares da Colônia de Pescadores Z3, na qual aparece a figura de um músico famoso em eventos locais, o qual escreve canções sobre o cotidiano da pesca: “o ‘Seu Casca’ e seu banjo” (URANIA, PROFESSORA, 2009). Este músico, e uma de suas famosas canções, também, são destacados pelo agente de viagem Francisco, enquanto singularidade local: “aquele senhor que canta para a *Gabriela Cravo e Canela*²⁶” (FRANCISCO, AGENTE DE VIAGEM, 2009).

A simplicidade da Colônia de Pescadores Z3, destacada como um dos principais fatores de incentivo ao turismo vem acompanhada, não apenas pela hospitalidade, mas também por uma apresentação do local como um ambiente social tranquilo. Quando migram para a Colônia Z3 por motivos de repouso, o silêncio almejado pelos turistas é interrompido, na maioria das vezes, apenas pelo barulho de um barco chegando, ao contrário do barulho ensurdecedor de dezenas de carros passando por minuto pelas ruas onde moram em áreas urbanas. Questionada sobre o que lhe motivaria retornar a Colônia Z3, a Turismóloga Luciana nos diz: “sem dúvida, o clima de tranquilidade e das belas paisagens às margens da nossa Lagoa” (LUCIANA, TURISMÓLOGA, 2009).

Assim, diante de todo o destaque impresso nas declarações dos entrevistados, compreendemos, nos ancorando na interpretação do Especialista em História do Brasil,

²⁶ A canção “Gabriela”, de autoria de “Seu Casca”, é bastante famosa na Colônia de Pescadores Z3. Escrita no período em que a Rede Globo de Comunicações (Brasil) passava a novela *Gabriela*, baseada na obra do escritor baiano Jorge Amado, esta canção anima os eventos locais nos últimos 25 anos.

Sérgio, entrevistado informalmente, que o grande diferencial da Colônia de Pescadores Z3 do ponto de vista turístico está na sua paciência e simplicidade de recepção que impressiona os visitantes, já que mesmo cansados da lida na pesca, não se entregam à indiferença e ao desinteresse quando chegam os forasteiros (SÉRGIO, ESPECIALISTA EM HISTÓRIA DO BRASIL, 2009).

Figura 11
Alberto Mota, “Casca”, músico local



Fonte: Autor, 2009

Por isso, reiteramos que o romantismo costeiro da Colônia Z3 e suas categorias de textura, essência, sabores, aromas e cores constitui a nostalgia que atrai os homens urbanos em sua direção. Homens que, pela sua inquietude, se auto-expulsam do cotidiano frio das cidades em busca de um pouco de calma, simplicidade e tranquilidade. Mendonça (2004: 138) em seus estudos acerca da expansão do turismo na Prainha do Canto Verde, destaca ao entrevistar a turista A.Z. em julho de 2003, que essa situação de interesse turístico por sociedades costeiras também se mostra presente na prainha, onde turistas cansados da vida cotidiana dos centros urbanos procuram uma verdadeira possibilidade de contato com a natureza, aliado a momentos de tranquilidade, simplicidade e paz:

Eu fiquei maravilhada. É o tipo de turismo que eu gosto. Reconheço que não é um turismo vendável, um turismo de mídia. Porque não tem esse conforto, estrutura que normalmente as pessoas de classe média procuram nos seus momentos de lazer. Mas eu gosto desse turismo, desse lugar primitivo, desse contato com as pessoas mais simples (MENDONÇA, 2004: 142).

Na citação de Mendonça (2004) observamos, ainda, que atualmente as pessoas encontram-se distantes, tanto do conceito, quanto da matéria natureza (MENDONÇA, 2004). Isto nos leva a debater com Tuan (1980) sobre a questão de que o turismo nas áreas rurais e costeiras destacar-se-ia como uma ocasião importante para minimizar esse fato:

Na vida moderna o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado à ocasiões especiais. Fora da decrescente população rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional [...] O que falta nas pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos hippies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutavam (TUAN, 1980: 110).

Arelado a isso, pensando sob a ótica do turismo – e as necessidades do turista por paz, simplicidade, tranquilidade, solidariedade, sentimento de comunhão e natureza – os empreendedores da Colônia Z3 “fazem da angústia de seus clientes, uma mina de ouro” (ZIEGLER, 1996):

La mayoría de los individuos que integran las corrientes turísticas habitan en ciudades, viviendo sometidos a un ritmo exigente y a una presión externa que los conduce a una progresiva acumulación de tensiones. En tales condiciones se trasladan al lugar de vacaciones, con la intención de 'olvidarse de los problemas' y dispuestos a variar sus patrones de comportamiento (SANTANA, 2006: 80).²⁷

Os empreendedores turísticos de comunidades locais utilizam-se de sua simplicidade, em conjunto com suas práticas tradicionais em perigo de extinção, para a busca de mudanças significativas, como acesso a um trabalho remunerado, a financiamentos para produção e mesmo alternativas de produção. Todavia, os fragilizados e subjugados possuem algo intrínseco ao seu cotidiano que muitas vezes é percebido e destacado apenas pelos “de fora”.

²⁷ “A maioria dos indivíduos que integram as correntes turísticas habitam em cidades, vivendo submetidos a um ritmo exigente e a uma pressão externa que os conduzem a uma profunda acumulação de tensões. Em tais condições se trasladam ao lugar de férias, com a intenção de ‘esquecer-se dos problemas’ e dispostos a variar seus padrões de comportamento” (SANTANA, 2006: 80).

Um valor considerado sagrado pelos viajantes: o patrimônio cultural local manifestado através de comportamentos de humildade, hospitalidade e solidariedade diante dos seus visitantes. Segundo Yi-Fu-Tuan

Obviamente, o julgamento do visitante é muitas vezes válido. Sua principal contribuição é a perspectiva nova. O ser humano é excepcionalmente adaptável. Beleza e feiúra – cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver neste mundo. O visitante, frequentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente (TUAN, 1980: 65).

O mesmo autor explica ainda que

Em nossa sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente (TUAN, 1980: 72).

Enfim, é nesse sentido expresso pela relação entre cultura e mercado que o patrimônio²⁸ transforma-se em objeto turístico. O sabor de um café servido em xícaras envelhecidas, acompanhado por bolinhos de peixe fritos no momento de sua chegada ao local, juntamente com uma recepção calorosa, traz novos significados a vida dos visitantes da Colônia de Pescadores Z3, e os relatos dos turistas entrevistados não nos desmentem. Com base nestes aspectos, estes turistas se fazem constantemente presentes nos eventos religiosos, e atualmente mostram-se presentes, também, na busca constante pela gastronomia e artesanato típicos da Colônia de Pescadores Z3.

4.2 Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Vila de pescadores profissionais artesanais, a Colônia de Pescadores Z3 se caracteriza por uma relação profunda com o sagrado da religião católica e suas entidades relacionadas à pesca. Essa relação constitui-se numa reciprocidade de produção social ancorada na crença, na religiosidade e na fé. Por isso, sendo “os componentes de uma festa que mais atraem

²⁸ Se o comportamento é herança sociocultural, ele é patrimônio cultural, defendido, mantido, preservado.

público, os religiosos e os profano-religiosos” (MOURA, 2005: 38), um dos elementos de maior apreciação pelo olhar do turista na Colônia de Pescadores é a celebração da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*.

Este evento representa um momento de celebração, agradecimento, petição e pagamento de promessas, envolvendo moradores e turistas em rituais e ações conjuntos, tais como decoração de barcos e casas, realização de procissões e almoços, comercialização de artesanato e pratos da gastronomia, e apresentação de artistas locais, dessa forma fomentando a expansão do turismo com base numa relação entre a ordem tradicional da cultura com os interesses do mercado. Há neste quadro social em particular um processo relacional entre cultura e mercado turístico com base num evento marcado pela espetacularização da tradição, onde ocorre uma verdadeira simbiose entre o espetáculo e a fé.

Figura 12
Festa de Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: Autor, 2009.

Através de atos simbólicos conduzidos por interesses e necessidades, os pescadores se utilizam de sua crença no sagrado para uma preparação, não apenas em busca de conforto na certeza da produtividade do trabalho, mas, também, na libertação da ordem cotidiana deste. Neste momento utilizam-se de suas particularidades tradicionais para rezar, mas, também, para dançar, beber, comer, cantar e, sob uma ótica mercadológica, ganhar algum dinheiro:

Por certo, a teatralização das procissões e a ritualização da comensalidade abalizam os ciclos de interação social, caracterizados por atitudes cerimoniais, que conjugam a adoração aos santos reverenciados e o entretenimento satisfeito por meio do consumo abastado de bebidas e comidas típicas, da apresentação de folguedos e cantorias – elementos que tradicionalmente completam um circuito recorrente nas festas de santo que articulam as práticas do ‘rezar’, ‘comer’ e ‘dançar’. Esta sucessão de

atividades evoca conhecimentos tradicionais relacionados ao saber fazer de sistemas culinários, bailados e folias que combinam traços, simultaneamente, regionais e universais (PELEGRINI & FUNARI, 2008:99).

A *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* é realizada anualmente, no ambiente da Colônia de Pescadores Z3, no dia 2 de fevereiro. Em 2009 completou setenta e oito edições. Durante sua realização são comercializados milhares de pratos à base de pescados capturados na Lagoa dos Patos como pastéis de camarão, bolinhos de peixe, peixes assados, saladas de peixe, além de bebidas. Também, neste evento, comercializam-se diversos objetos artesanais, apresentam-se músicos locais e de fora, bem como se organizam exposições museológicas. Tudo isso, tendo como carro-chefe a religiosidade – caracterizada por missas, procissões terrestre e lacustre, homenagens, pagamentos de promessa, agradecimentos e petições – e a gastronomia, num verdadeiro espetáculo de fé, entretenimento, atividades culturais e comércio. Ou seja, cultura e mercado num quadro de sociabilidade baseada numa cultura particular dos “navegantes”:

Havia muitas bancas com petiscos zetrezenses, dos quais servem também de atrativo da comemoração: “Faz 3 anos que venho na festa, com o único motivo de comer o pastel de siri.” (Indiara, estudante). Além do pastel, havia camarão frito, bolinho de peixe, casquinha de siri, entre outros, o que confirma o comentário de um pescador: “Tem povo que vem por fé, tem povo que vem pela barriga”. Durante as entrevistas, umas das mais conhecidas quituteiras zetrezenses, “Dona Olga”, disse que retira seu sustento a partir da culinária; relata que a criação, técnica e aperfeiçoamento, se fazem com o tempo e depende do gosto de cada um (BAIROS, MOURA & RIETH, 2007).

Segundo a Ministra da Eucaristia da Comunidade Católica local, e relações públicas do evento, Rosimeri Ribeiro, a maior parte dos turistas visitam a festa por questão de religiosidade e em segundo lugar pela gastronomia (ROSIMERI RIBEIRO, 2009).

Durante a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes a vila se enfeita com pequenas bandeiras azuis e brancas para homenagear a sua santa protetora. No dia 01 de fevereiro, véspera da festa em si, além da procissão terrestre, realiza-se um baile junto ao Salão Comunitário João Paulo II, de propriedade da comunidade católica local. Distante deste processo, mas muito próximo de um sentimento coletivo, diversas mulheres preparam alimentos para o almoço do outro dia, realizado junto ao pátio do *Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes* e no salão comunitário. Sobre esta estrutura e o significado gerado pelo evento, nos sustentamos nas palavras de Ferreira (2001: 14) que entende que para qualquer tipo de análise do fenômeno festivo devem ser levados em conta dois aspectos básicos:

- 1) O sentimento da festa; o que faz com que a festa exprima uma atmosfera intensamente participativa, densa de conotação simbólica e mítica, desenvolvendo uma função imediata e coletivamente catártica;
- 2) A institucionalização da festa; cada festa comporta uma organização comunitária e uma regulamentação da parte do grupo festivo, que é mais ou menos amplo ou complexo. Neste componente organizacional, ao lado do elemento organizativo-comunitário entra o quadro de referência ideológico anteposto à festa e que, segundo o caso, se refere a um mito de origem ritual ou simbolicamente reatualizado, à lenda de fundação de um culto; à imagem de um santo cristão; à um momento crítico da existência ou a um evento histórico, social ou político, que deve ser comemorado e re-evocado, para renovar o impulso de vencer os percalços da cotidianidade através do fenômeno festivo (FERREIRA, 2001:14).

Com relação à história da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, descobrimos através de entrevistas com antigos participantes que ela surge na Z3 em período anterior ao início da década de 60, quando se inicia a construção do santuário de mesmo nome no local. Segundo relatos esse santuário, conhecido na Z3 como “Igreja”, foi “construído pelos peixes”, pois conforme as boas safras da época, os pescadores doavam uma porcentagem de seu lucro para a sua construção. Antes da construção da “Igreja” as manifestações religiosas, tais como as festas religiosas, missas e batizados eram realizados debaixo de uma figueira, localizada no centro da Colônia de Pescadores Z3 e considerada sagrada pelos católicos da comunidade. Como nem todos os anos havia boas safras, a igreja demorou algum tempo para ser finalizada. A religiosidade manifestada na *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* por ser uma celebração que une moradores e turistas numa comunhão em respeito à divindade e respeito à morte, agradecimento à santa por graças alcançadas, pedidos de proteção e de causas diversas e pagamento de promessas, oportuniza que moradores e turistas participem conjuntamente da celebração de veneração dessa entidade:

A exemplo do peregrino, o turista desloca-se de um lugar familiar para um lugar distante e então regressa ao lugar anterior. No lugar distante não só o peregrino, como também o turista se entregam à ‘veneração’ de santuários que são sagrados, embora de modo diferente, e, como resultado, obtêm algum tipo de experiência enaltecida. (URRY, 2001:26)

Com relação ao sentido espetacularizado do evento, todo ano o mesmo recebe uma série de investimentos em infra-estrutura, publicidade, organização e receptividade. Com um público cada vez maior, e com cada vez mais atividades de entretenimento, a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* estimula o surgimento de uma cultura empreendedora ao turismo

local. Esta premissa vai ao encontro do que diz Neto (2005: 65) sobre o despertar turístico dos eventos: “eventos são agentes promotores da cultura local, regional e nacional. Contribuem para revitalizar espaços, dinamizar mercados, formar novos consumidores culturais e atrair novos investidores” (NETO, 2005: 65). Por isso, torna-se claro o porquê, segundo relato de Rosimeri Ribeiro o número de visitantes da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* aumentou nos últimos três anos (ROSIMERI RIBEIRO, 2009). Ela explica que a dimensão do evento

Vem aumentando gradativamente a cada ano. [...] Não é mais aquela festinha. Ela tomou, assim, uma proporção muito grande. Desde que ela entrou para o Calendário Turístico de Pelotas, ela tomou uma proporção muito grande. Então é um compromisso muito grande pra nós agora. [...] Não é mais aquela festinha dos navegantes que a gente fazia. [...] Aquela coisinha... (ROSIMERI RIBEIRO, 2009).

Por isso, no que tange à festa, enquanto bem cultural, observamos que os processos sociais atuais a espetacularizam produzindo aspectos positivos em sua valorização, através do investimento na transformação de seus significados simbólicos, o que agrada os organizadores. Essa festa mantém rituais tradicionais que envolvem, tanto um trabalho de preparação, quanto de ação, compartilhados, caracterizados pela decoração das casas, e enfeitar da vila e dos barcos para receber os visitantes e agradecer à santa e, também, envolve a participação de moradores e turistas em procissões, apresentação de artistas locais. Além disso, ocorre alto consumo de pratos da gastronomia da Colônia Z3.

Figura 13
Casas “enfeitadas” para celebração de Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: Autor, 2009.

Portanto, essa participação de visitantes em geral (turistas, ex-moradores, entre outros), em diversas atividades da festa, cria um ambiente de intercâmbio e satisfação entre diferentes atores do processo turístico:

É importante observar que o turista de eventos é motivado por interesses profissionais, mesclando atividades de trabalho e lazer, tornando-se um consumidor com grande potencial de consumo do item diversão. Outro aspecto importante do Turismo de Eventos é o fato do turista retornar depois, com a família, para os locais que mais lhe agradaram (SILVA, 2006).

Esse ambiente satisfatório, tanto para os moradores, quanto para os visitantes engrandece a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* na medida em que diversas pessoas retornam à Colônia de Pescadores Z3, depois da mesma, para almoçar em pequenos restaurantes, por exemplo. Entretanto, é importante citar que durante este evento o público se divide em duas etapas. No ambiente físico-estrutural do mesmo, pela manhã e tarde, circulam turistas, mas a partir do momento que inicia, bem quando termina a procissão lacustre dos barcos, através da Lagoa dos Patos, o público predominante do evento é basicamente composto por moradores da Colônia de Pescadores Z3. É neste momento que ocorre apresentação de músicos locais.

É preciso frisar que a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, independente de sua conotação mercadológica e espetacularizada é patrimônio cultural imaterial da Colônia de Pescadores Z3, pois seguimos o exposto por Pelegrini & Funari (2008) que consideram as festas religiosas tradicionais como forma patrimonial imaterial. Expandindo essa análise poderíamos interpretá-la sob uma ótica patrimonial, na medida em que este evento simboliza a expressão física e imaterial de um legado comunitário constantemente reatualizado pela memória coletiva, diante das transformações de ordem social na comunidade. Essa festa se caracteriza pela celebração em torno da fé na produtividade da pesca profissional artesanal. Por seu valor de participação, sua conotação cultural transfere à sua estética de crença no sagrado, uma imaterialidade constantemente (neste caso, anualmente) manifestada pela memória, através de um hábito repetitivo a cada ano.

Esta memória que surge como articuladora da cultura em sua apreciação enquanto legado comunitário gera um sentido patrimonial ao evento, ou seja, uma herança que lhes pertence e que se mantém preservada, sem perder a maioria de suas características tradicionais: “o culto aos santos e a valorização das relíquias deram às pessoas comuns um sentido de patrimônio muito próprio e que, como veremos, de certa forma permanece entre nós: a valorização tanto dos lugares e objetos como dos rituais coletivos” (FUNARI &

PELEGRINI, 2006: 11-12). Mas, por outro lado, esses eventos assimilam as necessidades de renovação da teia social, apresentando novas atividades e novos rituais, bem como gerando um sentido turístico ao patrimônio, porém sem perder as suas características tradicionalmente repetidas pela reatualização da memória pública da Colônia de Pescadores Z3:

A construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e porque preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre os diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado atribuído ao patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento (RODRIGUES, 2005: 16).

Essa reatualização da memória pública impressa na *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* atinge seu ápice em três atividades principais, as quais são baseadas na religiosidade e na gastronomia: a procissão terrestre, realizada no dia anterior ao evento, bem como o almoço comunitário e a procissão lacustre realizados no dia 02 de fevereiro. Esses três momentos são considerados os mais fiéis representantes de uma tradição constantemente, ou melhor, anualmente, evocada pela memória. Essa manifestação constante da tradição permite ao homem a continuidade no tempo, os vínculos com o passado e a força da conveniência para agir de acordo com seus interesses mais particulares. Nesta lógica, além de seu caráter religioso, esses interesses fazem da festa uma oportunidade de geração temporária de trabalho e renda para diversos moradores da Colônia Z3. Uma possibilidade econômica temporária que advém da dimensão turística do evento. Segundo a jornalista Suélen Moraes (2004: 6), discorrendo sobre a festa realizada no ano de 2004 e seu potencial atrativo,

A 73ª Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, consolidada em Pelotas e de inestimável importância para a Colônia Z3, contou com a presença de um grande público de Pelotas e de outras cidades, como Porto Alegre, Rio Grande e São Lourenço do Sul. (MORAES, 2004: 6)

Ainda sobre esta ótica de atratividade turística, na edição de 2004, a mesma autora cita que “durante esse evento ocorreu uma procissão lacustre pela Lagoa dos Patos, a qual reuniu um grande número de pessoas da comunidade e visitantes em geral” (MORAES, 2004: 6). O que mostra a força de um evento tradicional na comunidade como carro-chefe de mobilização para os usos turísticos da cultura, focando na culinária, no cancioneiro popular, no artesanato e na religiosidade impressa nas procissões terrestre e lacustre, uma possibilidade concreta de arrecadar algum dinheiro. É importante citarmos que nessas procissões, atualmente, não apenas os moradores, mas, também, os turistas, assimilam os rituais de caminhada,

organização e celebração religiosa, já que momentos como estes “resultam contaminados por interesses extraños, y lo que formaba parte de símbolos comunitarios hoy se muestra como parte de un espetáculo” (CRIADO, 2006: 37).²⁹

A procissão terrestre é realizada no dia 1 de fevereiro, na véspera da festa. Todavia, independentemente disso, é vista como parte de um todo que é o evento maior do próximo dia. Esta procissão é marcada por uma teatralização onde pescadores recebem a santa junto ao *Ecocamping Municipal de Pelotas* (localizado há 2 Km de distância da Colônia Z3), e à pé vão andando em grupos de oito homens, rezando e se revezando, levando o pequeno barco que carrega a santa junto aos ombros, numa caminhada que dura aproximadamente duas horas, juntamente com um número sempre superior a mil pessoas no decorrer da mesma.

Figura 14
Procissão terrestre



Fonte: Autor, 2009.

Após adentrar a vila, a circunscrevem em direção ao *Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes*. Durante todo o trajeto, crianças vestidas de anjo, pessoas com terços entre os dedos e mulheres segurando velas acesas seguem cantando hinos e louvores católicos. Nesta caminhada, moradores, turistas, curiosos e religiosos ficam parados, batendo palmas, num verdadeiro corredor de fé; outros soltam fogos de artifício, o que gera um espetáculo de religiosidade.

²⁹ “Resultam contaminados por interesses estranhos, e o que formava parte de símbolos comunitários hoje se mostra como parte de um espetáculo” (CRIADO, 2006: 37).

Figura 15
Espetáculo de religiosidade



Fonte: Autor, 2009.

A procissão lacustre é realizada no dia do evento, 2 de fevereiro. É tradição na comunidade que essa procissão se inicie a partir das 15h00min, logo após o almoço junto ao santuário. Nesta procissão centenas de barcos, decorados com bandeiras azuis e brancas saem deslizando sobre as águas da Lagoa dos Patos.

Figura 16
Início da procissão lacustre



Fonte: Autor, 2009

Os turistas podem participar gratuitamente da mesma, adentrando qualquer barco que lhe interesse, mediante aprovação do responsável pela navegação. Nesse momento de

celebração religiosa, famílias inteiras se abastecem de alimentos, bebidas e fogos de artifício e deslocam-se até a Praia do Laranjal, distante 8 Km da Colônia Z3. Um dos barcos é escolhido para levar a santa e todo ano ocorre uma premiação do barco mais bem decorado, onde a comunidade católica local, organizadora maior do evento, presenteia o proprietário com algum equipamento de pesca.³⁰

Figura 17
Populares acompanham saída de procissão lacustre



Fonte: Autor, 2009.

Um outro ponto alto da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* é a realização de um almoço junto ao Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes:

Aos fundos da igreja, havia o salão, onde seria servido o almoço com tainha assada, arroz, salada e churrasco, para quem comprasse as fichas. À noite, o salão seria palco de um grande baile, que também é outro atrativo da festa. ‘Viemos para participar do baile. Não somos devotos, viemos para nos divertir’, atestam o casal Edgar e Eva (BAIRROS, MOURA & RIETH, 2007).

Além desse almoço em espaço maior, milhares de pessoas deslocam-se de um quiosque a outro, onde moradores vendem pasteis-de-camarão e siri, bolinhos de peixe e bebidas em geral, comercializados por pessoas que não fazem parte diretamente da

³⁰ “Como de costume, às 15h00min, iniciou-se a procissão lacustre com saída da Z3. Várias embarcações enfeitadas, barcos de todos os tamanhos, com fiéis que se emocionaram durante o cortejo. Aplausos, fogos explodindo no ar, alegria e emoção tomam conta da celebração. Após 4 horas de procissão lacustre, a imagem seguiu até o Porto, dando término à comemoração de Nossa Senhora dos Navegantes” (BAIRROS, MOURA & RIETH, 2007).

organização da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, mas alugam esses quiosques durante o evento. No decorrer da história da comunidade, moradores, sobretudo cozinheiras tradicionais, sempre participaram deste evento. Antes da criação de projetos de restaurantes o turismo gastronômico atingia seu ápice durante essa festa. Durante a realização de sua 73ª edição, por exemplo, “o apetitoso cardápio típico, elaborado por cozinheiras, todas moradoras da Z3, foi uma das atrações principais” (MORAES, 2004: 6).

Figura 18
Almoço durante a festa



Fonte: Autor, 2009.

A festa, bem como suas particularidades como procissões e mostras gastronômicas, é assim assimilada enquanto ação da memória local, orientada pelo simbólico e pelo mercado, assumindo grandiosidade diante de seu reconhecimento atual. Sobre essa orientação simbólica adquirida pelos eventos religiosos, entendemos que assim como a de *Nossa Senhora dos Navegantes*

Cada festa comporta uma organização comunitária e uma regulamentação da parte do grupo festivo, que é mais ou menos amplo ou complexo. Neste componente organizacional, ao lado do elemento organizativo-comunitário entra o quadro de referência ideológico anteposto à festa e que, segundo o caso, se refere a um mito de origem ritual ou simbolicamente reatualizado, à lenda de fundamentação de um culto; à imagem de um santo cristão; à um momento crítico da existência ou a um evento histórico, social ou político, que deve ser comemorado e re-evocado, para renovar o impulso de vencer os percalços da cotidianidade através do fenômeno festivo (FERREIRA, 2001:14).

Estes percalços da cotidianidade representam as dificuldades impostas pelo trabalho árduo da pesca profissional artesanal e as incertezas perante a atividade. Para uma sociedade que vive basicamente da cadeia produtiva da pesca artesanal, a festa oportuniza um carregamento das forças de propulsão ao trabalho através da crença no sagrado, bem como no estímulo à coletividade diante de interesses em comum, impressos em um evento repleto de ações e rituais marcados pela reciprocidade.

Já quanto ao seu caráter mercadológico, a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* contribui na geração temporária de trabalho e renda alternativos, promovendo a imagem positiva da comunidade. Essa melhora na imagem é comprovada pelo simples fato de que a cada ano que passa essa festa vem sendo trabalhada de forma mais consciente e participativa por diversos moradores locais, com altos investimentos em infra-estrutura e divulgação, numa ação comunitária conjunta para o desenvolvimento do turismo local e para promover a elevação do evento, já incluído no “Calendário de Eventos” do município de Pelotas. Essa relação entre evento e potencial turístico, é explicada à seguir por Silva (2006):

Um evento movimenta um grande número de profissionais durante a sua realização, provocando uma grande movimentação econômica nas cidades sedes. É importante observar que o turista de eventos é motivado por interesses profissionais, mesclando atividades de trabalho e lazer, tornando-se um consumidor com grande potencial de consumo do item diversão. Outro aspecto importante do Turismo de Eventos é o fato do turista retornar depois, com a família, para os locais que mais lhe agradaram (SILVA, 2006).

A *Relações Públicas da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* Rosimeri Ribeiro tem uma visão própria da perspectiva de promoção da cultura local com base neste evento, e seu incentivo na expansão do turismo na Colônia de Pescadores Z3:

Têm muitos que já descobriram isso. Mas muitos não descobriram. Sabe? Essa beleza... Essa riqueza que têm. Não pode ser assim... Uma festa grande, tudo numa coisa única no dia. [...] Todo mundo pode aproveitar. [...] Pode ser uma coisa, assim, que não precise ser no dia 02, na festa... Pode se começar antes (ROSIMERI RIBEIRO).

Essa mescla entre cultura e mercado presente na *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* acontece, em diversos casos semelhantes ao de nossa análise, tais como àqueles observados por Maria Nazareth Ferreira (2001) em suas pesquisas sobre as festas italianas e sua relação com a expansão do turismo, e os de Stefan Claesson, Robert Robertson e Madeleine Hall-Arber (2005), pesquisadores da Universidade de Massachusetts, analisando

comunidades pesqueiras americanas. Estes últimos, por exemplo, observaram que a demanda para cada festival ligado a pesca em comunidades pesqueiras com menos de 5000 habitantes no Golfo de Maine, nos Estados Unidos, é em torno de 1000 a 3000 visitantes. (FERREIRA, 2001; CLAESSON, ROBERTSON & HALL – ARBER, 2005). Da mesma forma que a Festa dos Navegantes na Colônia de Pescadores Z3, estes festivais possuem valores religiosos e espirituais, onde incorporam qualidades culturais com interesses turísticos, já que nos mesmos, também se comercializam pratos da culinária típica e artesanato local, conjuntamente com atividades de entretenimento (FERREIRA, 2001; CLAESSON, ROBERTSON & HALL-ARBER, 2005).

É preciso destacar que a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* possui grande representatividade no folclore do Rio Grande do Sul, na medida em que é considerada a maior festa religiosa do Estado, sendo realizada em diversos municípios, cuja pesca é considerada uma de suas forças econômicas e culturais (DELLA MÔNICA, 2001: 116). Por seu valor de participação, que envolve a preservação de vários rituais, sua conotação cultural transfere à sua estética de crença no sagrado, uma imaterialidade manifestada pela memória social. A festa é, assim, representativa das graças alcançadas; é simbólica, mas também é espetáculo. Contudo, independentemente do caráter mercadológico e espetacularizado adquirido pela mesma, é necessário um entendimento de que este é um evento de comemoração e celebração que envolve milhares de pessoas sob um signo comum: a força da fé: “o que é mais profundo no homem resiste mais duramente, mais constantemente à racionalização. E o mais profundo, justamente, é a angústia diante da morte e sua expressão compensatória e positiva: a fé religiosa” (ZIEGLER, 1996:101).

Durante sua ocorrência, os moradores da Colônia Z3 compartilham suas diversidades culturais com seu público visitante para mostrar-lhes quem são, ou apresentam ser; dividindo com os mesmos as alegrias e a fé numa ressignificação da tradição, agora vista como objeto de olhar dos turistas (URRY, 2001). Essa transformação ocorre diante da reatualização que sofre o evento, o qual adquire um nível de espetáculo cada vez maior com o passar dos anos, passando de uma simples celebração local, a um grande momento de entretenimento, numa verdadeira simbiose entre o respeito ao sagrado – impresso nas missas, rezas e procissões – e a libertação possibilitada pelo profano de consumo de bebidas alcoólicas, banquetes, festejos e concertos musicais. Neste universo, reiteramos, diversos moradores se reúnem em um trabalho que envolve a força da fé, mas também a oportunidade de negócios, ou seja, praticando a relação entre cultura e mercado:

Numa festa de significado religioso, podem ocorrer processos modernizadores, transformando-a em espetáculo com conotações mundanas e lúdicas, com estruturas grandiosas e suntuosas que, muitas vezes, fogem ao contexto do meramente religioso. Entretanto, para o entendimento correto da cultura que permeia o fenômeno festivo em questão, será necessário ter presente a força do mito como um dado concreto (FERREIRA, 2001:15).

Concluimos que a dimensão do seu incentivo, segundo Rosimeri Ribeiro se dá no investimento maciço em infra-estrutura e publicidade compatível com a dimensão tomada pelo evento a cada ano. Há investimento em compras e aluguéis de lonas, barracas, palco, som, além da impressão de panfletos, camisetas e solicitação de serviços diversos. Além do mais, durante a festa, abrem-se espaços para apresentação de artistas locais, cozinheiros, artesãos, músicos, entre outros, aumentando a sua credibilidade enquanto evento cultural “autêntico”: “a gente dá muita credibilidade pro pessoal local. [...] Pro artesanato..., o pessoal que toca, que canta... [...] a gente procura mostrar os talentos da terra” (ROSIMERI RIBEIRO, 2009). Sobre essa potencial “autenticidade” da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, Moura (2005: 49) explica que “a beleza das festas que celebram as vidas dos santos nem sempre conservam a autenticidade de suas origens devocionais, mas constituem-se num dos principais atrativos turísticos do Brasil” (MOURA, 2005:49). E é essa dimensão atrativa que caracteriza essa festa realizada na Colônia de Pescadores Z3, 2º Distrito de Pelotas. Um evento de renovação do tecido social local, com base num espetáculo de fé e entretenimento, e que auxilia na promoção de duas outras forças de propulsão do turismo na Colônia de Pescadores Z3: a gastronomia e o artesanato inventado.³¹

4.3 Gastronomia

Atrativo turístico por excelência, na Colônia de Pescadores Z3, a gastronomia atrai diversos tipos de visitantes para o local. Parentes e amigos de moradores, estudantes, empresários, entre outros, fazem de seu momento gastronômico de passagem pela Z3 uma experiência social única de conhecimento do local através da degustação de um aspecto particular que expressa parte da identidade cultural dos pescadores.

Sobre a relação entre turismo e gastronomia Furtado (2006) sugere que

³¹ "Essas atividades são artes de mãos femininas, alternativa à fonte de renda da pesca, masculina, mas que termina por envolver a família, principalmente durante a comemoração da padroeira local" (BAIRROS, MOURA & RIETH, 2007). Não nos deteremos neste tipo de artesanato, já que discutiremos apenas sobre os usos turísticos do artesanato tradicional caracterizado pelos barcos em miniatura.

A gastronomia como um produto, ou mesmo um atrativo de uma determinada localidade, é bastante interessante e importante do ponto de vista turístico, pois apresenta novas possibilidades, na verdade, não tão novas, mas nem sempre bem exploradas, que são as diversas formas de turismo voltadas para as características gastronômicas de cada região (FURTADO, 2006).

O mesmo autor explica, ainda, que “a gastronomia esta ligada ao prazer, dessa forma, o homem sente curiosidade de conhecer novas culturas, sendo uma das formas para isso a alimentação típica dessas culturas, com isso saciando seu prazer” (FURTADO, 2006). Isso implica na possibilidade real de um aspecto cultural de uma localidade ser estimulado do ponto de vista mercadológico, mas mantendo, segundo o mesmo autor, significados simbólicos, através da percepção de valor dado pelo turista à cultura local:

Só conhecer os alimentos, sem conhecer o local e sua cultura, para muitos, não é o bastante, é a partir daí que o turismo gastronômico passa a ser um diferencial e abre um grande leque de possibilidades. As pessoas buscam novos conhecimentos, querem experimentar novos sabores, vivenciar outras culturas e a gastronomia pode ser o motivo principal, ou o inicial, para se conhecer determinado local (FURTADO, 2006).

Somada a essa condição, citada por Furtado (2006), de que o turista quando conhece o alimento também procura conhecer outras referências culturais que passam a também possuir um potencial turístico, Mascarenhas & Ramos (2008:2) consideram que

A valorização da gastronomia tradicional é uma maneira de complementar a oferta turística, pois considera os aspectos históricos e culturais da região onde se desenvolve. A gastronomia, quando utilizada pelas atividades turísticas, pode fortalecer a imagem regional, valorizar a cultura e o patrimônio histórico e cultural, agregando-se à natureza e a outros atrativos e, conseqüentemente, possibilitando o fortalecimento da atividade turística (MASCARENHAS & RAMOS, 2008:2).

Essa imagem do local ou da região que permanece na impressão do turista passa, basicamente, pela representação gerada pela gastronomia oferecida em termos de qualidade, sabor e de serviços prestados:

No caso de alimentos servidos a turistas, a diversidade dos elementos que compõem uma refeição e as características peculiares de preparo e serviço deverão proporcionar os elementos que apresentem e que garantam a valorização das iguarias, representando a cultura e a sociedade de quem está oferecendo o produto (MASCARENHAS & RAMOS, 2008: 11).

As pesquisadoras Rúbia Gisele Tramontin Mascarenhas e Simone Eloísa Ramos sugerem ainda que

O uso da gastronomia, como atrativo turístico, proporciona a formação de uma imagem positiva e de valorização da cultura e da identidade das comunidades. A tipicidade gastronômica regional, quando utilizada pela atividade turística, contribui para maior divulgação dos usos e costumes locais e, portanto, da cultura das regiões onde se desenvolve o turismo. A vinculação entre gastronomia e turismo deve partir da valorização do patrimônio cultural intangível, resgatando a alimentação popular que possua, ao mesmo tempo, condições de tipicidade regional e apresentação ao turista (MASCARENHAS & RAMOS, 2008: 14).

Segundo Figueira (2006: 6), “as comidas típicas das comunidades têm uma importância sem igual para o desenvolvimento do turismo. Turistas adoram experimentar o que é diferente e pagam para isso, contribuindo com a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades” (FIGUEIRA, 2006: 6). Discorrendo sobre a relação entre turismo, gastronomia e quebra de rotina cotidiana, Furtado (2006) se questiona e responde sobre porquê isso acontece:

Consomem-se alimentos característicos de outras culturas, e porquê isso acontece? Pode ser por curiosidade, monotonia, entre outras razões. A familiaridade com determinada alimentação é confortadora, e essa quebra de rotina, normalmente, acontece através de algum evento social, que pode ser uma festa, um encontro, uma viagem (FURTADO, 2006).

Ruschmann (2001: 33) explica, com relação a gastronomia, que

Essa modalidade de turismo é incapaz de gerar seu próprio fluxo, no entanto, tem em si a possibilidade de agregar valor à visitação de uma localidade, por oferecer ao turista a possibilidade de viver uma experiência que o aproxima da população visitada (RUSCHMANN, 2001: 33).

Podemos observar nas palavras da autora acima que as mesmas sugerem que o uso da gastronomia enquanto elemento cultural promove a valorização da própria cultura como um todo, tendo na gastronomia um pano de fundo. Esse potencial valor instituiria, também, um pressuposto para alavancar a economia das sociedades detentoras da cultura, como é o caso da Colônia de Pescadores Z3, onde surgem, atualmente, alguns projetos de cunho turístico cultural com base em suas comidas típicas. Analisando o potencial turístico da gastronomia na Colônia de Pescadores Z3, o pesquisador Michel Constantino Figueira (2006) considera que

esse potencial se dá no fato de que o local se caracteriza pela produção de pratos tipicamente confeccionados, com receitas passadas entre gerações, utilizando pescados coletados na Lagoa dos Patos, temperados com especiarias utilizadas no cotidiano da localidade. São as mais variadas receitas presentes na cultura do pescador: arroz de pescador, caldo de peixe, camarões à milanesa, saladas de peixe-seco, pastéis de siri, espetinhos de peixe com queijo, tainhas e bagres assados recheados com temperos, legumes e camarões, camarões fritos, cozidos, com massa ou batatas, "casquinhas de siri", bolinhos de siri ou de peixe, linguado à milanesa, bagre ensopado, moqueca de bagre, risóles de siri ou camarão, lasanha de camarão, entre outras iguarias (FIGUEIRA, 2006).

Atualmente, diversos visitantes demonstram uma literal fissura pela gastronomia local. Por exemplo, em entrevistas com turistas locais sobre quais elementos julgaram singulares da Colônia de Pescadores Z3, 40% nos responderam a culinária. Já sobre o que lhe motivaria retornar a comunidade, a Professora Urania, por exemplo, assim nos respondeu: “comer na ‘Dete’ e mostrar o lugar para pessoas que recebo como visitantes na cidade” (URANIA, PROFESSORA, 2009). Quando se refere a “comer na Dete”, a professora destaca um projeto de grande repercussão no uso mercadológico da gastronomia, enquanto patrimônio cultural imaterial da Colônia de Pescadores Z3: o espaço gastronômico conhecido como “Delícias da Dete”.

Figura 19
Veículos estacionados em frente ao restaurante “Delícias da Dete”



Autor: Charles Constantino da Silva, 2009.

De propriedade da moradora Jaudete Mattos, famosa por seus deliciosos pratos à base de pescados da Lagoa dos Patos, este pequeno restaurante oferece pratos típicos com receitas

passadas por gerações da mesma família. A própria moradora relata que essas receitas lhes foram legadas por sua mãe, segundo descreve a jornalista Michele Ferreira:

Embora faça questão de enfatizar que não possui um restaurante, a casa – na Rua Silvino Costa – seguidamente está cheia de degustadores, que se dividem entre as quatro mesas instaladas no pátio e as outras duas, bem pertinho da cozinha. “Vou organizando, conforme o pessoal chega, mas é tudo bem simples, com mesas rústicas e bancos”, faz questão de reforçar. “É comidinha caseira”, acrescenta. [...] aprendeu o ofício passado de geração a geração. [...] E faz isso com naturalidade de quem desde muito cedo aprendeu a preparar os pratos à base do que a Lagoa dos Patos coloca na rede dos pescadores. [...] A especialidade é o croquete de peixe, mas logo a mesa está repleta de outras delícias: linguado à milanesa... Siri na casca e pastel de camarão (FERREIRA, 2009:12).

Um outro destaque sobre a importância do “Delicias da Dete” para a expansão do turismo na Colônia de Pescadores Z3 é dado pelo jornalista Geraldo Hasse, em matéria especial sobre a localidade na Revista Globo Rural do mês de outubro de 2009, onde descreve:

Uma das mais impressionantes mudanças de vida na Z3 foi feita por Jaudete Matos Rodrigues. Aos 53 anos, ela pilota o Delicias da Deti, o restaurante mais concorrido da vila. [...] Está ficando famosa essa cozinheira. [...] Improvisado na garagem, onde existem apenas duas mesas, o Delicias serve dez pessoas por vez. Para quem se dispõe a esperar, há umas mesinhas com guarda-sol no pátio da casa. Aos domingos, feriados e até em dias de semana, há sempre por ali carros com placa de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. A espera é recompensada com pratos de bolinhos de peixe sequinhos por fora, suculentos por dentro. É o couvert da Deti, filha de pescador, mulher de outro pescador e mãe de quatro filhos. [...] Na garagem, a comilança é sem limites. Deti serve casquinha de siri, camarão à baiana ³², peixe assado e peixe frito. Acompanham arroz e pirão. Na cozinha, a proprietária conta com a ajuda da mãe octogenária. Ambas esbanjam alegria. Faz mais de dez anos que estão nessa vida informal – cobram 20 reais *per capita* e não têm nota fiscal. [...]... concluíram que o charme no seu negócio está na culinária do pescado da Lagoa dos Patos (HASSE, 2009: 57).

Em entrevista com a cozinheira Jaudete Matos, realizada em 2008, pudemos compreender essa valorização da própria cultura com base no turismo gastronômico, na medida em que ela compara o seu trabalho de atendimento ao setor a uma safra de pescados, gerando um sentido socioeconômico da cultura para o suprimento da necessidade de renda e trabalho: “Turismo é uma safra... Uma temporada, néh? Uma necessidade [...] É importante,

³² Repara-se neste destaque que Jaudete Matos oferece o prato “Camarão à Baiana”, o que foge da regra de uma “autenticidade” local, um dos problemas observados na expansão do turismo, quando o setor passa a se reapropriar de outras identidades para a geração de lucro imediato, ressignificando a identidade local.

néh? É tudo” (JAUDETE MATTOS, 2008). E coloca, ainda, como se dá sua relação com os seus visitantes: “O pessoal que vêm... Ele traz... Um carinho [...] Dá um apoio pra gente... Fundamental. Não tenho palavras [...] Pra mim... Eu faço aquilo que eu gosto... E necessidade, também, não é? De trazer uma profissão” (JAUDETE MATTOS, 2008). Por fim, citando sobre a origem e legitimando a dimensão turística de seu pequeno restaurante a mesma diz que os turistas que a visitam vêm

De muitos lugares. Começam aqui no Morro Redondo (cidade vizinha à Pelotas) [...] Italiano [...] Esse... Califórnia, que eu nem sei nem onde é. Vem gente de tudo que é país [...] De tudo que é lugar. Não sei como que eles param aqui, mas vem. Por intermédio nem sei de quem. [...] Pelotas, Rio Grande, Colônia (Zona Colonial de Pelotas). [...] Tudo que é lugar. Vêm bastante. E fica legal, porque vem um pouco de cada lugar, entendeu (JAUDETE MATTOS, 2008)?

Figura 20
Turistas no “Delícias da Dete”



Autor: Charles Constantino da Silva, 2009.

Um outro empreendimento de grande repercussão no estímulo ao turismo com base na gastronomia da Colônia de Pescadores Z3 é o conhecido “Quiosque da Z3”. De propriedade de algumas famílias, com apoio de diversas instituições, tais como a *Cooperativa de Pescadores Artesanais Profissionais “Lagoa Viva”*, a Emater (Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Governo do Estado do Rio Grande do Sul), este pequeno espaço serve para a comercialização de pratos preparados a base de pescados da Lagoa dos Patos,

servindo, também, para comercialização de artesanatos confeccionados com escamas de peixes, conchas e restos de redes de pesca.

Sobre o potencial turístico adquirido pelo “Quiosque da Z3” podemos afirmar, com base no que descreveu Bierhals (2007), que

Ao adentrar a Colônia de Pescadores Z3, seja em busca de momentos de paz e tranquilidade, seja em busca das iguarias da Lagoa dos Patos, o visitante tem a oportunidade de saborear os quitutes e pratos típicos da culinária pesqueira lá mesmo. Próximo às margens da lagoa, o Quiosque da Z3 apresenta pratos típicos de frutos do mar, incluindo o desejado camarão. A abertura da temporada de pesca do crustáceo, a partir do dia 1º de fevereiro, promete atrair os apreciadores até o local. Quem gosta de praticidade, pode levar o prato pronto congelado para casa. Quem prefere relaxar pode degustar no local, pertinho da água (BIERHALS, 2007).

Atualmente esse quiosque dá oportunidade de trabalho e renda à diversas famílias que produzem tanto culinária, quanto artesanato:

A casa simples e acolhedora, logo na entrada da Z3, é ponto destinado a promover a cultura dos pescadores através da culinária e também do artesanato. Empreendimento que envolve grupo de famílias do local, o quiosque funciona todos os dias, das 9h às 21hs. [...] Os pratos mais pedidos são o *lagoa viva* com camarão mexido, arroz e saladas verdes, porções de iscas de corvina e tainha e, é claro, camarão (BIERHALS, 2007: 8).

Por fim, um último empreendimento surgido na localidade é o restaurante “Litoral Frutos do Mar” de propriedade de Orlando Eichholz, antigo empresário do setor de varejo. Em entrevista com o mesmo nos foi repassado que o seu empreendimento é fruto de uma interpretação pessoal do potencial turístico, sobretudo da gastronomia, da Colônia de Pescadores Z3, isto, é claro, também, para minimizar a situação de desemprego: “Olha... faz anos que eu venho isso na idéia ... um ‘frutos do mar’... e outra, a gente tá na beira da lagoa e a nossa Z3, o que que falta aqui? Emprego, não é isso? E acho que quanto mais poder fazer aqui dentro neh... Quase que certeza que isso vai funcionar” (ORLANDO EICHHOLZ, 2009). E complementa: “Eu gerei seis empregos aí durante esses quatro meses direto. E esse ano eu quero fazer doze empregos” (ORLANDO EICHHOLZ, 2009). O restaurante, aberto na temporada de verão (de novembro à maio), serve pratos a base de peixes e camarões e, segundo o proprietário, os resultados até o presente momento são positivos: “Isso eu já vi no primeiro ano que eu trabalhei poucos meses, porque na verdade eu abri em fevereiro (de 2009)... Peguei o verão, mas, assim mesmo, foi bom (ORLANDO EICHHOLZ, 2009).

É importante salientar que a gastronomia na Colônia de Pescadores Z3 possui um carro-chefe que são as receitas preparadas a base de camarão, o que é comprovado pelas palavras de Élio Sabino, um dos proprietários do Quioske da Z3, o qual conversando com Bierhals (2007: 8) explicou que a abertura da safra do crustáceo, carro-chefe do turismo gastronômico local, poderia aumentar o movimento do quiosque: “com a abertura da safra o público procura bastante, salienta o pescador e apoiador do quiosque, Élio Xavier Sabino, 54 anos” (BIERHALS, 2007:8).

Observamos que, nas declarações dos empreendedores turísticos da gastronomia na Colônia de Pescadores Z3, fica claro o papel do patrimônio cultural – como agente socioeconômico, focado no turismo – para minimizar uma situação de crise, gerando alternativas de trabalho e renda, além de promover auto-estima aos empreendedores, na medida em que induz a uma apreciação e divulgação pública de grande alcance, tal como é o caso do restaurante “Delicias da Dete” abordado em matéria de uma revista de abrangência nacional (HASSE, 2009). Tais projetos citados renderam um aumento na demanda turística que chega ao local, expandido suas possibilidades mercadológicas, bem como “resgatando” e (inventando) pratos típicos do cotidiano gastronômico de uma vila de pescadores que enfrenta uma grave crise no mercado da pesca profissional artesanal.

Para compreendermos melhor a dimensão tomada pela cultura gastronômica da Colônia de Pescadores Z3 é necessário que analisemos os principais fatores socioculturais de tal processo. A gastronomia passa a fazer parte com maior intensidade do olhar do turista que visita a localidade, sobretudo, com a realização de eventos como a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* e a *Festa do Peixe*, realizada em períodos dissipados na história da vila. Sobre a importância desses eventos para a promoção do turismo gastronômico da Colônia Z3, Dias (2004: 4), cita que “centenas de pessoas visitaram o *Ecocamping de Pelotas* para participar da primeira edição da Festa do Peixe.”³³ O evento agradou as nove famílias que trabalharam na festividade e venderam o pescado in natura ou beneficiado pelas tradicionais e deliciosas receitas dos pescadores” (DIAS, 2004: 4). A autora complementava que neste evento “uma das atrações do setor gastronômico foi a barraca da Déte, conhecida cozinheira da Colônia Z3: Jaudete Matos, 48 anos, cozinha à 15 anos e entre as suas especialidades estão os croquetes de peixe, risóles de siri e o pastel de camarão” (DIAS, 2004: 4). Ainda, sobre o papel desta cozinheira durante esse evento, Moraes (2004: 6) assim colocou: “o carro chefe da festa foi o

³³ Uma festa realizada entre grandes intervalos temporais é a “Festa do Peixe”, a qual deixaremos para um outro momento para pesquisá-la, em função de sua sazonalidade irregular, cuja última espacialidade de realização foi de 30 anos.

setor da gastronomia, em que se destacou a famosa quituteira zetrezense, Jaudete Matos, conhecida por todos como ‘Dete’” (MORAES, 2004: 7). Segundo comentários do Prefeito de Pelotas em exercício naquele período, Fernando Marroni, durante entrevista à mesma autora, “isso mostra o quanto é possível uma comunidade alavancar a sua economia, a partir da sua cultura” (DIAS, 2004: 4). O que aos olhos de nosso trabalho vem a pressupor que a relação entre patrimônio cultural e mercado turístico é compreendida por diversos atores sociais: jornalistas, Poder Público, cozinheira local.

Já com relação a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, na 73ª Edição, realizada no ano de 2004, por exemplo, “o apetitoso cardápio típico, elaborado por cozinheiras, todas moradoras da Z3, foi uma das atrações principais” (MORAES, 2004: 6). Para legitimar essa apreciação sobre esse evento ser um promotor do expansionismo do turismo gastronômico na Colônia de Pescadores Z3, nos ancoramos na análise das pesquisadoras Bairros, Moura e Rieth (2007) as quais descrevem:

É notório que a Colônia ainda precisa de muitas melhorias para se tornar um grande atrativo turístico, entretanto, ela recebe constantes visitas, principalmente durante a comemoração do *Santuário Nossa Senhora dos Navegantes*... [...] A Colônia Z3, além de oferecer belezas naturais, como o pôr do sol, tem na culinária e no artesanato a diferença que o turismo requer, se houvesse uma melhor divulgação e condições de infra-estrutura turística para atender a demanda turística (BAIROS, MOURA & RIETH, 2007).

Essa análise de Bairros, Moura & Rieth (2007) mostra que o potencial cultural e mercadológico impresso na gastronomia de localidades em crise socioeconômica, como é o caso da Colônia Z3, tende a ser um diferencial de atratividade.

Com base em todos esses dados citados, supomos que a exploração turística da gastronomia na Colônia Z3 – através da abertura de pequenas empresas direcionadas para o setor – agrega valor não apenas financeiro como, ainda, valor ao patrimônio cultural, apresentando a localidade ao mundo através de seus aspectos singulares. Essa suposição é sustentada por Snawrbrooke (2000:3-5), segundo o qual,

Há uma necessidade de se adotar uma visão direcionada para fora, visando a interpretação das tendências dos segmentos dos clientes, de concordância e do meio ambiente físico, social e cultural, e também ter uma visão de futuro e ser inovador em termos de desenvolvimento de produtos e de determinar valor agregado, deixando claro que uma abordagem possível de ser adotada por uma empresa é a aplicação de uma estratégia genérica como ter um produto diferenciável, através da ênfase na qualidade, não no preço, explorando a singularidade local ao invés de se ter como conjunto de

objetivos, a padronização, a sustentação do custo de liderança (SNAWRBROOKE, 2000: 3-5).

A gastronomia típica da Colônia Z3 – típica por se manifestar em pratos sempre distintos em tempo de preparo, quantidade, tipo de ingredientes e referência sociocultural – constitui-se como um elemento artesanalmente condicionado a um ambiente particular. Ou seja, dota-se de uma singularidade que atrai visitantes ávidos para consumi-la, tendo como pano de fundo a estética antropológica impressa no cotidiano dos pescadores e sua relação com a Lagoa dos Patos. Em entrevistas informais que realizamos com turistas locais, os mesmos nos repassaram que a gastronomia representa o principal elemento incentivador de seu deslocamento a Colônia de Pescadores Z3. Dessa forma, a inserção da gastronomia no turismo local se deve as necessidades de trabalho e renda, bem como de valorização cultural, ou seja, cultura e mercado trabalham juntos em prol do equilíbrio social local, na medida em que a produção primária da pesca, e seu reflexo nos hábitos cotidianos, adquire um novo contexto atualmente. O turismo que nasce informalmente, ou aquele baseado em projetos de cunho turístico, vê na gastronomia um elemento chave para o seu desenvolvimento. Os turistas querem experimentar a cultura através de todos os sentidos. Eles buscam interagir com as sociedades tradicionais participando de seus rituais, sobretudo, alimentares. A gastronomia é um elemento articulador do intercâmbio por excelência:

A gastronomia, destacada como um dos produtos do turismo cultural possibilita esse desenvolvimento por ser um dos elementos mais marcantes da identidade de um povo. A degustação de alimentos e bebidas típicas possibilita interação do visitante com a cultura local, evidenciando a importância cada vez maior que a gastronomia está assumindo para o turismo; principalmente no que diz respeito aos restaurantes especializados em comidas típicas. A gastronomia faz parte da nova demanda por parte dos turistas de elementos culturais. Como patrimônio local, está sendo incorporada aos novos produtos turísticos, permitindo que pessoas da própria comunidade sejam envolvidas na produção desses elementos, participando do desenvolvimento sustentável da atividade (SANTOS & ANSARAH, S/D).

E, ainda, sobre a relação entre cultura e mercado turístico:

A utilização de elementos gastronômicos como atrativo turístico consolida-se como um mercado em crescimento. Isto acontece porque o turista busca experimentar alimentos e bebidas diferentes do que está acostumado a consumir em seu cotidiano, evidenciando sua importância para o desenvolvimento local. A exemplo disso, podemos citar a crescente realização de festas e festivais em muitos destinos e a criação de rotas

gastronômicas que buscam a valorização da cultura local e utilizam a comunidade como parte do atrativo, por ser detentora de hábitos tradicionais e elementos culturais que representam sua identidade de forma diferenciada (SANTOS & ANSARAH, S/D).

Por outro lado, é importante observar que no âmbito do turismo, as tradições culturais assumem outros significados:

Devemos considerar que, quando a manifestação popular se transforma em valor de troca no mercado turístico, seus atores também passam de intérpretes da cultura popular, com uma função de reproduzir valores tradicionais, a intérpretes de uma realidade cultural a ser apresentada para o outro – um visitante -, com a adoção, muitas vezes, de padrões de qualidade que fogem ao desempenho tradicional. Nesse aspecto, o processo de mudanças na manifestação cultural, que ocorreria lentamente ao longo do tempo, sofre um processo de aceleração com a presença dos turistas (DIAS, 2006: 60).

Por isso, no que tange a gastronomia da Colônia de Pescadores Z3, diante do exposto por Santos & Ansarah (S/D) e Dias (2006), concluímos que – mesmo com as mudanças profundas observadas na prática cultural tradicional – a crescente valorização turística da mesma, enquanto patrimônio intangível, atrelada ao surgimento do restaurante “Delícias da Dete”, do “Quiosque da Z3” e do restaurante “Litoral Frutos do Mar”, vêm acirrando o encontro entre cultura e mercado turístico na busca pela renovação necessária de um tecido social em crise.

4.4 Artesanato

Um dos elementos de maior apreciação pelo olhar do turista na Colônia de Pescadores Z3 é o artesanato produzido na comunidade. Os objetos confeccionados manualmente e direcionados para os turistas locais têm como matéria-prima madeira adquirida, comprada ou recolhida, junto aos estaleiros, restos de peixe como escamas, ossos e peles, recolhidos na orla das praias locais, tais como a “Praia da Principal” e a “Praia do Junquinho”, bem como redes de pesca já em desuso. Com a madeira confeccionam-se barcos em miniatura de diversos formatos, e dos restos de pescados confeccionam-se brincos, colares, porta-retratos, bolsas e “penduricos”. Já das redes de pesca em desuso confeccionam-se vestimentas em geral. Figueira (2003: 9) observa que “na Colônia Z3, a herança cultural de várias raças se faz presente em seu artesanato, o qual faz referência à pesca, à praia e ao cotidiano do pescador:

barquinhos de madeira, pequenas redes de pesca para enfeitar, entre outros” (FIGUEIRA, 2003: 9).

Neste trabalho, em que analisamos os usos turísticos do patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3, nos deteremos, apenas, no artesanato tradicional, cuja técnica é passada por diversas gerações de pescadores: a carpintaria naval artesanal de confecção de barcos de madeira em miniatura. Isto, porque, a outra forma artesanal, encontrada no local, não constitui herança cultural da Colônia Z3, já que sua prática é oriunda de cursos de formação profissional e geração de trabalho e renda, sobretudo, para mulheres de pescadores que, diante do aprofundamento da crise na pesca artesanal, e dos problemas sociais advindos deste processo, desenvolveram estados depressivos e de baixa-estima.

Antes de entrarmos diretamente na questão da relação entre a expansão do olhar do turismo sobre as formas artesanais tradicionais na Colônia de Pescadores Z3, é necessário analisarmos teoricamente o que se constitui e passa a ser chamado como artesanato dos povos. Segundo a pesquisadora espanhola Encarnación Aguilar Criado “cuando hablamos de artesanías nos referimos a esse conjunto de materiales que todo grupo humano produce em relación a sus imperativos culturales, por tanto constituyen objetos que no pueden ser aislados del resto de la cultura” (CRIADO, 2006:13) ³⁴ A mesma autora considera que o artesanato constitui-se de objetos que possuem ligação a aspectos culturais tangíveis e intangíveis, tais como as práticas da alimentação, as cerimônias, os materiais de construção, os adornos rituais e pessoais e objetos decorativos (CRIADO, 2006). O pesquisador espanhol Agustín Santana pensa bastante parecido, ao supor que

La artesanía, el arte funcional popular, posee fuertes contenidos étnicos emanados de la tradición y la cultura y su propia, constituyéndose, en origen, en la expresión material de la cultura y su propia percepción. Es la representación de lo exótico no mutable por excelencia. La artesanía se conforma como una identificación más del grupo frente a lo externo, manifestándose como los símbolos materiales estereotipados que les representan (SANTANA, 2006: 100). ³⁵

³⁴ “Quando falamos de artesanatos nos referimos a esse conjunto de materiais que todo grupo humano produz em relação a seus imperativos culturais, portanto constituem objetos que não podem ser isolados do resto da cultura” (CRIADO, 2006: 13).

³⁵ “O artesanato, a arte funcional popular, possui fortes conteúdos étnicos emanados da tradição e a cultura própria, constituindo-se, em origem, na expressão material da cultura e sua própria percepção. É a representação do exótico não mutável por excelência. O artesanato se conforma como uma identificação mais do grupo frente ao externo, manifestando-se como os símbolos materiais estereotipados que lhe representam” (SANTANA, 2006: 100).

Na Colônia Z3, poderíamos classificar o artesanato como os objetos confeccionados manualmente onde a cultura determina a sua manifestação na criação de um objeto material, cuja técnica de preparação e molde é imaterial, transmitida, aprendida e registrada. Esse aspecto valeria para todos os elementos artesanais locais, mesmo que seu objetivo final seja turístico, enquanto adorno, para exposição ou uso cotidiano: brincos, ferramentas, objetos decorativos, etc. Por outro lado, o turismo, assim como as disciplinas culturalistas, consideram o artesanato como algo produzido por mãos habilmente treinadas e adaptadas para sua construção. María José Pastor Alfonso (2003) explica que para uma peça ser artesanal deve ser fundamentalmente elaborada de forma manual, fugindo dos processos industriais de confecção, tendo assim traços de exclusividade, mesmo que perca sua função de uso tradicional, através de seus novos usos pela sociedade que a produz (ALFONSO, 2003). Entre esses novos usos, segundo a ótica turística, estariam os mercadológicos. Ou seja, o artesanato migra de um campo simbólico e ritualístico ao ornamental, de exposição e novos usos. Esses novos usos são legitimados pelo turismo e se manifestam dentro de um quadro social de transformação contrária a dinâmica cultural tradicional, provocando a ambigüidade do patrimônio que passa a ser simbólico e mercadológico, além de nostálgico. Pesquisando sobre a evocação atual por formas artesanais na Espanha, Criado (2006: 26) destaca:

Este nuevo interés por muchas producciones que estaban a punto de desaparecer, condenadas al olvido por una pretendida modernidad, formó parte del proceso de recuperación de la memoria histórica, que se auspició desde las distintas administraciones regionales y nacionales del estado, en lo que fue un movimiento de reconstrucción de las singularidades étnicas de las distintas culturas de España. Porque no lo olvidemos, las artesanías contienen indudables elementos identitarios, son formas recurrentes, objetivables de la memoria histórica de un pueblo. Nada más directo que un objeto antiguo, dotado de una estética distinta para aprehender, identificarse o reconstruir las propias raíces (CRIADO, 2006: 26).³⁶

Pinho (2002: 170) complementa o que foi citado por Criado (2006: 26) sobre a questão da memória dos povos, impressa em seus artesanatos:

³⁶ “Este novo interesse por muitas produções que estavam a ponto de desaparecer, condenadas ao esquecimento por uma pretendida modernidade, formou parte do processo de recuperação da memória histórica, que se auspiciou desde as distintas administrações regionais e nacionais do Estado, que foi um movimento de reconstrução das singularidades étnicas das distintas culturas da Espanha. Porque não esqueçamos, os artesanatos contêm sem duvida elementos identitários, são formas recorrentes, objetiváveis da memória histórica de um povo. Nada mais direto que um objeto antigo, dotado de uma estética distinta para apreender, identificar-se ou reconstruir as próprias raízes” (CRIADO, 2006: 26).

Por vocação, o produto artesanal deveria ser o legítimo representante da memória material de uma comunidade, revelada através de traços, formas, funções e cores. Deveria ser o porta-voz das histórias e da cultura das comunidades produtoras, elaborado por mãos talentosas, mestres surpreendentes e grupos de aprendizes. O objeto artesanal deveria ser o portador autêntico de raízes originais, o mensageiro dinâmico, transformador de sonhos e ideais em matéria, sem que, para isso o enfoque fosse dado à autoria isolada. Deveria representar o espírito da ação coletiva, de almas unidas, inconscientes e conscientes, inseridas num contexto que une magia e história. Deveria constituir-se no valor do objeto que se solidifica e se processa em transformação constante, sem perda de pés ou mãos das raízes culturais de origem (PINHO, 2002: 169).

Por outro lado, é preciso que reconheçamos que não só de memória vive uma sociedade. Milhares de indivíduos inseridos em espaços ditos “tradicionais” encontram-se cercados por altíssimos índices de desemprego e baixa produtividade, no que tange suas especificidades de trabalho primárias, secundárias ou terciárias. Tal situação reflete em baixa-estima e períodos prolongados de carência de perspectivas e incertezas que se manifestam em situações como êxodo rural, consumo de drogas, suicídio, violência doméstica, roubos, etc. É diante de tal problemática que estas sociedades se utilizam de suas próprias referências patrimoniais, em especial o artesanato, para a transformação de sua realidade socioeconômica, mesmo que isso os obrigue a dar novos significados as suas formas artesanais que passam a transitar entre o simbólico e o mercadológico: “a construção de um novo conceito de artesanato toma por base os indesejáveis índices de desemprego, e busca, na equação estratégica, a oportunidade de abrir mercados aos artesãos, considerando-os como agentes de ação, elementos fundamentais para o crescimento deste setor econômico com tanto potencial de desenvolvimento” (PINHO, 2002: 170).

No setor do turismo, esse processo ocorre justamente porque “mercado de turismo e produto artesanal são definitivamente um selo esperado e uma união oportuna” (PINHO, 2002: 172). Na Colônia de Pescadores Z3, por exemplo, onde se observa uma parcial substituição de uma cadeia de produção de trabalho e renda ligada à pesca artesanal para uma cadeia de produção de trabalho e renda ligada ao turismo, esse fenômeno de ressignificação da cultura tem no artesanato tradicional (barcos em miniatura) um modelo concreto:

Ahora las nuevas directrices responden al paradigma del ‘desarrollo endógeno’ de zonas rurales, áreas que están asistiendo a la progresiva sustitución de sus actividades agrícolas tradicionales por las turísticas. Estamos ante un fenómeno reciente y interesante de estudiar, que está generando una nueva concepción del ‘Desarrollo Rural’, basado en la capacidad que tienen los espacios rurales de diversificar sus actividades económicas en base a una nueva oferta turística, que parte de la

revalorización de recursos tantos naturales como socioculturales hasta ahora infrautilizados (paisajes, arquitectura popular, fiestas y rituales, artesanías, gastronomía, etc) (CRIADO, 2006: 26-27).³⁷

Independentemente de ser ou não comercializado é necessário destacarmos que na Colônia de Pescadores Z3, não apenas o artesanato tradicional, cuja técnica passou por diversas gerações, mas, também, aqueles inventados³⁸ para geração de renda e trabalho, tornam-se emblemáticos para minimizar uma situação de crise:

El empobrecimiento de las zonas rurales explican en parte este incremento. La búsqueda de nuevas salidas económicas para zonas que ahora comienzan a vender como artesanías productos que hasta entonces eran de propio consumo. O incluso, lo que es mas interesante, regiones que carentes de tales tradiciones, las inician para hacer frente a la crisis de subsistencia (CRIADO, 2006: 32).³⁹

Se o artesanato tradicional ou inventado, focado no turismo, minimiza a crise da subsistência, isto representará parte de uma independência produtiva e comercial para populações que buscam sair da marginalidade, na qual estavam condenadas, em função de atividades produtivas e comerciais tradicionais, como é o caso da relação entre pescadores e atravessadores na Colônia de Pescadores Z3:

Existe a situação simples, antiga, mas que ainda persiste em muitas áreas, do produtor independente que põe a própria obra à venda. Comumente, chama-se a isso de artesanal. O produtor é totalmente dependente do mercado imediato, mas dentro das condições deste, sua obra permanece sob seu controle em todas as etapas e, nesse sentido, ele pode considerar-se independente (WILLIAMS, 1992: 44).

³⁷ “Agora as novas diretrizes respondem ao paradigma do ‘desenvolvimento endógeno’ de zonas rurais, áreas que estão assistindo a progressiva substituição de suas atividades agrícolas tradicionais pelas turísticas. Estamos ante um fenômeno recente e interessante de estudar, que está gerando uma nova concepção de ‘Desenvolvimento Rural’, baseado na capacidade que tem os espaços rurais de diversificar suas atividades econômicas com base em uma nova oferta turística, que parte de revalorização de recursos tanto naturais como socioculturais até agora infrautilizados (paisagens, arquitetura popular, festas e rituais, artesanatos, gastronomia, etc)” (CRIADO, 2006: 26-27).

³⁸ O artesanato inventado constitui-se naquele desenvolvido com base em cursos de formação profissional, bem como aqueles interpretados como alternativa de renda onde indivíduos aproveitando-se dos próprios dons artísticos desenvolvem objetos e técnicas manuais de confecção de artesanatos para garantia de renda e trabalho, comercializando os mesmos em feiras, lojas e outros espaços públicos ou privados.

³⁹ “O empobrecimento das zonas rurais explicam em parte este incremento. A busca de novas saídas econômicas para zonas que agora começam a vender como artesanatos produtos que até então eram de consumo próprio. Ou inclusive, o que é mais interessante, regiões que carentes de tais tradições, as inician para fazer frente a crise de subsistência (CRIADO, 2006: 32).

A respeito do potencial turístico impresso nos artesanatos, para geração de renda e trabalho, Figueira (2003: 9) afirma, com base em estudos com a Colônia de Pescadores Z3, que

Ao contrário das grandes indústrias que geram riquezas que acabam acumuladas por poucos, o artesanato é gerador e distribuidor de renda e trabalho. Podendo ser criado com pouco investimento, expressando características próprias das comunidades de sua origem, promovendo ações sócio-educacionais e proporcionando uma alternativa econômica de grande significância (FIGUEIRA, 2003: 9).

O mesmo autor sugere que “a valorização do artesanato, enquanto atividade expressiva e criativa dos indivíduos e das comunidades é fundamental para a indústria do turismo” (FIGUEIRA, 2003:9). Mas, independentemente de sua potencialidade comercial, reiteramos que é predominantemente importante que se reconheça no artesanato uma característica morfológica e estética de ordem manual ou que pelo menos possua a maior parte do processo tecnológico-produtivo desta ordem:

1.- La utilización predominante de una fuerza de trabajo manual como una de las características de su proceso de fabricación; 2.- Producción no sometida a una seriación, que se ha mantenido al margen de la estandarización industrial y por tanto conserva una característica de singularidad, un sello de autenticidad que es la que la dota de cierto viso de tradicionalidad, de ruralidad, o de exotismo; 3.- Funcionalidad ornamental de su producción, una vez perdida la función de uso original para la que fueron creados tales objetos (CRIADO, 2006:14).⁴⁰

O artesanato deve pressupor singularidade, e não deve seguir uma condição de produtividade. Deve ter qualidade particularizada por um trabalho manual minucioso, lento e característico do ambiente cultural onde se origina sua técnica construtiva tradicional ou inventada. Deve gerar e transmitir sentimentos e interesses em acordo com a circunstância de seu uso social, seja este simbólico, ritualístico ou ornamental. Para os turistas, normalmente, a identidade funcional original do artesanato não é relevante, e sim a sua carga estético-ornamental, desenvolvida sob um selo de originalidade, e baseada numa potencial “tradição”

⁴⁰ “1.- A utilização predominante de uma força de trabalho manual como uma das características de seu processo de fabricação; 2.- Produção não submetida a uma série, que se manteve a margem da standardização industrial e portanto conserva uma característica de singularidade, um selo de autenticidade que é o que a dota de certo visto de tradicionalismo, de ruralidade, ou de exotismo; 3.- Funcionalidade ornamental de sua produção, uma vez perdida a função de uso original para a que foram criados tais objetos” (CRIADO, 2006: 14).

mantida através dos tempos, mas que se adapte a seus interesses de consumo, já que isso constitui:

La evolución, la revitalización, o la invención de muchas de estas artesanías, que son vendidas bajo el sello de su tradicionalidad y de su autenticidad, ajustando así su producción a la moda de su demanda, demostrando por tanto, la capacidad innovadora de un proceso productivo que, paradójicamente, recurre a la carga ideológica de su inmovilidad y permanencia a través de los tiempos (CRIADO, 2006: 16).⁴¹

Esses fatores citados por Criado (2006: 16) constituem o principal objetivo turístico instituído sobre as formas artesanais de sociedades ditas tradicionais ou exóticas, localizadas nos continentes mais pobres do planeta. A mesma autora citando R. Waterbury (1984), e nos remetendo à Ziegler (1996), nos explica melhor essa condição de atratividade turística por elementos étnicos de países pobres, e as transformações produtivas destes:

Digamos que en el caso de países latinoamericanos, y determinadas áreas de Asia y Africa, la creciente demanda de lo étnico parece un elemento fundamental a la hora de encarar el dinamismo de una producción que, los campesinos y gran parte de la población rural, realizan con el objeto de su consumo en un mercado para turistas. El gusto por este tipo de objetos se introdujo en el mercado tras la II Guerra Mundial, y numerosos países del Tercer Mundi han comprobado la eficacia de este arte para turistas (CRIADO, 2006: 33).⁴²

Por isso, fica claro que, com o advento de transformações sociais a partir da II Guerra Mundial, entre elas o aumento do período de ócio das sociedades capitalistas desenvolvidas, institui-se, mundialmente, um apelo à procura de sociedades tradicionais, cujas manifestações artísticas e simbólicas passam a ser objetos de interesse turístico na busca pelo “autêntico” e pelo “exótico”, tendo como pano de fundo o desejo dos viajantes de trazer consigo, não apenas fotografias, mas parte em matéria daquele local visitado:

A estos centros dirigimos frecuentemente nuestros pasos cuando viajamos, porque finalmente, como todo proceso económico, las artesanías poseen

⁴¹ “A evolução, a revitalização, ou a invenção de muitos destes artesanatos, que são vendidos sob o selo de sua tradicionalidade e de sua autenticidade, ajustando assim a sua produção à moda de sua demanda, demonstrando portanto, a capacidade inovadora de um processo produtivo que, paradoxicamente, recorre a carga ideológica de sua imobilidade e permanência através dos tempos” (CRIADO, 2006: 16).

⁴² “Digamos que no caso de países latino-americanos, e determinadas áreas da Ásia e África, a crescente demanda do étnico parece um elemento fundamental na hora de encarar o dinamismo de uma produção que, os camponeses e grande parte da população rural, realizam com o objetivo de seu consumo num mercado para turistas. O gosto por este tipo de objetos se introduz no mercado pós II Guerra Mundial, e numerosos países do Terceiro Mundo tem comprovado a eficácia desta arte para turistas” (CRIADO, 2006: 33)

unas características de consumo que también le son específicas. Estas aparecen ligadas al gusto de todos aquellos compradores que buscan la belleza creativa de sus formas, el recuerdo de una visita a una ciudad hermosa, un souvenir que, junto a las fotos, terminan por quedar incorporados a un tiempo de ocio (CRIADO, 2006: 32).⁴³

O sistema produtivo do artesanato inserido no mercado turístico possui etapas como produção, circulação/exposição e compra/consumo. Seu uso pode ser estético/ornamental ou utilitário no cotidiano, absorvendo uma fatia crescente de consumidores ávidos por elementos artesanais de sociedades onde o advento do turismo ressignifica a simbologia do uso e da técnica tradicional através do incentivo a novos usos culturais e, também, socioeconômicos destes. Os resultados socioeconômicos passam a ser ressignificados, também, pela abertura de novos mercados, mas sem a mesma carga simbólica. Por exemplo, na Colônia de Pescadores Z3 existem artesãos pescadores que mantiveram durante longo período no tempo a técnica e a prática de confecção de barcos de madeira em miniatura que eram vendidos a outros pescadores para que esses os utilizassem como recurso para rituais de inserção antropológica dos filhos na pesca. Estes atos estimulavam meninos a desenvolverem interesse em participar da prática pesqueira, passando de simples brincadeiras sobre as margens da Lagoa dos Patos, à participação real e inevitável em atividades da pesca. Por outro lado, atualmente, estes barquinhos passam a ser vendidos também a turistas e outros visitantes como objetos de uso ornamental. Neste contexto, os novos significados de uma cultura pré-capitalista, cujo resultado final era simbólico, mas também econômico, são condicionados pela situação social atual que afeta diretamente os sistemas produtivos tradicionais, mas sem perder a sua veia econômica:

Las modificaciones actuales y el dinamismo que este tipo de producción tiene les ha hecho sobrepasar la barrera histórica de donde salieron. [...] Los cambios, como hemos visto, se han dado en los tres niveles: la producción, el intercambio y el consumo. La producción artesana actual no puede ser analizada como una supervivencia de una forma no capitalista de producción, sino como una actividad que persiste, crece y se desarrolla en los tiempos contemporáneos, bajo un proceso de diferenciación de clases y de división del trabajo característico del capitalismo. Por supuesto, estas formas de producción ‘precapitalistas’ son retenidas, subsumidas y determinadas por una economía (CRIADO, 2006: 36-37).⁴⁴

⁴³ “A estes centros dirigimos frequentemente nossos passos quando viajamos, porque finalmente, como todo processo econômico, os artesanatos possuem algumas características de consumo que também lhes são específicas. Estas aparecem ligadas ao gosto de todos aqueles compradores que buscam beleza criativa em suas formas, a lembrança de uma visita a uma cidade charmosa, um souvenir que, junto as fotos, terminam por ficar incorporados a um tempo de ócio” (CRIADO, 2006: 32).

⁴⁴ “As modificações atuais e o dinamismo que este tipo de produção tem lhes a feito passar por cima da barreira histórica de onde saíram. [...] As modificações, como temos visto, se tem dado nos três níveis: a produção, o

Discorrendo sobre a relação entre o ornamental e o funcional do artesanato com base em pesquisas sobre o mate ⁴⁵ vendido a turistas em seu país de origem, a pesquisadora argentina Joana Norrild (2004) considera que os usos cerimoniais e medicinais do mate quando utilizado pelos índios guaranis deram lugar primeiramente ao seu uso cotidiano pelas sociedades atuais mescladas entre descendentes de europeus e nativos, e que agora são descobertos por turistas não apenas para o consumo (no caso dos turistas nacionais), mas como objeto ornamental levado para ser exposto em algum lugar como um troféu cultural que comprove uma viagem (no caso dos turistas internacionais), ou melhor, “para el turista que no consume mate la identidad funcional es dejada de lado debido a que para él solo primará el valor simbólico del objeto” ⁴⁶ (NORRILD, 2004: 83). O processo do mate é similar ao que citamos com relação aos barquinhos na Colônia Z3, na medida em que o mate e os barquinhos possuíam significados ritualísticos na cultura de origem, mas para os turistas não passam de elementos de uso ornamental carregados de simbolismo étnico:

Este objeto, según el tipo de consumidor turístico y de destino, podrá ser identificado por sus características más obvias: pequeño, barato, no demasiado exótico y poseer la cualidade de connotar simbólicamente el área visitada. Pero deberemos mirar más acá del objeto en venta, descubrir cuál ha sido el proceso por el que ahora se encuentra expuesto en un escaparte o sobre una manta que invita a su compra a un nuevo público al que, en último término, no le interesa el estilo y la forma simbólica, sino la representación suntuaria y recordatoria (SANTANA, 2006: 100). ⁴⁷

Além de toda a variação na ordem simbólica e utilitária na cultura de origem, o artesanato apropriado pela indústria turística sofre modificações em suas características produtivas, morfológicas e estéticas em função dos interesses mercadológicos externos, trazidos pela demanda turística responsável por seu consumo: “la vigencia actual de los

intercambio e o consumo. A produção artesã atual não pode ser analisada como uma sobrevivência de uma forma não capitalista de produção, senão como uma atividade que persiste, cresce e se desenvolve nos tempos contemporâneos, sob um processo de diferenciação de classes e de divisão de trabalho característico do capitalismo. É claro, estas formas de produção pré-capitalistas são retidas, submetidas e determinadas por uma economia” (CRIADO, 2006: 36-37).

⁴⁵ Bebida de origem indígena, típica da Argentina, Uruguai e sul do Brasil.

⁴⁶ “Para o turista que não consome mate a identidade funcional é deixada de lado devido a que para ele só primará o valor simbólico do objeto” (NORRILD, 2004).

⁴⁷ “Este objeto, segundo o tipo de consumidor turístico e de destino, poderá ser identificado por suas características mais óbvias: pequeno, barato, não demasiado exótico e possuir a qualidade de conotar simbolicamente a área visitada. Mas deveremos olhar mais pra cá do objeto em venda, descobrir qual foi o processo pelo que agora se encontra exposto num escaparte ou sobre uma manta que convida a sua compra a um novo público a que, em último término, não lhe interessa o estilo e a forma simbólica, senão a representação suntuária e recordatória” (SANTANA, 2006: 100).

modelos productivos característicos de las artesanías hay que contemplarla dentro de los procesos de câmbio a los que se han visto sometidas de las economías de los pequeños productores com la expansión del modelo capitalista” (CRIADO, 2006: 21).⁴⁸ Ou seja, estas mudanças envolvem os hábitos e interesses dos turistas que procuram e exigem que elementos “tradicionais”, características étnicas e morfológicas locais sejam manifestados nos artesanatos. Isto conduz as sociedades artesãs a inventarem objetos e reatualizar ou adaptar suas técnicas e práticas a uma ordem econômica e cultural dinâmica, determinada pelo mercado turístico, impresso num quadro social em particular que envolve um diálogo mercadológico produzido em ambientes determinados, tais como bancas de feiras urbanas ou rurais, pequenos ateliês e eventos de ordem étnica.

Esses ambientes turísticos de artesanato são caracterizados por uma dimensão de rusticidade e tradição. Podem ser ambientes grandes como eventos religiosos espetacularizados, tais como a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, ou pequenos e aconchegantes, impregnados de romantismo no processo de produção, recepção e comercialização, como as “lojinhas de artesanato”. Frequentemente o artesão se utiliza de um mesmo espaço para servir como seu ateliê e ponto de comercialização de artesanatos, normalmente desprovendo poucos recursos em sua implantação e manutenção: “essas empresas exigem níveis de investimentos menores e geram uma oferta de empregos significativa no setor de serviços que atende também ao mercado turístico” (LAGE, 1991: 95). Na Colônia de Pescadores Z3, por exemplo, há uma pequena loja de artesanato chamada *Ateliê Pescadora*, onde a proprietária Ângela divide o espaço de trabalho com o espaço de comercialização de suas peças dentro de sua própria casa.

Por fim, percebemos que a cadeia gerada pelos novos usos e significados do artesanato, com base no turismo na Colônia de Pescadores Z3, envolve a criação de espaços de produção e comercialização, adaptação das peças a novos mercados e contextos sociais, a apresentação por parte do nativo de sua faceta cultural ao público externo, e estímulo ao contato entre turistas e artesãos através de um aparato publicitário focado, tanto em artesanatos tradicionais, como é o caso dos barcos em miniatura, quanto dos artesanatos inventados, como é o caso dos artesanatos confeccionados com restos de pescados, coletados na orla da Lagoa dos Patos. Discutiremos, a partir de agora, como esse envolvimento se dá no

⁴⁸ “A vigência atual dos modelos produtivos característicos dos artesanatos deve contemplá-lo dentro dos processos de mudança aos que se tem visto submetidas as economias dos pequenos produtores com a expansão do modelo capitalista” (CRIADO, 2006: 21).

caso dos barcos em miniatura, tradição local, confeccionado mediante técnica de carpintaria naval artesanal – patrimônio cultural da Colônia Z3.

4.4.1 Barcos em miniatura

Patrimônio cultural material e imaterial da Colônia de Pescadores Z3, os barcos em miniatura podem ser classificados como artesanato tradicional, na medida em que a técnica de sua construção é passada por diversas gerações de pescadores da Colônia Z3:

O artesanato tradicional é, portanto, o conjunto de artefatos expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados a sua vida cotidiana. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos que vivem em um mesmo território, o que favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositário de um passado, de acompanhar histórias e tradições transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo (SILVA, GURGEL, SILVA, DANTAS, JÚNIOR, SALDANHA, 2006).

Figura 21
Barco em miniatura



Autor: Charles Constantino da Silva, 2008.

Sobre as técnicas de construção passadas por gerações de uma mesma família na confecção desse artesanato, o artesão e pescador João Oliveira, exímio construtor de barcos em miniatura, técnica aprendida com seu pai, explica:

Isso aí a gente vem aprendendo desde criança... Foi meu pai... O pai era sempre... gostava de fazer... trabalhar com carpintaria néh... E ele sempre fazia os caiquinhos ⁴⁹... essas coisas e tudo mais... E eu fui aprendendo. Ai eu faço embarcação pra andar também... embarcação pra navegar... E fui fazendo os pequeninhos de brinquedo e tah dando certo, já vendi uns quantos....[...] Já vendi uma série deles (JOÃO OLIVEIRA, PESCADOR E ARTESÃO, 2009)

Ainda sobre o potencial mercadológico de seu trabalho, o mesmo artesão, assim coloca, sobre a principal demanda por seu artesanato: “Gente... até pescador mesmo e alguns de fora... já vendi pra alguns turistas. Eu vendi pra Loja do Chim... Ali tem pra vender... Eu faço e ele revende ali” ⁵⁰ (JOÃO OLIVEIRA, PESCADOR E ARTESÃO, 2009). Isso mostra que, atualmente tais barquinhos passam a ser objetos de olhar de visitantes em geral (parentes de moradores e negociantes) e turistas que se encantam por sua beleza estética e singularidade técnica: “a propósito das mudanças no artesanato, as reformulações negociadas de sua iconografia e práticas tradicionais são táticas para expandir o comércio e obter dinheiro, com o objetivo de melhorar sua vida cotidiana (CANCLINIA, 2006: 198). Por isso, compreendemos que a continuidade de sua tradição construtiva permite a continuidade cultural, mesmo diante de outros fins sociais no uso dos mesmos, pois caso contrário, sem o advento de ressignificados, as manifestações patrimoniais da cultura “poderiam desaparecer, por não mais exercer uma função social na sociedade modernizada” (DIAS, 2006:63). Isto vai ao encontro das considerações de Santana (2006: 100) sobre a importância do turismo, diferentemente das indústrias de massa, que entende que “de esta forma, con la industrialización, más que con el desarrollo turístico, esta forma útil de expresión va transformándose o desapareciendo. Quedan los viejos artesanos, caracterizados por una baja renta y, generalmente, poco prestigio social” (SANTANA, 2006: 100). ⁵¹

Por exemplo, por um longo tempo João Oliveira esteve sem construir barquinhos, mas, atualmente, retornou a esta atividade, vendendo cada peça por R\$ 50,00 cada. O artesão nos

⁴⁹ “Caiquinho” é como se chamam pequenas embarcações utilizadas pelos pescadores para auxilia-los na logística da pesca.

⁵⁰ Comércio local de artigos em geral para a pesca e construção civil.

⁵¹ “Dessa forma, com a industrialização, mais que com o desenvolvimento turístico, esta forma útil de expressão vai transformando-se ou desaparecendo. Ficam os velhos artesãos, caracterizados por uma baixa renda e, geralmente, pouco prestígio social” (SANTANA, 2006: 100).

diz que anteriormente os barquinhos eram feitos para ornamento domiciliar, como recordação típica da sua profissão, mas diante da necessidade de obter renda alternativa a prática pesqueira, seus barquinhos agora são confeccionados para a venda à qualquer interessado (JOÃO OLIVEIRA, PESCADOR E ARTESÃO, 2009).

Os barquinhos tradicionais da Colônia Z3 sempre serviram como alternativa de renda para a maioria de seus construtores, mas mantendo a carga simbólica de sua funcionalidade de uso ritualístico no incentivo aos mais jovens transformarem-se em pescadores. Este fator é legitimado por João Oliveira, pescador, artesão e ex-proprietário de restaurante local ao considerar que os barquinhos estimulam o interesse dos mais jovens pela pesca:

É mais pra sim do que pra não porque já está acostumado... já acostuma, néh, com aquilo ali... isso aí é uma coisa que já vem de berço néh, porque é filho de pescador... é como diz o ditado: “filho de peixe, peixinho é”, néh.... Então a gente já nasceu na beira da lagoa. Tudo envolve a pesca (JOÃO OLIVEIRA, ARTESÃO E PESCADOR, 2009).

No entanto, seguindo as idéias de Canclini (2006a: 113), observamos que na Colônia Z3, a apresentação dos barcos em miniatura àqueles de fora não significa apenas uma transição de seus usos tradicionais para o mercado turístico, ou mesmo uma alternativa de renda e trabalho, já que significa, também, um expressar ao outro de parte de sua essência cultural a partir da amostragem, doação ou venda de seu artesanato: “os homens sempre fizeram arte preocupando-se com algo mais que seu valor pragmático; por exemplo, pelo prazer que proporciona, porque seduz ou comunica algo de nós” (CANCLINI, 2006: 113). Essa comunicação proporciona, ainda, a valorização do patrimônio intangível – característico dos artesanatos – diante da relação que este possui com a memória. Dessa forma, a revitalização da prática de construção de barcos em miniatura conduz a melhoria da qualidade de vida dos artesãos, tanto por sua veia mercadológica, quanto por sua funcionalidade simbólica. Os significados socioculturais são determinados pelos interesses e noções de intelectualidade, determinados pelo uso da memória para promover a aptidão interpretativa da situação de vivência, levando a uma potencial transformação desta com base em novos usos da cultura: “A fonte universal da produção cultural é a ‘expressão individual’, entretanto mediada pelas relações sociais, quando passam a produzir em conjunto de diferentes idéias um mecanismo de utilização prática da cultura com uma marca capitalista de dedicação cultural” (WILLIAMS, 1992:34). É nesta ótica que artesãos, pobres de dinheiro e ricos de tradição, transformam a imaterialidade de seus dons particulares em objeto de renovação socioeconômica e motivo de orgulho cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos por patrimônio cultural a representação material ou imaterial da memória dos povos, classes e instituições, interpretados além de uma ótica política ou científica, visto também sob um discurso de legitimação enquanto legado, herança social desta memória, onde esses mesmos povos se identificam diante da sua relação com a natureza, com o território e suas ações produtivas possibilitadas por práticas e técnicas particulares. Esse mesmo patrimônio possui possibilidades que vão além de sua conotação simbólica, já que podem ser orientados como recursos de transformação da realidade social dos povos no presente, diante da opressão, da manipulação histórica dos meios de produção e das necessidades de transformação na ordem dos fatos, já que estes mesmos povos carecem de remédios, educação, saúde, transporte e, também, se esta for a sua escolha, modernidade. Por isso, as mudanças na ordem das funções culturais ficam mais do que justificadas diante da necessidade da sobrevivência.

A Colônia de Pescadores Z3, vila de pescadores profissionais artesanais, localizada às margens da Lagoa dos Patos também identifica-se com uma série de elementos socioculturais legados por diversas gerações de moradores que definem o seu sentido patrimonial. Observamos neste trabalho que os nativos locais também passam a interpretar este patrimônio cultural além de sua ótica simbólica, de significado ritualístico, transmitido e registrado pela memória prática ensinada, reproduzida e assimilada no cotidiano histórico da pesca, enquanto mercado tradicional. Comprovamos mediante aplicação metodológica, e seus resultados, que muitos moradores locais passam a superar graves problemas sociais como desemprego, ausência de renda, carência de perspectivas e baixa-estima, através da resignificação de sua cultura que passa a transitar entre o simbólico e o mercadológico, mas sem perder a sua base de transformação da natureza em cultura, já que é da cultura da pesca que surgem diversidades como artefatos, celebrações, costumes, tradições, hábitos, expressões, saberes,

fazeres e comportamentos. O pescado que, anteriormente, era comercializado com as salgas, passa a ser, também, comercializado no atendimento a um turismo que se expande cada vez mais. E, nisso, temos um papel importante, enquanto ex-moradores que projetam o incentivo ao turismo com base no patrimônio cultural local.

Os moradores empreendedores no turismo usam seus aspectos culturais, tais como técnicas tradicionais e seus resultados materiais de produção, passadas pela memória de gerações, na tentativa de recompor a qualificação do quadro social local, baseado, também, na atividade pesqueira através de uma representação organizacional da própria cultura para o atendimento do turismo:

Para sobreviver no futuro, toda comunidade carrega consigo suas memórias do passado – personagens, eventos, rituais, canções, histórias e objetos. São memórias e referências que sustentam uma cultura que nem sempre se mantém face aos desastres, à opressão e aos meios de comunicação do mundo atual. Muitas dessas memórias são privativas e reservadas às comunidades, mas algumas podem e merecem ser compartilhadas com os visitantes, tanto para aumentar a auto-estima local, quanto para proporcionar um rendimento extra, fruto da visita (GOODEY, 2002: 138).

Além disso, o investimento em turismo oportuniza certa independência financeira quebrando um jogo histórico de dependência ao atravessador e as variações no mercado da pesca, caracteristicamente, marcado pela incerteza de produção e renda: “os seres humanos e os movimentos sociais também se esforçam para produzir alguma coerência e continuidade e, através disso, exercer algum controle sobre os sentimentos, as condições e os destinos” (JOHNSON, 1999: 94). Entretanto, deixamos claro que é somente diante de uma situação de crise – ou ascensão (no caso do período de ascensão da atividade pesqueira em que se deslocavam caminhoneiros, negociadores, entre outros para a Colônia Z3) – que as pessoas, orientadas pela necessidade, interpretam o seu papel na transformação da sua realidade. E essa ação só é possibilitada, do ponto de vista do turismo atual, pelas reais necessidades de fuga cotidiana, inquietude, estresse, status, conhecimento e intercâmbio cultural que formatam a cultura do turista contemporâneo. Por isso, aos poucos vão surgindo no espaço cotidiano local, pequenos restaurantes e lojas de artesanato, aliados a outros elementos que passam a reconfortar o espírito dos viajantes angustiados pela rapidez de suas ações diárias em centros urbanos.

Através de entrevistas aplicadas a turistas, e a potenciais empreendedores, conseguimos compreender que, atualmente, esta vila de pescadores projeta iniciativas de alternativa de emprego e renda na busca pela superação da crise na cadeia produtiva da pesca, e seus reflexos sociais, através da própria cultura herdada de seus antepassados. Na Colônia Z3, utilizam-se, turisticamente, modos tradicionais de transformação da natureza em cultura como as comidas, os artesanatos (barcos de madeira em miniatura), bem como aplica-se alto investimento na espetacularização da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*. Além desses elementos, já institucionalizados do ponto de vista da apelação turística, o caráter simples e humilde, solidário e recíproco do pescador destaca-se como um dos fatores estimuladores do processo turístico local. Nos impressionou em nossas atividades de pesquisa de campo o quanto o comportamento simples, hospitaleiro e tranquilo dos pescadores foi colocado em pauta pelos visitantes locais (ex-moradores, parentes e amigos de moradores, turistas, negociantes, entre outros) como um fator diferencial no seu deslocamento, permanência e caracterização do local. Identificamos, com apoio de literatura, que esses grupos são basicamente compostos de pessoas que, fugindo do cotidiano urbano, marcado pela rapidez das atividades, pressões do trabalho que evoluem para a pressão imposta pelo urbanismo e suas poluições visuais e sonoras, buscam, em locais como a Colônia de Pescadores Z3, minimizar suas ansiedades, angústias, inquietudes, causados pelo estresse e correria cotidiana.

Com isso, o campo e a costa com sua estética, suas tradições e seus ritmos temporais imprimem um sentido de tranquilidade e nostalgia ao olhar do turista. Estes fatores passam a ser o fundamento das motivações e expectativas das viagens contemporâneas. O turista atual se constitui num verdadeiro “consumidor cultural”, mas um consumidor que busca conhecimento e revitalização das forças físicas e espirituais. Enfim, o comportamento humilde, sem grandes pretensões financeiras e a atitude receptiva de sociedades que mantêm hábitos e costumes tradicionais, traduzem um novo sentido à existência inquieta dos viajantes. E autores como Jean Ziegler (1996), Agustín Santana (2006) e Néstor Canclini (2006) legitimam isto ao dedicar parte de seus estudos ao papel da cultura na resistência dos povos diante das agruras existenciais, e qual a relação disso com o perfil dos turistas que se deslocam em busca desenfreada pelas formas culturais para obtenção de status, renovação física e conhecimento. Esses turistas acabam, também, por gerar um sentido interpretativo e mesmo despertar os nativos para o valor de sua cultura. O pesquisador chinês Yi – Fu - Tuan (1980) considera que o turista visitante percebe as virtudes e defeitos do lugar visitado. Essas noções muitas vezes não mais ou nunca foram percebidas pelo nativo nos seus hábitos e costumes cotidianos (TUAN, 1980).

A conotação gerada sobre a simplicidade, aliada às artes, à gastronomia e aos eventos torna-se carro-chefe de uma série de chamadas publicitárias no incentivo e estímulo ao turismo na Colônia de Pescadores Z3. Isto acaba gerando um aumento do fluxo de pessoas em direção ao local. Essas pessoas passam a identificar e a interpretar um número sem igual de aspectos particulares, aspectos que o nativo não percebia mais ou nunca percebeu. Isso passa a gerar, com apoio de terceiros, um sentimento de empreendedorismo local na abertura de espaços de atendimento à demanda de visitantes, através do uso das próprias características e elementos culturais locais, antes de uso cotidiano apenas dos moradores, porém, agora, trabalhados e conduzidos, também, ao atendimento dos turistas e seus interesses de visitação. Exemplos que ilustram esse processo são a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* (evento religioso que de celebração local, com a presença de poucos visitantes, adquire com o passar do tempo um caráter de espetáculo, repleto de investimentos, atrações e atividades para atender a uma crescente demanda que se expande mais a cada edição anual), os pequenos restaurantes e os espaços de artesanato.

A crença na f e e as atitudes em razão da religiosidade geram profundas ações de reciprocidade entre moradores da Colônia de Pescadores na celebração e homenagem a sua santa protetora durante a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*. Na aplicação metodológica para atingir os objetivos deste trabalho descobrimos que este evento atrai milhares de visitantes em direção ao local, tanto no dia do evento (2 de fevereiro), quanto na véspera quando ocorre uma procissão terrestre pela vila de pescadores. Momento de celebração, agradecimentos, pagamento de promessas, missas e procissões realizados não somente por nativos, mas também pelos visitantes, esse evento a cada ano aumenta de proporção diante do nível de investimento em infra-estrutura, publicidade e novas atividades de entretenimento, além de comercialização de artesanatos e pratos da culinária local. Contudo, mesmo diante desse incentivo à espetacularização, diversas ações tradicionais ainda são reproduzidas como a decoração de casas, ruas e barcos, procissões terrestre e lacustre, almoço coletivo, missas, rituais de carregamento do pequeno barco que leva a santa, realizado por homens, sobretudo pescadores, entre outras atividades. Isto fomenta uma elevação anual do fluxo turístico da festa, o que gera um aumento da simbiose entre f e, mercado e entretenimento.

Essa f e manifestada durante a realização da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* representa uma oportunidade dos moradores responderem pelas graças atendidas, pedirem em prol de proteção e produtividade na prática da pesca, mas também de se “libertarem”, profanamente, em bailes e passeios de barco e outras atividades de sociabilidade. Além disso, a festa permite o ganho de dinheiro extra através da comercialização de produtos artesanais e

pratos da culinária típica. Os artesanatos comercializados são imagens em miniatura da santa envolta por conchas. Já os pratos da culinária local são tainhas assadas, saladas de peixe, pastéis de camarão, bolinhos de peixe, entre outros. A festa oportuniza, ainda, que músicos locais apresentem seu trabalho gratuitamente no espaço do evento. Outra atividade do evento, que passou a ser realizada a partir do ano de 2009, surgida de um projeto criado por nós, foi a exposição museológica focada no histórico da comunidade local intitulada: Exposição do projeto *Ecomuseu da Colônia Z3*.

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes constitui-se num quadro concreto de articulação entre patrimônio cultural e mercado turístico. Isto, porque, nos ancoramos em Pelegrini & Funari (2008) que explicam que as festas e celebrações religiosas são consideradas patrimônio cultural imaterial dos povos que as realizam e as mantêm no curso da história, mas ressignificadas com base nos seus interesses e ordens maiores do presente. Ou seja, para uma vila de pescadores artesanais, a qual sofre as consequências sociais da evolução de uma crise em sua cadeia produtiva de mercado tradicional, este evento representa, além de um momento de agradecimento, petição e homenagem a Nossa Senhora, uma oportunidade concreta de valorização simbólica e mercadológica de sua cultura, respondendo aos objetivos deste trabalho.

Através da aplicação de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com organizadores, participantes e turistas do evento descobrimos que a religiosidade e a gastronomia são os principais veículos de atratividade turística da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*. Para o atendimento da demanda turística baseada nesta atratividade, bem como para engrandecer a homenagem a sua santa protetora, os moradores católicos (maioria na Colônia Z3) se organizam e trabalham ferrenhamente na construção qualitativa da festa. Os moradores decoram suas casas com pequenos altares com a santa, colocam faixas em janelas expressando seu sentimento de fé e crença no sagrado, decoram ruas e barcos com bandeiras de cores azuis e brancas e confeccionam camisetas e bonés com imagens da santa. Além disso, dezenas de pessoas passam duas ou mais madrugadas anteriores ao evento, preparando pescados (inteiros ou manufaturados em forma de bolinhos e pastéis) que serão comercializados no dia seguinte, organizando a infra-estrutura, fazendo contatos com parceiros, artistas e outros atores diretos e indiretos do evento, entre outras atividades que sempre foram comuns durante a preparação e realização dessa festa.

É preciso destacar que identificamos em nosso trabalho que, independentemente de seu caráter espetacularizado, a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* une moradores e turistas em atos comuns em torno da celebração da fé em busca de “algum tipo de experiência

enaltecedora” (URRY, 2001: 26). Essa reatualização da memória pública impressa na *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* atinge seu ápice em três atividades principais, as quais são baseadas na religiosidade e na gastronomia enquanto elementos culturais particulares da Colônia Z3: a procissão terrestre, realizada no dia anterior ao evento, bem como o almoço comunitário e a procissão lacustre realizados no dia 02 de fevereiro.

Paralelamente a aplicação de nossas estratégias metodológicas em pesquisa de campo, realizamos uma série de pesquisas bibliográficas onde identificamos estudos de caso com eventos religiosos em que essa dimensão gerada na relação entre patrimônio cultural e mercado turístico, entre o simbólico e o comercial, é destacada. Entre os exemplos desses estudos estão as pesquisas com as festas italianas e a expansão do turismo de Maria Nazareth Ferreira (2001), e as pesquisas de Stefan Claesson, Robert Robertson e Madeleine Hall-Arber (2005), pesquisadores da Universidade de Massachusetts, os quais analisando comunidades pesqueiras americanas, observaram que a demanda para cada festa ligada a pesca nesses locais é de em torno de 1000 a 3000 visitantes. Assim como a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes* esses eventos possuem valores religiosos e simbólicos que incorporam qualidades culturais para o atendimento do mercado turístico, já que nos mesmos, também se comercializam pratos da gastronomia e artesanatos locais, e realizam-se diversas atividades de entretenimento (CLAESSON; ROBERTSON & HALL-ARBER, 2005). Isto nos serviu para legitimar ainda mais a dimensão turística adquirida pelas festas religiosas, atualmente, respondendo, ainda mais, o objetivo deste trabalho de análise da relação entre mercado turístico e patrimônio cultural.

Já no que tange a apelação turística que acompanha a gastronomia local, observamos neste trabalho que esta sempre foi um atrativo turístico por excelência na Colônia de Pescadores Z3. Na época de grandes safras em que diversos caminhoneiros deslocavam-se para o local para se abastecerem de pescados, o que fomentava a abertura de pequenos restaurantes que serviam pratos típicos locais e na *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, a gastronomia fomenta um eterno deslocamento de ex-moradores, parentes e amigos de moradores, que seguem até hoje em direção ao local para almoçar e jantar na casa de moradores em datas festivas como natais, viradas de ano, páscoa, aniversários, entre outros momentos de sociabilidade. Por isso, independentemente do fomento atual do turismo, a gastronomia sempre foi um atrativo por excelência de visitantes que se deslocam em direção à Colônia de Pescadores Z3. Isto é comprovado pelas observações de Furtado (2006) que considera a gastronomia um dos principais vetores do interesse turístico, por estar ligada ao prazer, a possibilidade de conhecer outras culturas, tendo um diferencial de manter vínculos

simbólicos com a cultura produtora, e assumir, também, possibilidades mercadológicas (FURTADO, 2006). Além de tudo isso, a gastronomia acaba por expandir a oferta turística, ao gerar ainda um interesse por outros elementos culturais e fortalecer a imagem do local visitado (FURTADO, 2006; MASCARENHAS & RAMOS, 2008). Essa imagem é fortalecida principalmente diante dos serviços turísticos de receptividade, qualidade e sabor do produto oferecido, estética dos pratos que se apresentam ao visitante, entre outros aspectos. Com isso, se a viagem proporciona uma ruptura com o cotidiano, experimentar coisas que diferem do seu cotidiano representa para os viajantes uma possibilidade de reconforto físico e espiritual, além de conhecimento sobre os hábitos de outros povos e culturas.

Todo esse processo citado é observado na expansão do turismo na Colônia de Pescadores Z3, já que o setor tem na gastronomia sua principal força motora de atratividade e promoção. No local podemos encontrar os mais diversos pratos de uma gastronomia baseada em receitas, cujos ingredientes principais são tainhas, linguados, anchovas, corvinas, bagres, siris e camarões capturados pelos pescadores em seu principal campo de trabalho: a Lagoa dos Patos. Normalmente são as mulheres destes pescadores, as responsáveis pela confecção de uma série de pratos que atraem milhares de visitantes em direção a Colônia de Pescadores Z3. Já sobre a promoção e interesse turístico pela gastronomia local identificamos, após aplicação metodológica de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com turistas e moradores, que a gastronomia era sempre mais destacada que qualquer outro elemento, enquanto motivação principal para o deslocamento daqueles. E, ainda, em pesquisa bibliográfica encontramos diversas matérias de periódicos, textos publicados em artigos científicos, entre outros, que destacam o nível de apelo turístico com base na gastronomia local.

São estudantes, professores, empresários, profissionais liberais, servidores públicos, entre outros que destacam as receitas passadas por gerações, sobretudo de mães para filhas ou avós para netas, na Colônia Z3, como o seu grande diferencial cultural que os impulsiona a visitação local. Este impulso observado é causa e consequência do empreendedorismo turístico local, caracterizado pela abertura de três espaços, ou melhor, três pequenos restaurantes especializados no atendimento de grupos e indivíduos ávidos pelos sabores, aromas e texturas da gastronomia local. São eles: o espaço gastronômico “Delicias da Dete”, o espaço gastronômico “Quiosque da Z3” e o restaurante “Litoral Frutos do Mar”, este último mais próximo de uma perspectiva de ser considerado restaurante, na medida em que os outros, por serem ambientados em espaços bastante reduzidos, com atendimento familiar, sem grandes investimentos, não sugerem uma descrição de “restaurante”.

O espaço gastronômico “Delicias da Dete” é de propriedade da cozinheira Jaudete Matos, a qual aprendeu as receitas da gastronomia local com a própria mãe. Esta famosa cozinheira (famosa pela enorme quantidade de referências bibliográficas sobre seu trabalho) é responsável por grande parte do expansionismo turístico da Colônia Z3. Acostumada a fabricação e comercialização de bolinhos de peixe, entre outras iguarias, destinados à restaurantes do Bairro Laranjal, localizado à 8Km deste local, “Dona Dete” passa a interpretar e investir no atendimento de público interessado pela gastronomia local em sua própria residência, adaptando uma pequena garagem para servir de “restaurante”. Essa rusticidade ao invés de se tornar um empecilho ao seu projeto (já que a mesma atende poucas pessoas por vez, obrigando outras a esperar que os primeiros terminem seu almoço ou janta) foi colocada pelos turistas entrevistados e pela própria empreendedora como o seu grande diferencial. Ela destaca que seu empreendimento foi gerado pela necessidade de ocupação e renda, e que os resultados de seu esforço estão na vinda dos turistas que chegam dos mais diversos lugares, tanto de Pelotas, quanto do resto do mundo.

Já o “Quiosque da Z3” também representa um empreendimento de grande repercussão no incentivo ao turismo gastronômico local. Projeto inicial da Cooperativa “Lagoa Viva” com o apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, nesse pequeno espaço rústico, onde trabalham membros de uma mesma família, também são comercializados pratos típicos da gastronomia local, além de artesanatos confeccionados com peles, ossos e escamas de peixe, redes em desuso e conchas. Bierhals (2007) descreve em seu trabalho o potencial turístico deste quiosque ao explicar que o mesmo encontra-se localizado próximo à orla da Lagoa dos Patos, e que isto representa um fator a mais em sua atratividade (BIERHALS, 2007).

Por último, outro empreendimento de destaque na valorização turística do patrimônio cultural gastronômico da Colônia de Pescadores Z3 é o restaurante “Litoral Frutos do Mar” de propriedade de Orlando Eichholz. Conversando com este, pudemos compreender que a relação entre patrimônio cultural e mercado turístico na Colônia Z3 se dá, realmente, na interpretação da oportunidade comercial com base na própria cultura, diante da necessidade de emprego e renda. Segundo Orlando Eichholz, fazia algum tempo em que tinha idéia de abrir um restaurante e que, após fazer um teste, viu que, para uma localidade que busca empregabilidade, seu empreendimento teve excelentes resultados. Este restaurante, localizado também próximo a orla da lagoa, diferentemente do espaço “Delicias da Dete”, e igualmente ao “Quiosque da Z3”, funciona apenas no período de verão.

Tais empreendimentos citados praticamente nos obrigam a aceitar o que já um fato para alguns moradores locais: o uso da própria cultura para minimizar uma situação de

desconforto social gerada pela evolução da crise no comércio e na cadeia produtiva da pesca profissional artesanal. O patrimônio cultural imaterial, legado por gerações de uma mesma família, representativo do meio socioambiental dos moradores passa a gerar auto-estima, perspectivas de futuro e dinamização socioeconômica através de seus usos turísticos. Isto transcreve ao patrimônio um sentido além de sua ótica simbólica, mas um sentido mercadológico, onde assume a forma de produto comercializável. O patrimônio torna-se, além de um agente da memória – para equilibrar o espírito e sustentar a continuidade cultural de uma sociedade marcada pela degradação de seu tecido social – um agente da economia, atingindo seu ápice durante os eventos e encontros de família e religiosos, como a *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, e em períodos de veraneio com o deslocamento de turistas em direção aos “restaurantes” locais. Porém, além desses empreendimentos citados existe um outro elemento que passa a expandir o sentido turístico focado na cultura da Colônia de Pescadores Z3: o artesanato.

No que tange o artesanato local e sua apreciação pelo olhar do turista que visita a Colônia Z3, observamos neste trabalho que o seu grande diferencial atrativo encontra-se na relação que estes possuem com a cultura pesqueira local. Na Colônia Z3 são confeccionados diversos objetos que fazem algum tipo de referência com a identidade da pesca profissional artesanal. São objetos tradicionalmente confeccionados, cuja técnica foi passada por diversas gerações de homens de uma mesma família. São os barcos em miniatura confeccionados em peça de madeira inteira, como uma escultura ou a partir de pedaços separados de madeira, como se fossem peças montadas, porém sem perder a morfologia e a estética que os identificam com os barcos maiores. São patrimônio cultural da Colônia de Pescadores Z3, por ter técnica transmitida e registrada por diversas gerações de pescadores. Uma outra forma de artesanato produzido, nos quais não nos detemos neste trabalho, são aqueles baseados em cursos de formação técnica para ocupação e renda de mulheres que dependentes dos maridos desenvolvem estados de depressão e baixa-estima diante da carência de perspectivas. São colares, brincos e broches feitos com escamas, bolsas feitas com peles, ornamentos feitos com ossos, vestimentas feitas com redes de pesca em desuso e pequenos altares de *Nossa Senhora dos Navegantes* confeccionados com conchas. Embora essas formas artesanais difiram quanto a utilização e a relação com a cultura, ambos são confeccionados manualmente.

Em pesquisas bibliográficas buscamos relacionar uma série de autores que discorressem sobre o artesanato (entre eles: CRIADO, 2006; ALFONSO, 2003). Compreendemos seguindo estes autores que um objeto para ser entendido como artesanato deve ter como premissa básica sua materialidade ditada por imperativos culturais, ou seja,

deve possuir uma ligação de dependência com a cultura produtora, e deve ser confeccionado tendo por ação principal e primordial, a manual (ALFONSO, 2003). Pode servir como adorno, como ornamento estético, de uso cultural enquanto instrumento e ferramenta de trabalho, decorativo, ritualístico, entre outros. Por exemplo, na Colônia de Pescadores Z3, os barcos em miniatura são utilizados tanto como recurso ritual de incitação de crianças a assimilação da cultura pesqueira, quanto servir como objeto decorativo exposto em estantes de casas da zona urbana de Pelotas, após serem adquiridos por visitantes locais.

Segundo Criado (2006), para ser artesanal o objeto dever emanar conteúdo étnico da tradição e da cultura produtora. O artesanato tradicional, por exemplo, é um objeto que carrega materialidade e intangibilidade patrimonial ao ser concretamente presente e por carregar em sua construção, a imaterialidade da técnica, da percepção e da interpretação de sua funcionalidade cultural. Essa funcionalidade cultural é possibilitada pelo simbolismo impresso em mãos habilmente treinadas e adaptadas para sua construção. O importante é que o artesanato expresse algo da cultura local, o que do ponto de vista do turismo representa a sua principal chamada comercial. Entendemos, neste trabalho, que isto gera certo grau de ambigüidade, principalmente nos artesanatos tradicionais, que passam a ter conotação simbólica e mercadológica, caso passem a ser objetos de olhar do turista que dá novos usos, significados e interpretações sobre o mesmo. Mas não somente o turista deleita-se com as formas artesanais, já que muitos nativos locais (juntamente com aqueles) enxergam o artesanato sob uma ótica nostálgica, como verdadeira referência de memória de tempos antigos onde tudo reluzia arte. Isto estimula a evocação do passado para renovação das raízes, através do contato visual e físico com os artesanatos e suas formas, funções e cores. Isto pressupõe, ainda, uma reflexão que vai além de todos estes aspectos de evocação e romantismo que atraem turistas e, também, os nativos, pelas formas artesanais, já que pressupõe o entendimento do valor socioeconômico do artesanato na geração de emprego e renda para sociedades marcadas pela pobreza, marginalidade e dependência econômica: “Hoje, os remanescentes rurais são segmentos que vão se organizando e querem participar: direito à justiça; ao trabalho; à aposentadoria; à saúde e educação; à habitação moderna com seus confortos; os progressos tecnológicos, à participação da mulher, etc” (YAZIGI, 2001: 26).

Muitas vezes essa participação na modernidade e na qualidade de vida institui uma ordem de mudança nas bases culturais de uma sociedade, ou mesmo a invenção de culturas, espetacularizando a identidade, o que passa a ser um pressuposto ao incentivo, estímulo e atendimento ao turismo que se manifesta lenta ou rapidamente. Porém, se de um lado o

turismo gera uma espetacularização da cultura, “de outro, viver de migalhas torna a vida simplesmente indigna e chata” (YAZIGI, 2001: 288). E “se ao grupo social convier que a forma seja trabalhada em seu próprio interesse, a mudança fica mais do que justificada” (YAZIGI, 2001: 23). Contudo, é preciso explicar que os usos finais do artesanato local pelos turistas passam a ser totalmente ornamentais e decorativos. Os usos ritualísticos e simbólicos dos barcos em miniatura da Colônia Z3, por exemplo, passam a ser estético-ornamentais, carregados de simbolismo cultural romantizado, o que obriga também que os artesãos adaptem seus saberes e técnicas para o mercado turístico (ZIEGLER, 1996; CRIADO, 2006; CANCLINI, 2006a). Esta adaptação obriga ações como abertura de espaços de comercialização, participação em eventos, substituição de cores, entre outras ações. Passam a surgir, assim – e na Colônia de Pescadores Z3 é visivelmente perceptível – pequenos espaços de produção, exposição e comercialização de artesanatos. Estes espaços são basicamente compostos por membros de uma mesma família, ou amigos. Toda essa preparação e adaptação é baseada nos processos de mudança que são submetidas as economias dos pescadores com a expansão de novos modelos capitalistas (CRIADO, 2006). Ou seja, encerram-se atividades em modelos capitalistas tradicionais e abrem-se novos sistemas, turísticos, neste caso. Por isso, direcionam-se peças tradicionais, com funcionalidade comercial simbólica, para um mercado turístico-cultural exclusivo em total expansão.

Representação fiel dos maiores, os barcos em miniatura são patrimônio imaterial da Colônia de Pescadores Z3. De funcionalidade histórica ritualística, sua técnica construtiva é passada por várias gerações de pescadores, tal como afirmou o pescador e artesão João Oliveira ao explicar que aprendeu o ofício com o pai. São peças únicas ou montadas de madeira que sempre representaram uma renda-extra para seus produtores. Contudo o objetivo final de sua comercialização para aqueles que os adquiriam era dar de presente aos filhos. Inevitavelmente, meninos brincando com esses artesanatos na orla da Lagoa dos Patos, e em ruas da própria localidade em períodos de enchente, passavam a desenvolver um sentimento de interesse pela prática da pesca, ao assimilarem o trabalho desempenhado pelos pais. Todavia, com a evolução da crise na cadeia produtiva da pesca e seus efeitos multiplicadores na economia local, tais artesanatos passam a ser objetos do olhar de turistas que se deslocam para a Colônia de Pescadores Z3. Essa apreciação visual transforma-se em apreciação mercadológica na medida em que institui o sentimento empreendedor nos seus produtores culturais que passam a confeccionar os barquinhos no atendimento de pedidos de turistas e outros visitantes locais. Isto possibilita a melhoria da qualidade de vida focando ações sobre a própria cultura, além do mais, os novos significados gerados sobre essa cultura possibilitam a

sua valorização e continuidade construtiva, pois sem o advento do interesse turístico, muitas atividades culturais “poderiam desaparecer, por não mais exercer uma função social na sociedade modernizada” (DIAS, 2006: 63), gerando, inclusive, certo prestígio social e orgulho ao artesão que passa a apresentar a sua cultura, a sua identidade aos de fora com base numa comunicação produtiva que nasce do intercâmbio entre turistas e nativos (SANTANA, 2006; CANCLINI, 2006a).

Com isso, através desses exemplos citados (simplicidade, *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, gastronomia e artesanato) de uso do próprio patrimônio na tentativa de minimizar as suas problemáticas sócias, cremos que com o advento do turismo, a Colônia de Pescadores Z3 busca a transformação de sua realidade transitando entre o simbólico e o mercadológico. Diversos moradores visualizam (e agem nisso) uma oportunidade de minimizar a sua crise socioeconômica através das próprias habilidades e ações culturais herdadas pela tradição, tendo como pano de fundo o apelo gerado pelo turismo sobre as mesmas. Isto faz com que a interpretação simbólica seja substituída pela interpretação comercial, o que também serve de valorização cultural, já que ocorre certa revitalização de habilidades e técnicas parcialmente esquecidas, mas que diante de uma nova realidade se renovam como pressupostos para alavancar a economia, contribuindo na geração de trabalho e renda. Sociedades como a Colônia de Pescadores Z3 investem muito pouco na produção, mas obtêm resultados significativos na produção e comercialização de sua cultura. Sua expressividade cultural atrai, neste momento, diversos turistas, o que conseguimos identificar com a aplicação metodológica em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo para a construção deste trabalho.

E, dessa forma, concluímos este trabalho respondendo nossos objetivos iniciais de análise e reflexão sobre como se processa a relação entre patrimônio cultural e turismo numa localidade de pescadores profissionais artesanais que atravessa nos últimos anos (principalmente a partir da última grande safra de pescados no ano de 2000) uma evolução da crise na pesca junto a Lagoa dos Patos. É diante de um processo de interpretação local, com a ajuda de agentes externos (como nós mesmos, em nossa ação e participação em projetos), publicações e discussões sobre o turismo local, que o patrimônio cultural material e imaterial da Colônia de Pescadores Z3 passa a ser visto e valorizado além de sua condição simbólica de inserção no universo da cadeia produtiva da pesca artesanal, de continuidade da tradição para a promoção do equilíbrio social e individual através da crença no sagrado. Ele passa a ser significado, também, por suas possibilidades de uso mercadológico na oportunização de ocupação e geração de renda para pessoas desesperadas por qualidade de vida e perspectivas de garantia da preservação de sua própria identidade.

Com base neste trabalho, compreendemos, ainda, que o turismo vem contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos moradores da Colônia Z3, ao gerar auto-estima, orgulho pela própria cultura e sentido de empreendedorismo na medida em que a localidade sempre foi dependente de um sistema produtivo que os prendia as teias de um comércio pesqueiro tradicional que institui uma relação absolutamente desigual entre pescadores e proprietários de peixarias, os chamados “atravessadores”. Além do mais, os moradores estão acostumados a depender de políticas assistencialistas e normativas políticas de ordem ambiental que os impede da prática da pesca em determinados períodos do ano, os chamados períodos de “defeso”. O turismo institui, assim, uma espécie de libertação e autonomia produtiva e financeira para seus empreendedores na medida em que proporciona empregabilidade, renda e valorização cultural com base em atividades familiares. Ele promove uma revitalização do tecido social na medida em que proporciona a possibilidade de produções econômicas alternativas com base na própria cultura. O advento do turismo ainda auxilia na promoção da valorização e revitalização de elementos do patrimônio cultural, sobretudo o imaterial, reproduzidos pela tradição, tais como a culinária, a confecção artesanal de barcos em miniatura e as festas religiosas, pois “o patrimônio cultural se enriquece e se conserva através do intercâmbio” (MAZUEL, 2000, 201). Complementando essa discussão sobre a revitalização da cultura, valorizada pela inserção do turismo, a qual observamos na Colônia de Pescadores Z3, Rodrigues (2005) explica que

Hoje entendemos que, além de servir ao conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhos de experiências vividas, coletiva ou individualmente, e permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns, que fornecem o sentido de grupo e compõem a identidade coletiva (RODRIGUES, 2005: 17).

Querer melhorar as condições de vida, através de mudanças significativas na ordem dos fatos histórico-sociais, é um processo quase impossível quando não se tem acesso ao trabalho remunerado, à financiamentos para produções, e mesmo à alternativas de produção. Todavia, os fragilizados e subjugados possuem algo intrínseco ao seu cotidiano de opressão que muitas vezes é percebido e interpretado apenas pelos de fora. Um valor considerado sagrado pelos viajantes atuais: o patrimônio cultural local, manifestado através de comportamentos de humildade e solidariedade aos seus visitantes. cremos que esta identificação é o grande mérito deste trabalho que deixa, em aberto, possibilidades futuras de

pesquisa, diante dos potenciais resultados do expansionismo turístico na Colônia de Pescadores Z3. Este trabalho poderá servir, também, para um entendimento maior acerca das várias possibilidades teóricas e práticas do patrimônio cultural, tendo, ainda, a condição de servir de suporte na construção de um conhecimento mais aprofundados dos resultados que emergem da relação entre patrimônio cultural e turismo, já que o quadro social do turismo que se cria na Colônia de Pescadores Z3, do qual fazemos parte, como um dos atores principais, pode ser caracterizado neste momento de construção deste trabalho, além de seu conteúdo mercadológico, pois minimiza, além dos problemas sociais, a perda de características culturais, causada justamente por estes problemas. Futuramente, este trabalho poderá avançar na análise do nível de transformação social com base neste turismo que se expande a cada dia. Explicando quais as alterações no comportamento, as mudanças culturais, ambientais, sociais, econômicas e administrativas geradas pelo turismo no antigo “Arroio Sujo”.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas:

ALFONSO, María José Pastor. **El patrimonio cultural como opción turística**. In: Horizontes Antropológicos. vol.9 no.20 Porto Alegre Oct. 2003.

ALMEIDA, Camila. **A eterna dependência na pesca artesanal**. Cidade: Diário Popular, Pelotas, 15 de Março de 2009, p.7.

ALVES, Carlos Alberto. **O impasse do Ecomuseu da Colônia Z3**. Jornal O Pescador, Ano X, Nº 46, Junho/Julho de 2009, p.6.

BAHL, Miguel. **Turismo e Cultura: Promoção e Coordenação**. In: *Anais.../ Congresso de Turismo Cultural, Lusofonia e Desenvolvimento*: Universidade Federal de Pelotas; Instituto Politécnico de Tomar. Centro de Estudos de Turismo e Cultura; Associação das Universidades de Língua Portuguesa. – Pelotas: EGUFPEL, 2000, p.85-92.

BAIROS, Jacqueline Valle de; MOURA, Amanda; RIELTH, Flávia. **Estudo sobre a culinária e o artesanato local como atrativos turísticos na Colônia de Pescadores Z3 / Pelotas - RS**. XVI Congresso de Iniciação Científica: Pesquisa e Responsabilidade Ambiental, Universidade Federal de Pelotas - UFPel, 27, 28 e 29 de Novembro de 2007. Retirado do WorldWebSite: http://www.ufpel.tche.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH_00365.pdf

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução, Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1999.

BENEVIDES, Ireleno Porto. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: BALASTRERI, A. Rodrigues, org. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997, p.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. – 2ª ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

BIERHALS, Raquel. **Delícias com sabor regional**. Caderno Estilo: Diário Popular, 28 de Janeiro de 2007.

BONOW, Ellen. **Recursos naturais são atração da Z-3 no verão**. Temporada: Jornal O Pescador, Novembro de 2003, N° 26, p.6-7.

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**; tradução: Silvio Mazza, São Paulo, 1979.

CAMPOS, Marcelo Tavares de Souza; FIGUEIRA, Michel Constantino; LOCH, Carlos. **Interpretação mercadológica turística com base no patrimônio cultural da Zona de Pesca 3 (Colônia Z3) no município de Pelotas – RS**. X SIT – Seminário Internacional de Turismo – Observatório de Turismo da UFPR; Universidade Positivo; Curitiba, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução Maurício Santana Dias. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006 a.

_____. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**; tradução Heloíza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4. ed. 1. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006b.

CARDOSO, Reizel. **Colônia Z-3 pode ganhar projeto de turismo**. Turismo: Jornal O Pescador, Ano VII, N° 36, Junho de 2007, p.5.

CAVACO, Carminda. Turismo, Comércio e Desenvolvimento Rural. In: **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento** / organizadores Joaquim Amécio Almeida, Mário Riedl. Bauru: EDUSC 2000, p.69-94.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya; SANTOS, Denise Ondina Marroni dos; MELO, Alan Dutra de. (Orgs.). **Educação patrimonial: perspectivas multidisciplinares**. Instituto de Memória e Patrimônio e Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPEL. – Pelotas: Editora da UFPel, 2008.

CLAESSON, Stefan; ROBERTSON, Robert A & HALL – ARBER, Madeleine. **Fishing heritage festivals, tourism, and community development in the Gulf of Maine**. In: *Proceedings of the 2005 Northeastern Recreation Research Symposium*. P. 420 – 429. Retirado do word wide web: http://www.fs.fed.us/ne/newtown_square/publications/technical_reports/pdfs/2006/341%20papers/claesson341.pdf em 28 / 06 / 2008.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. 1988.

CRIADO, Encarnación Aguilar. Entra la tradición y la modernidad: las artesanías una propuesta de análisis. In: **Cultura y Mercado: estudios antropológicos sobre la problemática artesanal**. Monica Rotman (Compiladora), Ed. Minerva, Buenos Aires, 2006, p.13-40.

DELLA MONICA, Laura. **Turismo e Folclore: um binômio a ser cultuado**. 2ª Ed. São Paulo: Global, 2001.

DIAS, Ana Claudia. **Artesanato é a marca cultural da Colônia Z3**. Cidade, Diário Popular. Pelotas, 8 de março de 2004, p.4.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades** / Reinaldo Dias. – São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. – São Paulo: Arte & Ciência – Villipress, 2001.

FERREIRA, Michele. **Da Lagoa ao prato: as delícias que levam público à Z3**. Gastronomia, Caderno Estilo: Diário Popular, 25 de janeiro de 2009, p.12.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989. **Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 5ª ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIRA, Michel Constantino. **Artesanato Zetrezense**. Turismo: Jornal O Pescador, Pelotas, nº 25, Outubro de 2003, p.9.

_____. **As diversidades Culturais e Ecológicas e o Potencial do Turismo Sustentável da Colônia de Pescadores Z3**. Curso de Bacharelado em Turismo – UFPel. Pelotas, 2006a (Monografia).

_____. **Culinária da Z3**. Diário Popular. Pelotas, 2 e 3 de Fevereiro de 2006b, p.6.

_____. **Da Z3 para as ilhas: trilhando a Lagoa dos Patos**. Turismo: Jornal O Pescador, Pelotas, nº 28, Abril de 2004, p.9.

_____. **“Divinéia”**: a “casa” dos barcos. Turismo: Jornal O Pescador, Pelotas, nº 27, Março de 2004, p.9.

_____. **Frutos de um novo mar**. Turismo: Jornal O Pescador, Pelotas, nº 23, Agosto de 2003, p.9.

_____. Frutos de um novo mar: identificação das potencialidades turísticas da Colônia de Pescadores Z-3. In: **Caderno de Resumos**. Seminário Internacional de Turismo e Arqueologia: Patrimônio Cultural e Ambiental, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Santa Maria e Instituto Politécnico de Tomar / Portugal (Org.); Pelotas, Novembro de 2004, p.20.

_____. **O desenvolvimento do turismo em Pelotas**. Opinião: Diário Popular, Pelotas, 10 de Março de 2006, p.6.

_____. **Ó o lobisomem, tchê!:** Folclore na Z3. Turismo: Jornal O Pescador. Pelotas, nº29, Maio / Junho de 2004, p.9.

_____. **Patrimônio Ecológico da Z3.** Diário Popular. Pelotas, 31 de Julho de 2005, p.6.

_____. **Pescando Recordações:** Memórias do Arroio Sujo. Turismo: Jornal O Pescador. Pelotas, n° 24, Setembro de 2003, p.9.

_____. **Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes.** Turismo: Jornal O Pescador, Pelotas, n° 26, Novembro de 2003, p.9.

_____; OYARZABAL, Giuliano. **O lobisomem pescador.** In: Jornal Trilhas ao Sul. Pelotas, ano 01, edição 10, agosto / setembro de 2005, p.3.

_____; PINHO JR, Sérgio; SILVEIRA, Cecília Piccinini. **Da crise à renovação cultural:** um olhar sobre o projeto Ecomuseu da Colônia Z3 / Lagoa dos Patos / Brasil. Patrimoine et Musées / Heritage and Museums, Communautés et Développement, Interactions-Online.com, 01 / 04 / 2009. Retirado do WorldWebSite: http://www.interactions-online.com/page_news.php?id_news=382

FREIRE, Doía & PEREIRA, Ligia Leite. História oral, Memória e Turismo Cultural. In: **Interpretar o patrimônio:** um exercício do olhar / Stela Maris Murta, Celina Albano, organizadoras. – Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002, p.121-130.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELLEGRINI, Sandra. **Patrimônio histórico e cultural.** Pedro Paulo Funari e Sandra de Cássia Araújo Pellegrini (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FURLAN, Sueli Ângelo. Ecoturismo: do sujeito ecológico ao consumidor da natureza. In: **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites.** Adyr Balastrieri (Org). São Paulo: Contexto, 2003.

FURTADO, Fábio Luiz. **A Gastronomia como Produto Turístico.** Retirado do WorldWebSite: <http://www.revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/artigos.htm>, 2006.

GASTRONOMIA. **A gostosa da lagoa.** Diário Popular. Pelotas, 13 de fevereiro de 2005, p.8.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole.** Tradução de Maria Luiza X. de Borges. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOODEY, Brian. Turismo Cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: **Interpretar o patrimônio:** um exercício do olhar / Stela Maris Murta, Celina Albano, organizadoras. – Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002, p.131-138.

GUIMARÃES, Álvaro. **A vida sobre as águas da Lagoa dos Patos.** Diário Popular. Pelotas, 16 e 17 de Abril de 2006, p.3-4.

_____. **Chuva no norte do RS ameaça safra 2004 na lagoa.** Diário Popular. Pelotas, 20 de Dezembro de 2003, p.4.

_____, Álvaro. **Clima de espera na Colônia Z3.** In: **Diário Popular.** Pelotas, 19 de fevereiro de 2004, p.3

_____. **Fartura de Cardumes de Tainha na lagoa anima os pescadores da Z3.** Diário Popular. Pelotas, 05 de Outubro de 2004, p.5.

_____. **Território dividido:** Z-3 quer emancipação. Polêmica: Diário Popular, Pelotas, 06 de maio de 2007, p.3.

HASSE, Geraldo. **Vida empatada.** Pesca: Revista Globo Rural, Outubro de 2009, N° 288, p.52-57.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAGE, Beatriz Helena Gelas. **Economia do Turismo.** Beatriz Helena Gelas Lage e Paulo César Milone (Org.). Campinas, SP: Papirus, 1991.

MACIEL, Marília. **Simplicidade:** o segredo de Porto União. AN Turismo, Joinville, 2000. Retirado do WorldWebSite: <http://www1.an.com.br/2000/jun/21/0tur.htm>

MASCARENHAS, Rúbia Gisele Tramontin; RAMOS, Simone Eloísa. **Qualidade e Marketing: Uma Análise da Imagem do Barreado na Sustentabilidade do Destino Turístico de Morretes – PR.** Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina, V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR, Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008. Retirado do WorldWebSite:
http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin_tur/arquivos/gt13-09.pdf

MATHEUS, Laura de Oliveira. **Barbiele.** - - São Paulo: Luzes no Asfalto, 2008.

MAZUEL, Luc. Patrimônio Cultural e Turismo Rural: o exemplo francês. In: **Turismo Rural:** ecologia, lazer e desenvolvimento / organizadores Joaquim Amécio Almeida, Mário Riedl. Bauru, SP: EDUSC 2000, p.95-115.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. **Turismo e participação comunitária:** Prainha do Canto Verde a “Canoa” que não quebrou e a “Fonte” que não secou? Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. Retirado do WorldWebSite:
<http://www.google.com.br/search?hl=pt/BR&q=prainha+do+canto+verde+pdf&meta>

MORAES, Suélen. **Festa de Navegantes supera expectativas.** Jornal O Pescador, Pelotas, n°27, Março de 2004, p.6.

MOURA, Antonio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: **Turismo e Patrimônio Cultural.** Pedro Paulo Funari; Jaime Pinsky. – São Paulo: Contexto, 2005. 4. Ed, p.37-52.

NETO, Francisco Paulo de Melo. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. In: **Turismo e Patrimônio Cultural.** Pedro Paulo Funari & Jaime Pinsky (Org.). – São Paulo: Contexto, 4. Ed, 2005, p.53-68.

NORRILD, Joana. **El mate como souvenir turístico en Argentina:** su identidad funcional y ornamental. In: La artesanía urbana como patrimonio cultural. – 1ª .ed. – Buenos Aires: Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico Cultural de la Ciudad de Buenos Aires, 2004, p.77-90.

OLIVEIRA, Alexandra Campos. **Turismo em áreas menos desenvolvidas:** caracterização, desenvolvimento e planejamento turístico da Vila de Trindade, município de Paraty / Rio de Janeiro – Brasil. PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Vol.3, Nº 1, p.149-169, 2005. Retirado do WordWebSite: <http://www.pasosonline.org/Publicados/3105/PS110105.pdf>

PEIXOTO, Antônio. **Assaltos deixam comunidade em alerta.** Jornal O Pescador. Pelotas, Nº 16, p.3, Dezembro de 2002.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, Cultura e Turismo.** Campinas: Papirus, 1993.

PERALTA, Elsa. **O mar por tradição:** o patrimônio e a construção das imagens do turismo. SciELO: Scientific Electronic Library Online. Artigos: Horizontes Antropológicos, Vol.9, nº. 20, Porto Alegre, Out. 2003. Retirado do WorldWebSite: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832003000200005&script=sci_abstract

PEREIRO, Xeraldo. **Patrimônio cultural:** o casamento entre patrimônio e cultura. ADRA nº 2. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego, 2006, p 23-41.

PERES, Karina. **História da comunidade zetrezense reunida em museu.** Especial: Jornal O Pescador, Ano VIII, Nº 42, Junho de 2008, p.7.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. **Os companheiros:** trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu. Niterói, RJ: EDUFF, 2003.

PIEVE, Stella Maris Nunes; MIURA, Adalberto Koiti; RAMBO, Anelise Graciele. **A pesca artesanal na Colônia São Pedro (Z3), Pelotas, RS.** XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - Sober: "Conhecimentos para Agricultura do Futuro", UEL - Londrina, 22 à 25 de julho de 2007. Retirado do WorldWebSite: <http://www.sober.org.br/palestra/6/735.pdf>

PINHO, Maria Sonia Madureira de. Produtos artesanais e mercado turístico. In: **Interpretar o patrimônio: um exercício de olhar** / Stela Maris Murta, Celina Albano, organizadoras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Território Brasília, 2002, p.169-180.

RIBEIRO, Roberto. **Colônia Z3 projeta melhor safra dos últimos anos.** Diário Popular. Pelotas, 05 de Janeiro de 2005, p.4.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: **Turismo e Patrimônio Cultural.** Pedro Paulo Funari; Jaime Pinsky. – São Paulo: Contexto, 2005. 4. Ed, p.15-26.

RUAS, Keli Siqueira. **Colônia Z3: sustentabilidade econômica e sócio-ambiental**. 2005. Especialização na área de Geografia. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005 (Monografia).

RUSCHMANN, D. V de M. **Turismo e Planejamento Sustentável**. São Paulo: Papirus, 2001.

SACCO DOS ANJOS, F. NIEDERLE, P.A. SCHUBERT, M.N. SCHNEIDER, E.P. GRISA, C. CALDAS, N.V. **Pesca artesanal e pluriatividade: o caso da colônia Z3 em Pelotas, RS**. II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado, Santa Cruz do Sul, RS – Brasil - 28 setembro a 01 de outubro de 2004. Retirado do WordWebSite: http://www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/desreg/seminarios/anais_sidr2004/urban_o/08.pdf

SANTANA, Agustín. **Antropología y turismo: nuevas bordas, viejas culturas?** Ariel Antropología, Ed. Ariel, S.A. Barcelona, 2006.

SANTOS, Cristiane Nunes dos; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Gastronomia e turismo como vetores do desenvolvimento local**. Anais do 11º seminário de iniciação científica da UESC – Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2005. Retirado do WorldWebSite: http://www.uesc.br/seminarioic/sistema/resumos/11_pag469.PDF

SARAIVA, Douglas. **Pescadores retornam hoje à lagoa**. Cidades: Diário Popular, Pelotas, 01 de Outubro de 2009, p.8.

SCHNEIDER, Taline. **Na trilha do pescador artesanal**. Desenvolvimento: Diário Popular, 26 de agosto de 2007, p.3

SILVA, Bianca Baladam de Souza; DA CRUZ, Luciana Xavier. **Colônia de Pescadores Z3: lazer e inclusão social**. XVII CIC - Congresso de Iniciação Científica: Conhecimento sem fronteiras, Universidade Federal de Pelotas, 11, 12, 13 e 14 de Novembro de 2008.

SILVA, Nilza Costa da. **Turismo de Eventos**. Retirado do WorldWebSite: <http://www.revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/artigos.htm>

SILVA, André Luís da; GURGEL, André Moraes; SILVA, Jeobson Lopes da; DANTAS, Saulo de Tarso Alves; JUNIOR, Moizes Martins; SALDANHA, Maria Christine Werba. **Rendeiras da Vila: resgate cultural e da cidadania através do trabalho artesanal cooperativo**. XXVI ENGEP, Fortaleza - CE, 9 a 11 de Outubro de 2006. Retirado do WorldWebSite: <http://www.scribd.com/doc/12544876/Rendeiras-da-Vila-resgate-cultural-e-da-cidadania-atraves-do-trabalho-artesanal-cooperativo>

SNAWRBROOKE, John. **Turismo Sustentável: gestão de marketing**. Vol. 4, São Paulo: ALEPH, 2000.

TELÓ, Ana Paula; SARAIVA, Douglas; SCHWONKE, Helena. **Como foi a última safra para os pescadores da Z-3?** Enquete: Jornal O Pescador, Ano X, Nº 45, Maio de 2009, p.8.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia**: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

YAZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

WILLIAMS, Raymond, 1921 – 1988. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

ZANELLA, Bianca. **Histórias de pescador guardadas nos mais simples objetos**. Exposição: Estilo: Diário Popular, 01 de Fevereiro de 2009, p.12.

ZIEGLER, Jean. **A vitória dos vencidos**. Tradução Vivaldo Coelho Martins. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

Fontes Documentais:

Folder Turístico do Roteiro Caminhos do Pescador Artesanal. Michel Constantino Figueira e Cecília Piccinini Silveira (Org.), Pelotas, 2007.

Sites:

www.ecoviagem.uol.com.br/brasil/bahia/trancoso/